Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Faculdade de Ciências Humanas (FACH)
Curso de Licenciatura em História

JOAB MARTINS DE LIMA

Grafismos rupestres uma realidade além do Brasil
Correlações Mato Grosso do Sul – Paraguai

04 DE DEZEMBRO DE 2024
CAMPO GRANDE – MS

Faculdade de Ciências Humanas (FACH)
Curso de Licenciatura em História

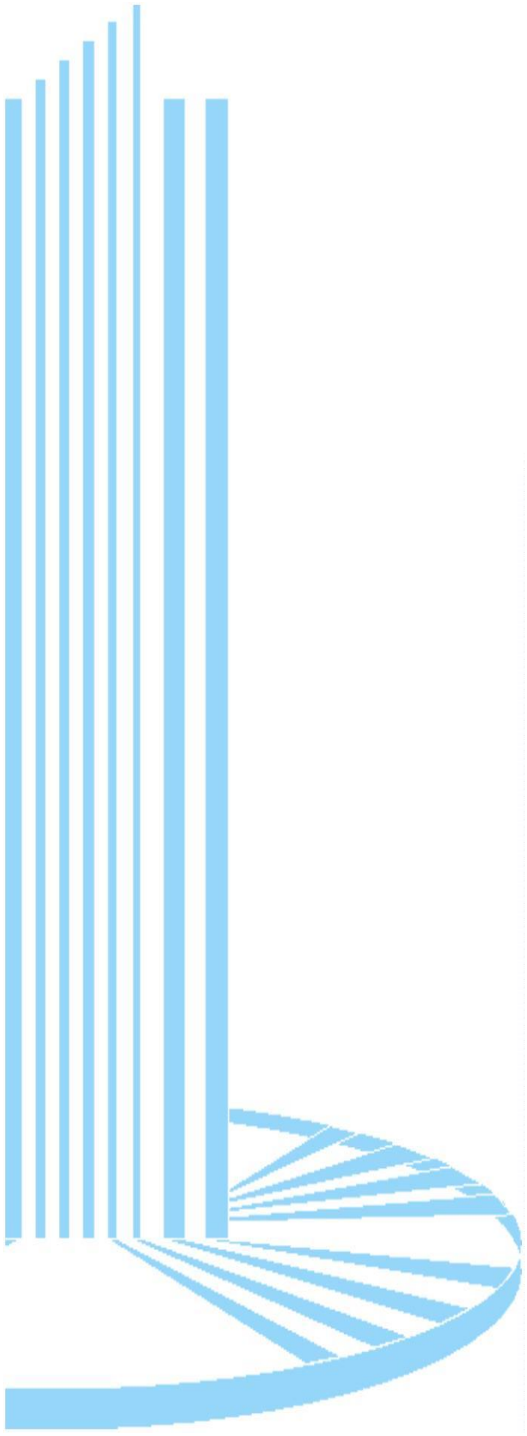
JOAB MARTINS DE LIMA

Grafismos rupestres uma realidade além do Brasil: Correlações Mato Grosso do Sul – Paraguai

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em História da Faculdade de Ciências Humanas (FACH) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

Professora Orientadora: Drª Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques (UFMS).
Coorientador: Prof. Dr. André Luis Ramos Soares (UFSM)

04 DE DEZEMBRO DE 2024
CAMPO GRANDE – MS



BANCA AVALIADORA:

Profª Drª Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques.
UFMS – Orientadora

Prof Dr André Luis Ramos Soares.
UFSM – Coorientador

Prof Dr Juliano Bitencourt Campos.
UNESC – Membro Titular

Prof Dr Carlos Eduardo da Costa Campos.
UFMS – Membro Titular

Aos meus filhos:
Isabela Lopes de Lima e
Heitor Medeiros Martins de Lima,
herança que Deus me deu por sua Graça.

AGRADECIMENTOS

Sou grato primeiramente ao meu Deus, criador dos céus e da terra e origem e dono da vida, a quem rendo glórias e honras por me conceder a vida e saúde, que me fortaleceu nos momentos difíceis, que me concedeu inteligência e capacidade para chegar ao fim de mais uma jornada acadêmica. Se não fosse por ele, me cercando de graça e misericórdia, me concedendo forças, não conseguiria chegar até aqui.

A Professora Drª Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques (UFMS) e ao Professor Dr André Luis Ramos Soares (UFSM), respectivamente, orientadora e coorientador desta pesquisa, a minha sincera gratidão pelas orientações, correções, indicações bibliográficas, exemplo como pesquisadores, por terem aceitado me orientar e pelo incentivo em prosseguir na pesquisa, na qual tenho iniciado os primeiros passos.

Aos docentes do CPAN-UFMS, onde iniciei a Licenciatura em História em 2017 e aos docentes da Faculdade de Ciências Humanas (FACH) – UFMS em Campo Grande – MS, externo minha gratidão pela sólida e profissional formação que me proporcionaram. Com certeza o vosso trabalho não foi em vão.

Ao meu pai Moisés Martins e minha mãe Maria Nelita, agradeço pelo amor, dedicação e educação que me propuseram desde tenra idade, sempre me apoiando e incentivando nos estudos, e por terem me encaminhado nos primeiros passos na educação escolar. Vocês são a base de onde tudo começou.

A minha querida e amada esposa Daniela Kaline e ao meu amado filho Heitor, minha eterna gratidão por estarem ao meu lado, por serem pacientes em compreender quando me dedicava a longas horas de leitura, pesquisa e escrita deste trabalho, o que me fez ficar ausente em muitos momentos. Vocês são meu porto seguro, o descanso e a alegria que Deus, tão benévolo me concedeu nesta vida.

Agradeço ao Professor Dr Juliano Bitencourt Campos da UNESC e ao Professor Carlos Eduardo da Costa Campos da UFMS, pela avalição desta pesquisa com os importantes apontamentos e observações feitas e pelo incentivo para continuar nesta caminhada.

A Faculdade de Ciências Humanas (FACH) – UFMS, agradeço por me conceder a oportunidade de ter acesso ao curso de Licenciatura em História e pelo apoio administrativo na área discente.

RESUMO

A Arqueologia, como ciência que possui metodologia e teoria próprias, dedica-se ao estudo da cultura material das sociedades humanas, tendo como principal fonte a cultura material expressa em artefatos produzidos pelo homem. Entre essas fontes destacam-se os grafismos rupestres, ou arte rupestre, como muitas vezes são denominados, que constituem um dos campos de pesquisa da Arqueologia. As expressões presentes nos grafismos rupestres, realizadas por grupos humanos caçadores-coletores-pescadores em paredões rochosos, abrigos e cavernas, deixaram marcas no passado que hoje são analisadas pelos arqueólogos. Esses registros são fontes valiosas de informação, capazes de elucidar aspectos sobre o modo de vida desses grupos e possibilitar conjecturas sobre o significado de seus grafismos e signos. Os grafismos rupestres, uma forma de expressão que atravessa fronteiras, evidencia a mobilidade dos grupos humanos antigos que habitaram e marcaram os locais onde deixaram suas impressões. Diante disso, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo contribuir para o estudo de correlações entre os sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa, localizados em Alcinópolis, Mato Grosso do Sul, e os sítios arqueológicos no Departamento de Amambay, no Paraguai, com foco nas datas e tipos de grafismos identificados. A pesquisa foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda os grafismos rupestres no Brasil, explorando sua trajetória de estudo e as contribuições geradas ao longo do tempo. O segundo capítulo trata do povoamento da América do Sul, do Brasil e, especificamente, de Mato Grosso do Sul, situando esse estado em seu contexto arqueológico, com destaque para iniciativas recentes, como o Programa Trilha Rupestre. O terceiro capítulo descreve os sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa, além de apresentar um panorama arqueológico do Paraguai, incluindo a descrição de seus sítios, e discute as correlações entre os dados já pesquisados. Para a realização deste estudo, utilizamos uma metodologia baseada na análise de artigos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, fontes primárias, projetos de escavação, relatórios preliminares e imagens. Concluímos que existem correlações entre os sítios propostos na pesquisa, especialmente no que diz respeito às datações, ao material lítico e aos tipos de grafismos rupestres observados. Contudo, reconhecemos que este trabalho é apenas o início de um vasto campo de possibilidades a serem exploradas.

Palavras-chave: grafismo rupestre; pré-história; arqueologia.

ABSTRACT

Archaeology, as a science with its own methodology and theory, is dedicated to the study of the material culture of human societies, with material culture expressed in artifacts produced by humans as its primary source. Among these sources, rock art, often referred to as petroglyphs, stands out as one of the main fields of archaeological research. The expressions present in rock art, created by hunter-gatherer-fisher groups on rock walls, shelters, and caves, left marks in the past that are now analyzed by archaeologists. These records are valuable sources of information, capable of shedding light on the lifestyles of these groups and enabling conjectures about the meanings of their drawings and symbols. Rock art, as a form of expression that transcends borders, highlights the mobility of ancient human groups who inhabited and marked the places where their impressions remain. Given this context, this undergraduate thesis aims to contribute to the study of correlations between the Templo dos Pilares and Gruta da Mesa archaeological sites, located in Alcinópolis, Mato Grosso do Sul, Brazil, and the archaeological sites in the Amambay Department of Paraguay, with a focus on the dates and types of identified rock art.The research was structured into three chapters. The first chapter addresses rock art in Brazil, exploring its research trajectory and contributions over time. The second chapter discusses the settlement of South America, Brazil, and specifically Mato Grosso do Sul, situating the state within its archaeological context and highlighting recent initiatives, such as the Trilha Rupestre Program. The third chapter provides a detailed description of the Templo dos Pilares and Gruta da Mesa sites and presents an archaeological overview of Paraguay, including descriptions of its sites, followed by a discussion of correlations with previously researched data. To conduct this study, we employed a methodology based on the analysis of articles, theses, dissertations, undergraduate projects, primary sources, excavation projects, preliminary reports, and images. We concluded that there are correlations among the sites proposed in the research, particularly regarding dating, lithic material, and the types of rock art observed.

Keywords: rock art; prehistory; archaeology.

RESUMEN

La Arqueología, como ciencia que posee una metodología y teoría propias, se dedica al estudio de la cultura material de las sociedades humanas, teniendo como fuente principal la cultura material expresada en artefactos producidos por el ser humano. Entre estas fuentes, destacan los grafismos rupestres, o arte rupestre, como frecuentemente se denominan, que constituyen uno de los campos de investigación de la Arqueología. Las expresiones presentes en los grafismos rupestres, realizadas por grupos humanos cazadores-recolectores-pescadores en paredones rocosos, refugios y cuevas, dejaron marcas en el pasado que hoy son analizadas por los arqueólogos. Estos registros son valiosas fuentes de información, capaces de aclarar aspectos sobre el modo de vida de estos grupos y de permitir conjeturas sobre el significado de sus grafismos y signos. Los grafismos rupestres, una forma de expresión que trasciende fronteras, evidencian la movilidad de los grupos humanos antiguos que habitaron y dejaron impresiones en los lugares que ocuparon. En este contexto, este Trabajo de Conclusión de Curso tiene como objetivo contribuir al estudio de las correlaciones entre los sitios Templo dos Pilares y Gruta da Mesa, ubicados en Alcinópolis, Mato Grosso do Sul, Brasil, y los sitios arqueológicos del Departamento de Amambay, en Paraguay, con un enfoque en las fechas y tipos de grafismos identificados. La investigación se estructuró en tres capítulos. El primer capítulo aborda los grafismos rupestres en Brasil, explorando su trayectoria de estudio y las contribuciones generadas a lo largo del tiempo. El segundo capítulo trata sobre el poblamiento de América del Sur, Brasil y, específicamente, Mato Grosso do Sul, situando este estado en su contexto arqueológico, con énfasis en iniciativas recientes como el Programa Trilha Rupestre. El tercer capítulo describe los sitios Templo dos Pilares y Gruta da Mesa, además de presentar un panorama arqueológico de Paraguay, incluyendo la descripción de sus sitios, y discute las correlaciones entre los datos ya investigados. Para la realización de este estudio, utilizamos una metodología basada en el análisis de artículos, tesis, disertaciones, trabajos de conclusión de curso, fuentes primarias, proyectos de excavación, informes preliminares e imágenes. Concluimos que existen correlaciones entre los sitios propuestos en la investigación, especialmente en lo que respecta a las fechas, el material lítico y los tipos de grafismos rupestres observados. Sin embargo, reconocemos que este trabajo es solo el inicio de un vasto campo de posibilidades por explorar.

Palabras clave: grafismos rupestres; prehistoria; arqueologia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Bacia do Alto Taquari. Setas em vermelho indicam os principais rios da região onde está localizado o sítio arqueológico Gruta da Mesa. 55

Mapa 2 – Bacia do Alto Taquari com indicação dos Municípios abrangidos e indicação das quatro sub-bacias: sub-bacia do rio Taquari; sub-bacia do rio Coxim; sub-bacias são as do rio Jaurú; e sub-bacia Taquari-Mirim. 56

Mapa 3 – Adaptação do mapa do atual Departamento de Concepción-PY destacando a localização del Arroyo Tagatiyá (assinalado com estrela), onde Carlos Teichmann relatou encontrar gravuras rupestres na década de 1940. Nota-se que este Departamento faz fronteira ao norte com o Brasil e a Leste com o Departamento de Amambay, onde também foram encontrados grafismos rupestres. 62

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição das principais tradições rupestres no Brasil. 33

Figura 2 – Mapa com indicação das principais rotas de interiorização e assentamentos mais antigos da América do Sul entre o final do Pleistoceno e Holoceno Inicial. 41

Figura 3 – Sítios arqueológicos da transição Pleistoceno – Holoceno no Brasil. 1. Toca da Pedra Pintada (Pará); 2. Boqueirão da Pedra Furada (São Raimundo Nonato); 3. Santa Elina (Mato Grosso); 4. Sítio GO-JA-01 (Serranópolis); 5. Lapa Vermelha IV (Lagoa Santa). 42

Figura 4 – Mapa do Brasil com destaque para Mato Grosso do Sul discriminando municípios com grafismos rupestres. 48

Figura 5 – Localização do Município de Alcinópolis no contexto do mapa do Brasil. 50

Figura 6 – Descrição de medidas e localização de grafismos rupestres no sítio Gruta da Mesa. 58

Figura 7 – Mapa discriminando os locais com sítios que apresentam grafismos rupestres nos Departamentos de Amambay (1 e 2) e Guairá (3). Em Amambay são 12 sítios e em Guairá 2 sítios. . 69

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Pedra do Ingá/P. Sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá. 24

Imagem 2 – Da esquerda para direita: Caracteres das margens do Riachão – Viçosa, Estado de Alagoas. Desenhos de grafismo rupestres feitos no Engenho Veados, Viçosa – Alagoas. 26

Imagem 3 – Reprodução feita por Stardelli de inscrições rupestres no rio Uaupés." 27

Imagem 4 – Inscrição lapidar da cachoeira do Cantagalo, no rio Tapajós. 28

Imagem 5 – Sítio arqueológico Templo dos Pilares 54

Imagem 6 – "Localização Gruta da Mesa 1 em relação a outros sítios arqueológicos da região de Alcinópolis." 57

Imagem 7 – "vista da mesa em primeiro plano e o fundo da gruta sem o teto" 59

Imagem 8 - "GRABADOS RUPESTRES hallados y fotografiados por el doctor Carlos Teichmann en un lugar denominado Barrero Guaá, cerca de Gamarra-cué, paraje situado en las cabeceras del arroyo Tagatiyá. Departamento de Concepción, Paraguay. Estos grabados se hallan em un área solitaria y apartada". 63

Imagem 9 – Amostra de grafismos rupestres em técnica de gravura no Paraguay. Da esquerda para direita temos: pegadas de jaguar; tridígitos (pegadas de ave); traços pareados; pegadas humanas e vulva. 68

Imagem 10 – "Motivo geométrico en el suelo en Cerro Tujao 2. […] trazos cruzados, una figura geométrica compuesta por trazos paralelos cuya imagen final aparenta una Y, y un motivo en forma de cruz, cuyos extremos se bifurcan en forma de tridígitos." 76

Imagem 11 – Templo dos Pilares (imagem à esquerda): "Material lítico procedente da 'Área Prospectada 3' nível 5. " Sítio Akuá 2 (imagem a direta): "Raspador/raedera sobre lasca planoconvexa (limaz, limace o lesma) de Akua 2." 78

Imagem 12 – Grafismos abstratos Templo dos Pilares (esquerda); Gravura em representações de "vulvas" sítio Akuá 1 (direita). 80

Imagem 13 – Comparação de grafismos rupestres presentes nos sítios Gruta da Mesa, Templo dos Pilares e Itaguy Guasu-Amambay-PY. Grafismos em técnica de gravura, que apresentam correlações nos tridígitos. 81

Imagem 14 – Comparação de Gravuras em incisão sítio Gruta da Mesa e sítio Akuá 1. Grafismos geométricos confeccionados por incisão 82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese das tradições rupestres identificadas no Brasil 34

Tabela 2 – Alguns sítios arqueológicos no Brasil de transição Pleistoceno-Holoceno discriminados por região geográfica, localização, sítios e datações. 43

Tabela 3 – Sítios Arqueológicos em Alcinópolis-MS até 2016. 49

Tabela 4 – Datações mais recentes e mais antigas propostas, por nível estratigráfico, sobre a ocupação humana no sítio Templo dos Pilares. Destaque em negrito: datações divulgadas por Aguiar (2016, p. 26-33). Destaque em vermelho: datações divulgadas por Aguiar e Souza (2017, p. 126-130). Técnica de grafismos e localização no tempo geológico. 53

Tabela 5 – Datação de amostras de carvão encontradas no sítio Gruta da Mesa 60

Tabela 6 – "Tabela comparativa cuantitativa y porcentual entre las unidades gráficas de los tres abrigos de Cerro Guasú". 72

Tabela 7 – "Unidades gráficas registradas en Itaguy Guasu: tipos, cantidad y porcentaje sobre el total." 73

Tabela 8 – Correlações de datação entre os sítios em Mato Grosso do Sul e Amambay-PY 77

Tabela 9 – Síntese das correlações dos Sítios arqueológicos Templo dos Pilares; Gruta da Mesa; Sítios em Amambay-PY 83

Sumário

Introdução **13**

1. Panorama do desenvolvimento da pesquisa sobre grafismos rupestres no Brasil **18**

1.1 Olhares sobre os grafismos rupestres nos séculos XVI-XVII. **18**

1.2 Olhares sobre os grafismos rupestres no século XVIII-XIX. **20**

1.3 Olhares sobre os grafismos rupestres a partir do século XX. **24**

2. Povoamento da América do Sul e Brasil e o contexto arqueológico de Mato Grosso do Sul **36**

2.1 Apontamentos sobre o povoamento da América do Sul e Brasil **36**

2.2 As pesquisas arqueológicas em Mato Grosso do Sul **43**

2.2.1 Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul (PAMS) **44**

2.2.2 Grafismos rupestres no Programa Institucional de Extensão Trilha Rupestre **46**

2.2.2.1 Grafismos rupestres em Alcinópolis **48**

3. Sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa e as correlações com sítios em Amambay-Paraguai **51**

3.1 Sítio Templo dos Pilares e seus grafismos rupestres **51**

3.2 Sitio Gruta da Mesa e seus grafismos rupestres **54**

3.3 Grafismos rupestres no Paraguai e os sítios arqueológicos em Amambay-PY **60**

3.3.1 Panorama da pesquisa sobre grafismos rupestres no Paraguai **60**

3.3.2 Características dos grafismos rupestres em Amambay-PY: técnicas, temas e interpretações **66**

3.3.3 Localização e descrição dos Sítios arqueológicos de Amambay-PY **68**

3.3.3.1 Sítios em *Cerro Guasú* **69**

3.3.3.1.1 Sítio Itaguy Guasu **69**

3.3.3.1.2 Sítio Itaguy Mirî **70**

3.3.3.1.3 Sitio Itaguy'î **71**

3.3.3.1.4 Akuá 1 ..... **73**

3.3.3.1.5 Akuá 2 ..... **74**

3.3.3.1.6 Cerro Ambá **74**

3.3.3.1.7 Cerro Kisé **74**

3.3.3.1.8 Cerro Lorito 75

3.3.3.1.9 Cerro Tujao 1 75

3.3.3.1.10 Cerro Tujao 2 75

3.3.3.1.11 Cerro Ysaú 1 y Cerro Ysaú 2 76

3.4 Correlações Sítio Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e Sítios de Amambay-PY 76

3.4.1 Correlações em datação 77

3.4.2 Correlações em material lítico 77

3.4.3 Correlações em grafismos rupestres 78

Conclusão 84

REFERÊNCIAS 89

Sites consultados 95

Normas técnicas consultadas 96

Introdução

Já passa dos cem anos que se iniciaram as pesquisas que focam sobre a origem do ser humano moderno. Tais pesquisas tiveram início no século XIX com os primeiros achados fósseis em 1852 no sul do País de Gales pelo professor de Geologia William Backland da Universidade de Oxford, que encontrou vestígios humanos provenientes de um sítio em *Paviland*. Dentre estes, um esqueleto chamou atenção, pois estava coberto de ocre vermelho e artefatos de marfim, indicando, assim, possível evidencia ritual de sepultamento. Outra descoberta de relevância para a pesquisa foi na cidade de *Aurignac* na França, onde 17 esqueletos encontrados numa caverna foram exumados. Além destas descobertas, outras foram ocorrendo ao longo do século XIX ao XX (Allan; Andrade; Rangel Jr, 2022, p. 244-248).

Fora do País de Gales também foram encontradas manifestações da presença humana em cavernas de Altamira na Espanha em 1879, onde um conjunto de pintura rupestre foi encontrada por Dom Marcelino de Sautuola. No entanto, tais evidências em achados fósseis e em artefatos, fora do continente americano, foram encontradas em outros continentes como a Ásia, África e Oceania[1].

Em 1912 houve o registro de uma série de cavernas próximas ao rio Volps em Ariège, feito pelos irmãos Bégouën, que foram denominadas de Les Trois Frères. Foram encontrados vestígios de grafismos rupestres e ferramentas líticas e ossos. Ainda na França, os sítios de *Lascaux* e a caverna de *Chauvet*, apresentaram grafismos rupestres, sendo que nesta última, foi encontrado um túnel escuro e profundo, onde foi descoberto pelas pesquisadoras Marie Chauvet, Eliette Deschamps e o pesquisador Christian Hillaire

> "[...] diversos desenhos de imagens de animais, incluindo rinocerontes e mamutes, mãos impressas e pontos diversos gravados. Encontraram pintadas também cabeças de ursos, cavalos e leões. Foi a maior descoberta do grupo e, certamente, uma das mais importantes da França" (Allan; Andrade; Rangel Jr, 2022, p. 246)

A caverna de *El Castillo*, no norte da Espanha, apresentou em meio ao famoso "*Painel de las Manos*" um círculo vermelho que foi estimada data superior ao intervalo entre 42,8 e 40 mil anos, que criou um dilema quanto a sua autoria, conferindo a possibilidade de que o *Homo Neanderthalensis* seja o primeiro autor do grafismo rupestre mais antigo (Tanaka; Vicente,

[1] Para mais detalhes sobre essas e outras descobertas *Cf.* ALLAN, Allysson; ANDRADE, Fernando; RANGEL JR, Miguel José. Origem e dispersão dos humanos modernos. *In*: NEVES, Walter Alves; RANGEL JUNIOR, Miguel José; MURRIETA, Rui Sérgio S. (org.). **Assim Caminhou a Humanidade.** 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2022, p. 244-248.

2022, p.232). Todos esses dados demonstram que a capacidade cognitiva na produção da cultura expressa através de simbologias é bem antiga.

Com tais pesquisas e descobertas, fica evidente que o homem pré-histórico, a nossa espécie *Homo Sapiens*, já estava disperso pelo globo terrestre e gozava de capacidade cognitiva da qual fazia uso para se expressar em grafismos rupestres, há pelos menos 35 mil anos.

O continente americano, que foi o penúltimo a ser colonizado pelo *Homo Sapiens* num espaço temporal que abarca 30 mil a 13 mil anos atrás, corroborados por achados arqueológicos entre 15 mil a 13 mil anos, no tempo geológico do Pleistoceno tardio, não ficou de fora dessas expressões em grafismos rupestres (Allan; Andrade; Rangel Jr, 2022, p. 266).

Existem diversos sítios arqueológicos pesquisados e datados no continente americano, em especial na América Latina[2] (Galicia; Maestro, 2024), que demonstram a presença do *Homo Sapiens* através de artefatos líticos, grafismos rupestres e artefatos cerâmicos, algo que também ocorreu, como apresentamos, no velho mundo. Esta rica e diversa cultura material é a fonte para a pesquisa arqueológica, de onde virão e jorrarão as informações necessárias para o levantamento de teorias e hipóteses que serão trabalhadas dentro de metodologias que proporão respostas as várias perguntas que buscarão compreender as relações socias e transformações que ocorreram nas sociedades pretéritas (Funari, 2021, p. 15; Funari, 2008, p. 85).

Os grafismos rupestres são considerados como fonte que fornece dados para a pesquisa em pré-história[3]. Dentro de uma abordagem arqueológica os grafismos rupestres, segundo a

---

[2] "Según el avance de la actualización del catálogo nacional de sitios rupestres (Hostnig, en preparación), existen en el Perú alrededor de 4000 sitios rupestres en las modalidades de pinturas rupestres y petroglifos." *Cf*. HOSTNIG, Rainer; Ruesta, Pedro Vásquez. Capítulo 6 Los cérvidos en el arte rupestre andino-peruano: aspectos iconográficos y distribución geográfica. *In*: GALICIA, Aline L.; LOPES, Luis A. Martos (org.). Territórios rupestres em la América Latina. Sevilla España: Editorial: Enredars Publicaciones, 2024. p. 120. No Chile, em 2021, foram registrados 81 sítios arqueológicos. *Cf*. SIERPE Víctor; *et al*. Arqueología de Cerro Guido y Sierra Baguales, Chile: avances en la reconstrucción de sociedades cazadoras-recolectoras de ambientes de estepa y montaña al noreste de Magallanes. Disponìvel em: https://www.researchgate.net/publication/356997672_Arqueologia_de_Cerro_Guido_y_Sierra_Baguales_Chile_avances_en_la_reconstruccion_de_sociedades_cazadoras-recolectoras_de_ambientes_de_estepa_y_montana_al_noreste_de_Magallanes?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6ImhvbWUiLCJwYWdlIjoic2VhcmNoIiwicG9zaXRpb24iOiJwYWdlSGVhZGVyIn19. Acesso em: 04 dez. 2024.

[3] O termo Pré-História a partir do século XIX foi entendido como: "[...] a) período da História em que não há evidência de documentos escritos; b) período da história com extensa temporalidade e c) período da história com fonte de estudo para Arqueologia". *Cf* OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento; ANDRADE, Juliana Alves de; ARAGÃO, Luiz Adriano Lucena. O conceito de Pré-história nos livros didáticos de História no Brasil. PerCursos, Florianópolis, v. 21, n.47, p. 288. A divisão da pré-história no século XX do ponto de vista europeu, em que pouco se conhecia sobre os demais continentes, foi dividido em cinco períodos: *Paleolítico ou período da pedra lascada*: 2 milhões a 130 mil anos atras (hominínios); *Paleolítico médio*: 130 a 35 mil anos atrás (surgimento do *Homo sapiens*); *Paleolítico Superior*: 35 a 12 mil AP (época da colonização humana da América); *Mesolítico*: 12 a 9 mil AP; *Neolítico*: 9 a 5.500 anos atrás na Europa, na Ásia e na África; 7 a 2 mil AP na América. *Cf*. FUNARI, P. P. A.; NOELLI, F. S. Pré-História do Brasil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023, p. 40.

arqueóloga Anne Marie-Pessis, são considerados como vestígios arqueológicos como os líticos, a cerâmica, sepultamentos, ornamentos e outras manifestações da cultura material. Assim sendo, os grafismos fornecem real contribuição a pesquisa arqueológica contribuindo para a formulação de novas hipóteses (Pessis, 1993, p.10).

O estudo dos grafismos rupestres pode contribuir para

> [...] um melhor entendimento do funcionamento dos grupos humanos do passado, aspectos como tecnológicos, sua fauna, sua flora, suas cerimônias religiosas, seus conflitos e sua habilidade de projetar o mundo a sua volta, um admirável mundo novo (Justamand; Oliveira; Filho, 2020, p. 1007; Justamand; Martinelli; Oliveira, 2018, p. 106).

As inscrições pictográficas como pinturas ou gravuras, feitas em suportes fixos de pedra presentes ao ar livre ou em paredes de abrigos e grutas, que tem por autoria o homem pré-histórico, é definido e consagrado pela literatura acadêmica como "Arte Rupestre" ou "Grafismo Rupestre" (Prous, 1992, p. 510).

As duas expressões estarão presentes ao longo desta pesquisa, sendo que o uso da expressão "Arte Rupestre", será feito em citações diretas dos autores que desta fazem uso ou quando o seu uso for necessário ao contexto da argumentação. Porém, a expressão "Grafismos Rupestres" será usada para abranger pintura, gravura, petróglifo e até arte que possa expressar tom artístico ou algum tipo de comunicação objetiva ao longo desta pesquisa.

Os grafismos rupestres na América do Sul, em especial em Mato Grosso do Sul e em Amambay-Paraguai, são uma das fontes que atestam a presença do homem pré-histórico. Esta fonte pode atestar que a linguagem simbólica já era usada há milhares de anos, o que demonstra a capacidade cognitiva dos primeiros habitantes que demonstraram tal capacidade através da produção de artefatos e confecção de adornos, bem como em grafismos rupestres que chegaram até nós.

Partimos do entendimento que grupos caçadores coletores nômades habitaram o território da América do Sul. Isto nos leva a pensar que o deslocamento desses grupos era constante. Segundo Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noeli (2023, p. 73) pensar nestes grupos como "[...] uma população isolada e que evoluiu no mesmo lugar por milhares de anos parece problemática [...]". De acordo com o proposto por estes pesquisadores, tais grupos caçadores coletores tiveram a tendência de se deslocar e com isso inserir mudanças em sua cultura em longo prazo proporcionando transformações. No entanto, em se tratando de cultura material e estratégias de subsistências, segundo Funari e Noeli (2023, p. 73), o "conjunto de evidências" até o momento conhecidas aponta para "aparente uniformidade" identificadas em

populações de regiões diversas induzindo a considerar reprodução de comportamentos e de estilos tecnológicos, o que indicaria comunicação e contato.

Seguindo nessa linha de raciocínio, Funari e Noeli (2023, p. 81) argumentam a possibilidade de algumas comunidades terem "[...] reproduzido por muito tempo as mesmas características materiais e simbólicas, enquanto outras podem ter tido condições para modificar-se a tal ponto que ficaram muito tempo diferentes entre si."

A pesquisa que propomos, irá lançar o olhar no aporte teórico na mobilidade destes grupos humanos para observar as correlações propostas, pois não havia barreiras político administrativas que impediam o deslocamento de diversos grupos humanos pretéritos que habitaram o Mato Grosso do Sul e Amambay-PY.

Para esta pesquisa o recorte territorial está no centro da América do Sul, na Região Centro-Oeste do Brasil, no Município de Alcinópolis localizado ao norte do Estado do Mato Grosso do Sul e na fronteira a oeste desta UF na região de Amambay – Paraguai. Tanto em Alcinópolis – MS quanto em Amambay – PY, a presença de grupos humanos pretéritos está atestada através de material lítico e grafismos rupestres, sendo estes o nosso objeto de estudo.

Já no recorte temporal, a pesquisa estará centrada no período anterior a chegada dos europeus no Brasil e no Paraguai, considerando o que há nas pesquisas sobre o povoamento das Américas e do Brasil. O recorte temporal considerará o Pleistoceno tardio, o Holoceno inicial, o Holoceno médio e o Holoceno tardio, aplicado aos sítios que propomos estudar, conforme a metodologia para a pesquisa dispôs em material bibliográfico especializado em pré-história do Brasil e da América, que aborde o tema proposto bem como áreas afins (etnografia, antropologia) inseridas em livros, artigos, teses, dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), desde os mais antigos aos mais recentes e uso de imagens, para conhecimento da abordagem metodológica sobre os grafismos rupestres.

Assim sendo, proporemos uma análise de correlações em datações, material lítico e técnica de grafismos dos sítios arqueológicos já pesquisados e em pesquisa no Mato Grosso do Sul, respectivamente o Templo dos Pilares e Gruta da Mesa, e em Amambay-Paraguai.

O caminho que esta pesquisa percorreu foi dividido em três capítulos. No capítulo **1 "Panorama do desenvolvimento da pesquisa sobre grafismos rupestres no Brasil"** buscamos apresentar importantes considerações a respeito dos olhares sobre os grafismos rupestres no Brasil desde o século XVI – XX, demonstrando quando começaram a ser conhecidos, quais percepções tiveram os observadores que os viram, o que surgiu como produção bibliográfica a respeito dessas percepções e como foi a evolução das pesquisas desse campo de estudo na Arqueologia e como ficou o resultado dos estudos nos dias atuais.

Prosseguindo no capítulo **2 "Povoamento da América do Sul e Brasil e o contexto arqueológico de Mato Grosso do Sul"** procuramos trazer a recente discussão nas pesquisas arqueológicas sobre o povoamento da América do Sul e as hipóteses de povoamento do Brasil, demonstrando quão antigo e heterogêneo foi o processo de povoamento do nosso continente e do Brasil. Quanto ao contexto arqueológico de Mato Grosso do Sul, pontuamos sobre os programas de pesquisas arqueológicas empreendidas desde a década de 1980 com o Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul (PAMS) e os resultados dos dados da antiguidade de ocupação de Mato Grosso do Sul que apresenta sítios arqueológicos com vestígios de ocupação humana em cerca de 12.000 AP. Dentro deste contexto arqueológico o atual Programa Institucional Trilha Rupestre capitaneado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) recebe atenção, pois é neste programa que está inserido, dentre outros, o Município de Alcinópolis onde existem sítios com os grafismos rupestres já pesquisados e em pesquisa, como o Sítio Gruta da Mesa.

O capítulo **3 "Sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa e as correlações com sítios em Amambay-Paraguai"** apresenta a descrição desses sítios, resultados das datações, vestígios arqueológicos como material lítico e os grafismos rupestres presentes nestes sítios em suas técnicas de confecção. Neste capítulo procuramos abordar sobre o panorama das pesquisas arqueológicas no Paraguai em relação aos grafismos rupestres e apresentamos as correlações dos sítios Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e Sítios em Amambay-PY em três segmentos: datações, material lítico e grafismo rupestre.

Nosso objetivo com este Trabalho de Conclusão de Curso é contribuir com as Ciências Humanas no que concerne a Arqueologia, Antropologia e a Etnografia, através do estudo de grafismos rupestres, para identificar correlações, contribuir na criação de banco de dados para possíveis estudos comparativos nas diferentes localidades no Brasil, Paraguai e demais regiões do Continente Americano.

1. Panorama do desenvolvimento da pesquisa sobre grafismos rupestres no Brasil

1.1 Olhares sobre os grafismos rupestres nos séculos XVI-XVII.

A primeira menção aos grafismos rupestres no Brasil é de longa data e tem como registro mais antigo o século XVI, período no qual os primeiros contatos dos europeus possibilitou o surgimento de "[...] relatos feitos por religiosos, aventureiros, naturalistas e militares que estavam a serviço de alguma nação europeia como Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra ou França" (Justamand; *et al*, 2017, p. 132).

Dentre esses relatos, o mais antigo sobre grafismos rupestres no Brasil está registrado na Nova Gazeta Alemã de 1511, onde há menção da existência de pegadas de São Tomé numa rocha (Justamand; *et al*, 2017, p. 133). Esta notícia chega a Europa por meio de uma expedição comandada por D. Cristóvão de Haro, autorizada pelo então Rei de Portugal D. Manuel I, para explorar e defender a recém descoberta colônia, conforme prática política adotada por Portugal (Cosentino, 2021, p. 521-527; Schüller, 1915, p. 117). O relato dessa expedição, além de descrever detalhes da viagem e exploração da terra, reporta o que diziam os indígenas sobre as gravuras rupestres, que foram interpretadas como sendo pegadas de São Tomé: "Nessa mesma costa ou terra ha ainda memória de São Thomé. Quizeram também mostrar aos Portuguezes as pegadas no interior do paiz" (Schüller, 1915, p. 118)[4].

Tal relato sobre a presença de São Tomé no continente recém descoberto, trouxe reforço a ideologia de catequização das comunidades indígenas[5] empreendida pelos Jesuítas no século XVI, com fins de sustentar a hipótese, defendida por parte de alguns religiosos, "[...] que os nativos já teriam tido contato com ideal cristão [...]" (Justamand; *et al*, 2017, p. 163). O relato do Padre Manoel da Nobrega alude a esta situação:

> Dizem elles que Santo Thomé, a quem elles chamam Zome, passou por aqui. E isto lhes ficou por dito de seus passados e que suas pisadas estão signaladas

[4] Em tradução do texto alemão posterior ao de Schüller em 1915, Brandenburger (1922) traz o seguinte: "Lá no Sul, os navegantes tinham feito considerável compra de pelles, lá elles tinham ouvido falar nas Cordilheiras nas pegadas de São Thomé e nas cruzes, que se achariam no interior." BRANDENBURGER, Clemente. **Nova Gazeta da Terra do Brasil**. Do Instituto Histórico Brasileiro. Texto, Traducção, Glossário Commentario. Livraria Edanee. 1922. p. 110.

[5] Concordamos com o entendimento que "[...] o conceito de índio é bastante polissêmico e ambíguo, e segundo historiadores e pesquisadores da temática, procede de um equívoco histórico, equívoco devido ao entendimento errôneo dos colonizadores, pois esses acreditaram ter chegado à Índia. Embora a denominação indígena signifique o 'que é original de determinado país, região ou lugar. Nativo. Aborígene'. Apesar de parecer correto o termo índios, é importante destacar que também se trata de uma categoria trazida de fora, isto é, pelo colonizador ou não indígena. *Cf.* CALDERONI, Valéria Aparecida M. O; MUSSI, Vanderléia P. L. Culturas e história dos povos indígenas: 5º Módulo. Desconstruindo preconceitos sobre os povos indígenas. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014. p. 28.

> junto de um rio, as quaes eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com os proprios olhos quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes cobre o rio quando enche. Dizem também que quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos índios, que o queriam frechar, e chegando alli se lhe abrira o rio e passara pelo meio á outra parte sem se molhar e d'alli foi para a índia (Nobrega, 1549, p. 13).

Além do relato do Padre Manoel da Nobrega, outros religiosos ao longo do século XVI-XVII, também reforçaram a ideologia de catequização fundamentada na leitura do encontro de pegadas de São Tomé impressas em rocha, o que vem atestar a existência de grafismos rupestres em locais diferentes nos inícios da colonização europeia. Dentre estes está o relato do Frei Vicente de Salvador (1564-1635) sobre a existência da presença de São Tomé na capitania hereditária da Bahia como testemunho de contato com os nativos (Justamand; *et al*, 2017, p. 134).

O padre Simão de Vasconcelos na obra *Das notícias, curiosas e necessárias das Cousas do Brasil*, traz relatos sobre pegadas de São Tomé no litoral brasileiro reforçando o discurso que o santo teria vivido com os nativos nas capitanias de São Vicente e Bahia de todos os Santos em 1663, além de atribuir tais grafismos a letras da escrita do santo (Justamand; *et al*, 2017, p. 134; Cavalcante, 2008, p. 124).

Na obra *História da América Portuguesa*, o padre Sebastião da Rocha Pitta (1660-1738) relata sobre as pegadas de São Tomé e outras inscrições em forma de cruz em vários locais do Brasil e da América Espanhola, no século XVII. Na capitania de Pernambuco, no século XVIII, na freguesia de Santo Amaro de Jaboatão, o Frei Gaspar da Madre Deus (1715-1800), embora discordasse de seus companheiros sobre as pegadas de São Tomé terem um cunho interpretativo religioso vendo-as como fósseis vegetais, afirma que o Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, testemunhou a existência das conhecidas pegadas de São Tomé em rochas (Justamand; *et al*, 2017, p. 135, 136; Cavalcante, 2008, p. 125).

Ainda no século XVI a obra de Ambrósio Fernandes Brandão intitulada *Diálogos das Grandezas do Brasil*, o autor[6] relata que o Capitão-Mor da Capitania da Paraíba Feliciano Coelho de Carvalho, no dia 29 de dezembro de 1598, foi informado por seus soldados que

[6] Ambrósio Fernandes Brandão é aceito como autor dessa obra devido a análise feita por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia, através de análise e pesquisa no escrito original. A obra foi escrita em 1618. Para mais detalhes sobre autoria, local, data de composição e contexto da obra, consultar: BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil.** 2 ed. v. 134. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010. p. 09-41. Diálogos das Grandezas do Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logos_das_Grandezas_do_Brasil. Acesso em: 22 ago. 2024.

acharam junto ao rio *Arasoagipe*[7] "[...] molduras, que demonstravam na sua composição serem feitas artificialmente" (Brandão, 2010, p. 70; Holanda, 2007, p. 216)[8].

Outra menção aos grafismos rupestres é feita pelo militar holandês Elias Herckmans[9], no século XVII, durante missão exploratória nos sertões da Capitania da Paraíba, na serra da *Cupaoba*, onde pode observar certas pedras lavradas pela indústria humana em 1641 (Justamand; *et al*, 2017, p. 135; Brandão, 2010, p. 97-98; Ellis, 2007, p. 319).

É perceptível que houve interesse dos viajantes, religiosos e exploradores, no século XVI-XVII, em fazer o registro dos grafismos rupestres, com os quais se depararam, em relatos de crônicas, embora numa interpretação não científica, fundamentada num olhar mítico religioso usado como forma de validar a catequização do indígena, agindo assim, dentro das concepções culturais da época.

1.2 Olhares sobre os grafismos rupestres no século XVIII-XIX.

Em obra escrita em fins do século XVIII e inícios do XIX (1799-1817), intitulada *Lamentações brasílicas* de autoria do Padre Francisco Teles de Meneses, é mencionado o registro de 274 sítios arqueológicos com grafismos rupestres nos atuais Estados do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Pernambuco. O registro desses sítios pelo Padre Francisco Teles, possibilitou as primeiras interpretações que viam os grafismos como uma forma de linguagem e como forma de referência astronômica. Assim sendo, acreditava que os grafismos foram feitos por indígenas e seriam uma forma de roteiro a algum tipo de "tesouro escondido", o que o levou a vincular os alfabetos grego e hebraico, signos zodíacos e tábuas astronômicas com os grafismos rupestres, como forma de entende-los (Justamand; *et al*, 2017, p. 136; Gaspar, 2006, p. 32-33).

O século XIX, período marcado no Brasil com a vinda da família real lusitana em 1808 para o Rio de Janeiro[10], conhecido na historiografia brasileira após a independência como Brasil

---

[7] "O rio Araçagi é um rio brasileiro que banha o estado da Paraíba. Principal afluente do rio Mamanguape, o Araçagi tem vital importância econômica para a região onde banha, no Brejo Paraibano, apesar de ser um rio de regime temporário. O Araçagi tem sua nascente entre os municípios de Pocinhos, Areial e Montadas. Rio Araçagi. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Ara%C3%A7agi#cite_note-Archeo-5. Acesso em: 22 ago. 2024.

[8] "Os litóglifos do rio Araçuagipe, na Paraíba, são os que primeiro foram observados e descritos no Brasil." BRANDÃO, *op. cit*., p. 97-98.

[9] "[...] serviu no Brasil como Conselheiro Político e a quem se deve uma valiosa *Descrição Geral da Capitania da Paraíba* (1639)." MELLO, J.A. Gonsalves de. O domínio holandês na Bahia e no Nordeste. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. A época colonial. Tomo 1: do descobrimento à expansão territorial. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 272.

[10] A vinda da família real portuguesa trouxe profundas mudanças no então Brasil Colônia, através da abertura dos portos ao mundo que possibilitou a vinda de vários viajantes de diversas nacionalidades como: ingleses, alemães,

Império (1822-1889) e marcado por processos de independência das colônias espanholas na América Latina (Prado; Pellegrino, 2014, p. 07-203), criou no Brasil de então, a possibilidade de construir uma identidade nacional, através de estímulos de pesquisas históricas e antropológicas (Justamand; *et al*, 2017, p. 138).

Durante esse período, a iniciativa de Dom Pedro I trazendo para o Brasil artefatos arqueológicos como múmias egípcias e outros artefatos, e logo após no reinado de Dom Pedro II que através de seu casamento com a princesa napolitana Teresa Cristina coletou material arqueológico de Pompéia, Etrúria e de outros lugares, além da criação do Museu Nacional no Rio de Janeiro e a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), possibilitou o fomento da pesquisa arqueológica que "[...] foi o centro da ideologia imperial do Brasil e isso explica seu desenvolvimento precoce" (Funari, 2013, p. 25). "Com a instalação da Corte no Brasil, as expedições tornaram-se oficiais e o país se transformou no paraíso de naturalistas viajantes" (Barreto, 1999, p. 36) [11].

Com o fomento à pesquisa sendo incentivada no Brasil Império, a arqueologia em solo brasileiro tem início com os trabalhos do naturalista dinamarquês considerado o pai da paleontologia e arqueologia no Brasil Peter Wilhem Lund (1801-1880), que durante sua residência na região de Lagoa Santa, na então província de Minas Gerais, realizou pesquisas entre 1834-1844 em várias grutas cársticas a procura de fósseis de animais extintos e restos humanos, vindo a deparar-se, com "[...] pinturas rupestres ou 'rochedos indígenas' na gruta da Cerca Grande; este achado foi registrado e desenhado pelo seu assistente norueguês, Peter Andreas Brandt [...]" (Funari, 2021, p. 25-26; Justamand; *et al*, 2017, p. 141).

Com tal descoberta, o interesse através de relatos, registros e inícios de estudos voltados para grafismos rupestres aumenta por meio de diversos viajantes naturalistas, artistas e

---

dinamarqueses, italianos, suecos e franceses. "Vieram, de um lado, cientistas ansiosos por conhecer as especificidades daquela terra que por séculos ficara reservada aos portugueses. Estudiosos da flora, da fauna, dos costumes viajaram pela América lusitana para descrever plantas e animais, para estudar os costumes indígenas." DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 15. *Cf.* MESGRAVIS, Laima. **História do Brasil Colônia**. São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 155-173

[11] Dom Pedro I casa-se, em 1817, com a Arquiduquesa Leopoldina de Habsburgo, filha do ex-imperador alemão e então imperador da Áustria. D. Leopoldina tinha inclinações para artes e ciências naturais e ao mudar-se para o Brasil, trouxe consigo o naturalista e minerálogo Roque Schüch de Trübau e o pintor Frich. Seu interesse e inclinação pelas ciências, ao que parece, possibilitou ao império a geração de projetos voltados para missões de cientistas e artistas que explorassem o país desconhecido. Da mesma forma, a princesa napolitana Dona Teresa Cristina que se casou com D. Pedro II, tinha interesses intelectuais, desenvolvendo uma paixão pelas artes e ciências, em particular a arqueologia, reunindo coleção de artefatos arqueológicos dos primórdios do Brasil, que trocava com seu irmão rei Fernando II das Duas Sicílias. *Cf.* OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil monárquico, v. 1: O processo de emancipação. Tomo II. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 141. *Cf.* Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_Cristina_de_Bourbon-Duas_Sic%C3%ADlias#cite_note-31. Acesso em: 05 set. 2024.

pesquisadores, que percorrem o território brasileiro explorando-o e registrando suas impressões e descobertas como o pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) que faz menção, em sua obra escrita em 1834, *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, da existência de pinturas rupestres na Serra do Anastácio, em Minas Gerais (Justamand; *et al*, 2017, p. 139).

Ainda no século XIX o cientista, médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães Karl Friedrich Philipp von Martius (1817-1821), registrou a existência de "[...] grafismos rupestres na Serra do Anastácio, no interior do sertão da Bahia, e gravuras rupestres nas margens do rio Japurá, na região Amazônica, com desenhos de rostos humanos e cenas de movimento" (Justamand; *et al*, 2017, p. 138).

Auguste de Saint Hilaire botânico, naturalista e viajante francês (1816) e o geólogo canadense-americano Charles Friedrich Hartt (1870), também fizeram registros sobre arte rupestre durante suas expedições. A maior discussão, durante esse período, girava em torno da questão da origem dos grafismos, se eram algum processo natural ou se eram algum tipo de intervenção humana. Ficou a cargo do escritor, magistrado, jurista, heraldista e político brasileiro, Tristão de Alencar Araripe em 1887 sustentar a afirmação, na obra *Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil* como o primeiro trabalho mais extenso sobre arte rupestre, que os grafismos rupestres eram de obra humana e seriam possuidoras de grande antiguidade (Gaspar, 2006, p. 33-34). Quanto a questão da autoria dos grafismos, assim se pronuncia Tristão de Alencar Araripe:

> Na época do descobrimento do Brazil o vemos ocupado por uma população analfabeta e balda de architetura, sendo por consequencia incapaz de produzir monumentos literarios e architetonicos. Si pois no Brazil verificarmos a existência de antigas inscrições e de cidades abandonadas, devemos concluir, que na nossa terra subzistio um povo civilizado, que n'ella precedeo as tribus erradias encontradas pelos Portuguezes no seu advento ás plagas brasílicas, e foi o escultor d' essas inscrições e o edificador de taes cidades[12]

A interpretação a respeito dos grafismos rupestres serem obra de uma civilização que precedeu aos indígenas no período colonial, ao que parece alimentou a sede por descobrir qual foi essa civilização. Como isso, surgiu no imaginário dos pesquisadores do século XIX na busca de resposta sobre os autores das inscrições em rocha, dentro do bojo de pesquisas arqueológicas feitas no velho mundo, o surgimento de uma "arqueologia mitológica" baseada na Bíblia,

[12] ARARIPE, Tristão de Alencar (1887). Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: v. 1, Tomo 50, 1887. p. 213. Cidades Petrificadas. Disponível em: https://archive.org/details/CidadesPetrificadasEInscripcoesLapidaresNoBrazil/page/n5/mode/2up?view=theater. Acesso em: 23 ago. 2024. ARARIPE, Tristão de Alencar.

encaixando os indígenas americanos dentro das narrativas bíblica da Arca de Noé e de tribos perdidas de Israel. Dessa forma, os povos do velho mundo, como fenícios, gregos ou mesmo israelitas foram tidos como ancestrais dos indígenas americanos, que os europeus os viram, na época, como em estado de regressão cultural (Martin, 2005, p. 26).

Sobre esse período, Barreto (1999, p. 36) afirma:

> Com isso inaugurou-se também todo um ciclo de especulações imaginosas que viam os índios brasileiros como o estágio final de uma civilização decadente, a qual poderia ser desde a dos fenícios, hebreus, chineses, japoneses e mongóis, até a de outros povos fictícios como os atlantes.

Como exemplo dessa "arqueologia mitológica", Martin (2005, p. 26) cita a gravura rupestre de Itacoatiara de Ingá na Paraíba, que "[..] supostamente foi encontrada em 1872 [...] num inexistente lugar de 'Pouzo Alto' no vale do Paraíba, por um também inexistente Joaquim Alves da Costa [...]", sendo interpretada como uma inscrição fenícia. Percebe-se que isto fez nascer a ideia do mito fenício para fundamentar uma colonização fenícia no Brasil, antes dos europeus.

Martin (2005, p. 31) enfatiza que o mito de colonização fenícia no Brasil, encontrou defensores, além do professor austríaco Ludwig Schwennhangen, em:

> [...] Onfroy de Thoron, José da Silva Ramos, Bougard de Magalhães, o Cônego Florentino Barbosa e o Pe. Francisco Lima, além de Frederico Hats. O mito encontra também um apaixonado defensor, nos anos 70, no Dr. Barata, presidente de um certo 'Grupo arqueológico do Ceará'.

Na verdade, a gravura rupestre de Itacoatiara de Ingá na Paraíba pertence ao sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá que fica na zona rural do município de Ingá, distante cerca de 105 km João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Este sítio está protegido como patrimônio cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) desde maio de 1944, sendo o primeiro monumento de arte rupestre protegido no Brasil contando como o único reconhecido também pelo seu conteúdo artístico, além da importância histórica[13]. A Imagem 1 apresenta a Pedra do Ingá – Ingá/PB com seu belo grafismo.

[13] Itacoatiaras do Rio Ingá (PB). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824. Acesso em: 26 ago. 2024. "Francisco C. Pessoa Faria acredita que as inscrições da pedra do Ingá estão ligadas ao conhecimento astronômico pré-histórico, os grafismos seriam representações estilizadas de constelações zodiacais" (Cavalcante, 2008, p. 123).

Imagem 1 – Pedra do Ingá/P. Sítio de arte rupestre das Itacoatiaras do Rio Ingá.

Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_do_Ing%C3%A1#/media/Ficheiro:Pedra_do_Ing%C3%A1_.jpg

Vale destacar que as pesquisas em Lagoa Santa, empreendidas por Peter Wilhelm Lund e sua equipe no século XIX, despertou o interesse de D. Pedro II a incentivar a promoção de pesquisas arqueológicas através de expedições e por meio do Museu Nacional. Os anos finais do século XIX foi o período inicial da inauguração da arqueologia no Brasil e, ao mesmo tempo, período de efervescência científica devido ao desenvolvimento do registro de "[...] levantamento de dados primários com expedições, escavações e montagem de coleções, mas também quanto à formulação de hipóteses e teorias sobre a origem e filiação cultural dos índios brasileiros [...]" (Barreto 1999, p. 37).

Haja vista a ausência de centros universitários, as pesquisas arqueológicas e antropológicas no Brasil, no final do século XIX até metade do século XX, foram impulsionadas por instituições nacionais como Museu Nacional no Rio de Janeiro (1876); o Museu Paraense em Belém (1894); e o Museu Paulista em São Paulo (1894), local onde cresceu o desenvolvimento das pesquisas e das teorias. Tal desenvolvimento vem dentro do bojo de paradigmas de conhecimento como evolucionismo, positivismo e naturalismo a partir de 1870 (Justamand; *et al*, 2017, p. 148; Barreto, 1999, p. 37-39).

1.3 Olhares sobre os grafismos rupestres a partir do século XX.

A institucionalização da arqueologia no Brasil, fomentada através dos museus, ocorre de forma marginalizada em relação as preocupações do governo republicano e em relação aos ideais românticos que buscavam revalorizar o passado nacional. A arqueologia passa a se oficializar dentro das ciências naturais, ficando isolada como "[...]conhecimento especializado, desligada da dinâmica histórica e social da época, e reservada a poucos especialistas, na sua maioria estrangeiros" (Barreto, 1999, p. 39).

No Brasil República, a arqueologia surge de forma popularizada nas primeiras décadas do século XX, devido a intensificação pela busca de cidades perdidas que foram nutridas de

diversas interpretações místicas de inscrições rupestres, que proporcionaram abundante literatura nos jornais da época. No entanto, quanto mais os pesquisadores adentravam ao território brasileiro, mais distantes ficavam as fictícias cidades, pirâmides, escritos fenícios que permeavam o imaginário romântico popular. A elite intelectual nos museus debruçava-se sobre debates a respeito da origem dos sambaquis, antiguidade dos fósseis de Lagoa Santa e sobre a origem das culturas do baixo Amazonas, o que possibilitou definir as futuras temáticas da arqueologia acadêmica (Barreto, 1999, p. 39).

Com as pesquisas arqueológicas no Brasil em pleno desenvolvimento desde fins do século XIX, tendo nos museus seu centro de desenvolvimento e incentivo a pesquisa, no século XX tem início a discussão entre os pesquisadores, que afirmam que a arte rupestre é fruto do ócio[14] e por isso não representavam nenhum tipo de comunicação (Gaspar, 2006, p. 34), como defendia o Etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg[15] (1907, p. 91):

> A viagem do índio é muito agradável. Em viagens curtas e para vizinhanças amistosas, ele leva consigo até mulher, filhos e seus poucos utensílios domésticos, e só depende dele ficar horas num lugar e passar seu tempo nada precioso na vida mansa. Até no tempo pouco chuvoso, época em que a água baixa obriga os peixes a buscar os pontos mais profundos abaixo das cachoeiras, muitos índios se reúnem ali para pescar. Nessa ocasião pode, por diversão nas horas de ócio, ter surgido algum petróglifo.

Para Alfredo Brandão (1874-1944), na obra *A Escripta prehistorica no Brasil* (1937), os grafismos representavam forma pré-histórica de escrita, oriunda de outra civilização (Justamand; *et al*, 2017, p. 149; Gaspar, 2006, p. 35).

> Nosso trabalho é baseado em todas essas teorias de continentes desapparecidos. A ellas se filia, dellas aure a seiva nutritiva e ao mesmo tempo procura, com sua pequena contribuição, reforçar-lhes as idéas, trazendo-lhes o adjutorio paleographico. A interpretação que procurou dar á nossa escripta prehistorica, tem o seu ponto de partida na analogia que os nossos caracteres

---

[14] A perspectiva interpretativa do ócio, também foi aplicada em vestígios arqueológicos de diferentes tipos, como os sambaquis, que foram entendidos como fruto do comportamento de preguiça por parte dos indígenas que abandonavam restos de alimentos em qualquer lugar. Estatuetas encontradas nos sambaquis, foram atribuídas a civilizações "evoluídas", em comparação ao indígena. GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 36.

[15] "Theodor Koch-Grünberg (Grünberg, 9 de abril de 1872 - Caracaraí, 8 de outubro de 1924) foi um etnologista e explorador alemão que contribuiu de forma indelével ao estudo dos povos indígenas da América do Sul, em particular dos pemon da Venezuela e dos povos indígenas brasileiros da região Amazônica, estudando a mitologia, as lendas, a etnologia, a antropologia e história deles. Suas narrativas dos mitos dos povos indígenas, são referidos por Mário de Andrade na sua obra Macunaíma – o herói sem nenhum caráter, de 1928. Morreu inesperadamente, de malária, durante uma expedição com o pesquisador norte-americano A. Hamilton Rice e o brasileiro Silvino Santos, que procuravam cartografar o Rio Branco." Theodor Koch-Grünberg. Disponível em: https://editoraunesp.com.br/blog/relatos-da-viagem-do-etnografo-theodor-koch-grunberg-ao-brasil-ganham-edicao-completa. Acesso em: 04 set. 2024. *Cf.* Theodor Koch-Grünberg. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Theodor_Koch-Gr%C3%BCnberg#Werk:_Die_brasilianischen_Expeditionen. Acesso em: 04 set. 2024.

> offerecem, não só com os caracteres prehistoricos do velho continente, mas ainda com os alphabetos dos tempos historicos de quasi todas as nações da antiguidade. A escripta prehistorica do Brasil encontra-se gravada ou traçada na superficie de rochedos em todo o paiz e especialmente nos Estados do norte (Brandão, 1937, p. 14,17).

Pode-se observar na Imagem 2 – caracteres das margens do Riachão – Viçosa, no Estado de Alagoas e os desenhos de grafismo rupestres feitos no Engenho Veados, também em Viçosa – Alagoas, copiados por Alfredo Brandão como forma de registrar os grafismos rupestres.

Imagem 2 – Da esquerda para direita: Caracteres das margens do Riachão – Viçosa, Estado de Alagoas. Desenhos de grafismo rupestres feitos no Engenho Veados, Viçosa – Alagoas.

Fonte: Brandão, 1937, p. 22, 27.

Destarte, Alfredo Brandão criou uma classificação para os grafismos rupestres dividindo-os em oito grupos de signos, como forma de método interpretativo para o que representavam: "1º) signos divinos; 2º) signos mágicos; 3º) signos de animais e vegetais; 4º) signos antropomorfos; 5º) signos de objetos e coisas; 6º) signos aglomerativos; 7º) signos desportivos; e 8º) signos decorativos." Tais interpretações não agregaram valor elucidativo para se descobrir o significado dos grafismos rupestres, ficando apenas no campo interpretativo desse pesquisador (Brandão, 1937, p. 121; Justamand; *et al*, 2017, p. 149-150).

Em contraponto a esta interpretação, estava o grupo de pesquisadores que entendia os grafismos rupestres carregados de significados que poderiam lançar luz sobre uma forma degradada de escrita ou poderia ser a origem de todas as formas de escrita, como defendia o

Etnólogo Ermano Stardelli (1852-1926)[16], para quem os grafismos, de autoria indígena, tinham significado de "[...] ordens de marcha, existência de víveres, posse, representações de deuses, instrumentos musicais, armas, animais e adornos" (Gaspar, 2006, p. 34-35). Na imagem 3 – está uma reprodução feita por Stardelli de inscrições rupestres no rio Uaupés.

Imagem 3 – Reprodução feita por Stardelli de inscrições rupestres no rio Uaupés."

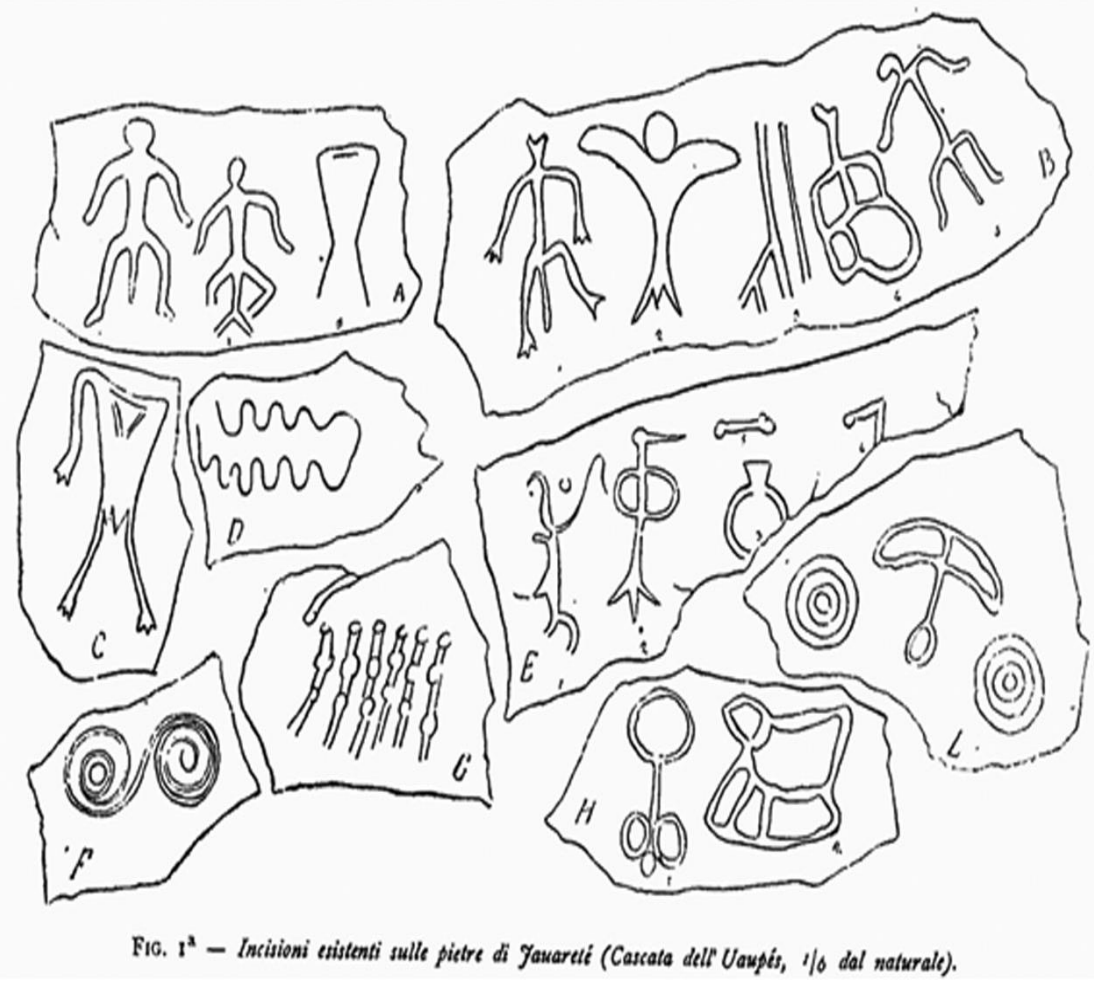


FIG. 1ª — *Incisioni esistenti sulle pietre di Jauareté (Cascata dell' Uaupés, 1/6 dal naturale).*

Fonte: http://www.antoniomiranda.com.br/poesiamundialportugues/ERMANNO%20STRADELLI.html.

Para o engenheiro, professor de Matemática e desenhista do Museu Nacional e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1894 que chegou à presidência

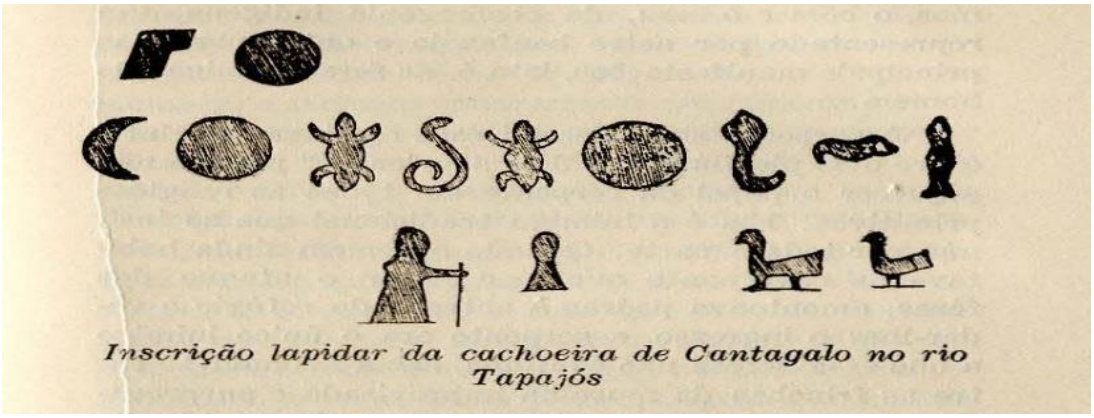
[16] "Etnólogo, fotógrafo, historiador, cartógrafo, jurista, lexicógrafo e indigenista, o Conde Ermano Stradelli, nasceu em Borgo Val di Taro, Itália, em 8 de dezembro de 1852, mas naturalizado brasileiro, em 1893. Destacou-se no cenário amazônico por dedicar-se pela maior parte de sua vida ao conhecimento do Amazonas, pelo seu grande rio e muitos dos tributários deste." MELGUEIRO, Edilson Martins. **O Nheengatu de Stradelli aos Dias Atuais**: uma contribuição aos estudos lexicais de línguas Tupí-Guaraní em perspectiva diacrônica – DF. UNB. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2022. p. 28.

deste instituto[17] (1922), Theodoro Sampaio (1855-1937) em 1922 apoiado no vocabulário tupi, postulou que os grafismos rupestres eram uma espécie de lápide mortuária que indicaria o nome do índio e sua descendência (Gaspar, 2006, p. 35).

> Não há dúvida de que o selvagem de hoje, nestas paragens, guarda por essas inscrições grande respeito tradicional, supersticioso, o que faz crer tenham tido elas, em outrora, significação cultural, quiçá até associada a algum pensamento funéreo (Sampaio; Teschauer, 1955, p. 62).

A Imagem 4 – apresenta uma representação de inscrição lapidar da cachoeira Cantagalo, no rio Tapajós, lugar de difícil acesso e perigoso, copiada pelo engenheiro Antônio M. Gonçalves Tocantins. "[...] mostra sobre um rochedo alto de cerca de cem metros acima das águas do río, quinze figuras de cor vermelho-ocre, desenhadas a oito metros mais ou menos acima do nível da maior enchente," (Sampaio, 1955, p. 67.)."

Imagem 4 – Inscrição lapidar da cachoeira do Cantagalo, no rio Tapajós.



Fonte: Sampaio, 1955, p. 67.

Além disso, Theodoro Sampaio rejeita a ideia de ócio no que diz respeito aos grafismos rupestres.

> As pictografias ou inscrições feitas com tinta, nem mesmo estas que muito menor esforço e dispêndio de tempo requerem, devem ser tidas pelo observador escrupuloso, como de meros divertimentos do selvagem em horas de ócio. O preparo da tinta, quase indelével, que resiste séculos a ação do tempo, exige cuidado e trabalho que não se compadecem com o emprego fútil dos momentos de ociosidade. O índio, que grava na pedra ou desenha na mesma pedra um sinal ou figura qualquer, dependente isto de material que lhe exige custoso e prévio preparo, não brinca, reflete um pensamento que lhe merece o esforço dispendido. Nem por ser um selvagem, deixa ele de ter sentimento e memória, suscetíveis de perpetuação por escultura ou pintura (Sampaio; Teschauer, 1955, p. 54).

[17] Theodoro Sampaio. Disponível em: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/theodoro-sampaio. Acesso em: 04 set. 2024.

Theodoro Sampaio viajou cerca de 3 mil quilômetros no território brasileiro e suas viagens trouxeram contribuições importantes para a elaboração de trabalhos que foram voltados para temas de estudos sobre hidrografia, pinturas rupestres, sítios arqueológicos, língua tupi, história e geografia (Carris, 2023, p. 4).

Percebe-se que desde as primeiras menções até quase a primeira metade do século XX, os olhares e a interpretação sobre os grafismos rupestres oscilavam no ambiente lendário religioso, em motivações baseada no ócio, em autoria aplicada a outros povos anteriores aos indígenas do período colonial como gregos, fenícios ou atlântidas, e na aplicação de variadas interpretações sobre os significados que poderiam demonstrar.

Desde o século XIX, fica nítido que o interesse das pesquisas estava voltado para a Pré-história do Brasil, não somente no campo de pesquisa de grafismo rupestre, mas, na pesquisa arqueológica, antropológica e etnográfica dos povos pretéritos que habitaram o solo brasileiro.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, o Museu Nacional, sediado no Rio de Janeiro, foi o único que manteve atividades de pesquisa arqueológica, pois houve falta de recursos para manter as produções científicas abrindo um novo tempo na história da pesquisa. Assim, a partir da década de 1920 a "era dos museus" nacionais que impulsionavam as pesquisas, foi ficando para trás devido ao abandono dos modelos enciclopédicos e projetos de grande vulto, que veio a causar baixa produção científica na área de arqueologia no período entre guerras (1918-1939), pelo interesse crescente de uma comunidade intelectual que se voltava para a antropologia, surgimento de novos temas como a miscigenação, no âmbito internacional a crítica radical ao paradigma do evolucionismo, introdução de novos conceitos de cultura, como o relativismo cultural de Franz Boas e paradigmas e manutenção de outros. Com isso a pesquisa arqueológica se dispersa e passa a ser exercida em centros menores e autodidatas (Barreto, 1999, p. 39-40).

> No Brasil, a antropologia, ao sair dos museus, ressurgiria nas universidades com esses novos paradigmas, de certa forma abandonando de vez a arqueologia que, ainda moldada pelo cientificismo do século XIX, só seria integrada à universidade tardiamente, dissociada da antropologia e como um apêndice da História, isto é, como pré-História (Barreto, 1999, p. 39-40).

A figura do antropólogo alemão Herbert Baldus que morou no Brasil a partir de 1923 e iniciou pesquisas antropológicas voltadas para diversos grupos indígenas, trouxe importante contribuição a pesquisa sobre grafismo rupestre. Baldus em 1934 e 1935, visitou o Estado de Mato Grosso e teve contato com as pinturas rupestres existentes em Sant'Ana da Chapada, o que o levou a ter interesse na área da Arqueologia. Foi nesse momento que Baldus tem seu primeiro contato com as comunidades indígenas Terena e com os Bororo de Meruri e do

Sangradouro. Os registros de suas pesquisas de campo deram luz a dois artigos, “Die Erbfolge der Häuptlinge bei den Tereno” (“A sucessão hereditária dos índios Tereno”) publicado em 1935, e o artigo “As pinturas rupestres de Sant’Ana da Chapada (Mato Grosso)” publicado em 1937. A visão antropológica de Herbert Baldus sobre a arte rupestre foi acompanhada em 1941 por José Anthero Pereira Jr, que refutou as interpretações da autoria dos grafismos a civilizações antigas do velho mundo e as classificou em técnicas e estilos de elaboração (Gaspar, 2006, p. 36; Silva, 2000, p. 25-26).

Com o surgimento da arqueologia acadêmica após a década de 1930, com a criação da Universidade de São Paulo, tendo entre seus fundadores o intelectual Paulo Duarte, a pesquisa arqueológica em geral ganha novo impulso. Em 1935 Luis de Castro Faria funda o Centro de Estudos Arqueológicos que foi vinculado posteriormente ao Museu Nacional, conferindo nível acadêmico a arqueologia. Em 1952 é criada a comissão de Pré-história na USP por Paulo Duarte. No Paraná, na UFPR, ocorre em 1956 a criação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) (Funari, 2021, p. 26; Barreto, 1999, p. 40-41, 42).

> [...] os primeiros e mais marcantes centros acadêmicos de arqueologia foram frutos de uma política preservacionista antes de mais nada preocupada em garantir os direitos à pesquisa científica de um patrimônio em crescente destruição, surgindo praticamente à margem dos projetos intelectuais mais amplos do ensino das ciências sociais no Brasil (Barreto, 1999, p. 41).

É preciso destacar que o papel de Paulo Duarte além de promover no Congresso Nacional a aprovação da Lei Federal 3.924 de 1961, que aborda sobre a proteção do patrimônio arqueológico, foi importante na formação acadêmica de arqueólogos, quando em parceria com Paul Rivet, diretor do Museu do Homem de Paris, trouxe ao Brasil o geógrafo Joseph Emperaire e a arqueóloga Annette Laming-Emperarire, em missão franco-brasileira que dedicou-se as pesquisas voltadas para arte rupestre (Funari, 2021, p. 26).

O casal empreendeu pesquisas entre 1954 e 1956 em sambaquis nos Estados de São Paulo e Paraná, que proporcionou as primeiras datações por C14 no Brasil, ministração de cursos e coordenação em 1973, de um grupo do *Center National de la Recherche Scientifique* (CNRS), voltado a pesquisas em Minas Gerais. Annette Laming-Emperarire, com sua experiência em pesquisas de arte rupestre em solo europeu, contribuiu no Brasil com metodologia de documentação e análise de arte rupestre, obtenção das primeiras datações para arte rupestre e a inserção no contexto cultural pré-histórico brasileiro (Funari, 2021, p. 26; Gaspar, 2006, p. 36-37).

Para Annette Laming_Emperarire, os grafismos rupestres são os vestígios que testemunham atos voluntários e conscientes dos homens pré-históricos (Prous, 1992, p. 509).

Cabe mencionar que Gaspar (2006, p 37) ressalta que “na segunda metade da década de 1960 pesquisadores brasileiros haviam começado a realizar levantamentos sistemáticos de grafismos nos estados do Sul”.

As pesquisas arqueológicas tomando impulso com diversas frentes empreendidas em várias regiões do Brasil, permitiu a criação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), organizado em mútua colaboração com o então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a *Smithsonian Institution*, norte-americana, que reuniu arqueólogos brasileiros coordenados pelos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans para, no período de 1965-1970, efetuar levantamentos arqueológicos em nível nacional, empreendendo, registro de sítios arqueológicos, datação de material arqueológico e aplicando métodos de seriação em categorias denominadas “tradições”, “fases” e “subfases” (Barreto, 1999, p. 45; Prous, 1992, p. 15).

> Várias instituições importantes, como o Museu Nacional, o Museu Paulista, o Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e o Instituto de Pré-História (IPH), da Universidade de São Paulo, não entraram no esquema do PRONAPA, dedicando-se de preferência ao estudo minucioso de uns poucos sítios típicos, procurando as estruturas de habitação, os hábitos alimentares, etc., às vezes deixando até a prospecção em segundo plano. Estas divergências levaram alguns autores a oporem duas filosofias de trabalho. Na verdade, as duas são complementares e a divisão encontrada no Brasil, como no restante da América Latina, entre a escola de Ford (propagada pelos Evans) e outras escolas é um dos entraves ao desenvolvimento harmonioso da arqueologia nacional. Felizmente, algumas equipes tentaram, depois de 1970, manter concomitantemente intensas atividades de prospecção e algumas de escavações sistemáticas, considerando-se que isto permite uma visão mais rica dos fatos arqueológicos (Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), UFMG e UFPi) (Prous, 1992, p. 16).

Em 1963 a arqueóloga brasileira Niéde Guidon é notificada pelo o então prefeito de Petrolina no Museu Paulista da USP, por ocasião de uma exposição de fotografias de pinturas pré-históricas encontradas em Lagoa Santa – MG, “[...] da existência de ‘uns desenhos de caboclos’, nas palavras do homem, parecidos com os que estavam na mostra – as fotografias retratavam um abrigo sobre rochas na Serra da Capivara, no Piauí”. Neste mesmo ano, Guidon dirigiu-se ao local, porém sua chegada foi impossibilitada devido ao período de cheia dos rios na localidade. Devido ao golpe civil-militar em 1964, Guidon exilou-se na França e só retornou ao Brasil na década de 1970, ocasião em que dirigiu a missão franco-brasileira, que pesquisou 55 sítios arqueológicos, em sua maior parte com pinturas e gravuras rupestres, o que

proporcionou a "[...] criação do Parque Nacional Serra da Capivara, em 1979, e da instituição da Fundação do Museu do Homem Americano em 1986" (Justamand; *et al*, 2017, p. 152)[18].

A partir de 1973, devido aos avanços proporcionados pelas missões franco-brasileira em no Piauí e Lagoa Santa, houve um grande impulso para pesquisas sistemáticas e metodológicas, permitindo que os arqueólogos Niéde Guidon e André Prous, tomando como base a crescente produção proporcionada pelas pesquisas arqueológicas, pudessem sistematizar dados com as regiões que pesquisavam e esboçaram quadros de referência que pudessem apresentar as diferentes manifestações e como estavam distribuídas no território nacional (Gaspar, 2006, p. 37-38; Prous, 1992, p. 509). Conforme nos informa Silva:

> A Missão Franco-brasileira aprofundou os estudos regionais, realizando cadastros e escavações sistemáticas em alguns sítios. Com isso se deu um impulso muito grande ao conhecimento de áreas com grande potencial arqueológico. Dentro dessa abordagem os estudos sobre grafismos rupestres puderam ser mais comparativos tanto em relação aos sítios como as regiões geográficas, permitindo intensificar as classificações tipológicas (Silva, 2008, p. 44).

A publicação de pesquisas em várias regiões teve expressivo crescimento, como demonstra André Prous:

> Logo depois, assistimos à multiplicação dos trabalhos em novos estados: Goiás (Schmitz e Moehlecke, Simonsen, Mendonça de Souza, Mills), no Rio Grande do Norte e Pernambuco (Gabriela Martin, Ruth de Almeida), Mato Grosso (D. Vialou), etc. A partir destes novos documentos, ainda insuficientes, no entanto mais consistentes do que os disponíveis até quinze ou dez anos atrás, autores como N. Guidon e A. Prous puderam esboçar um primeiro quadro geral (Prous, 1992, p. 509-510).

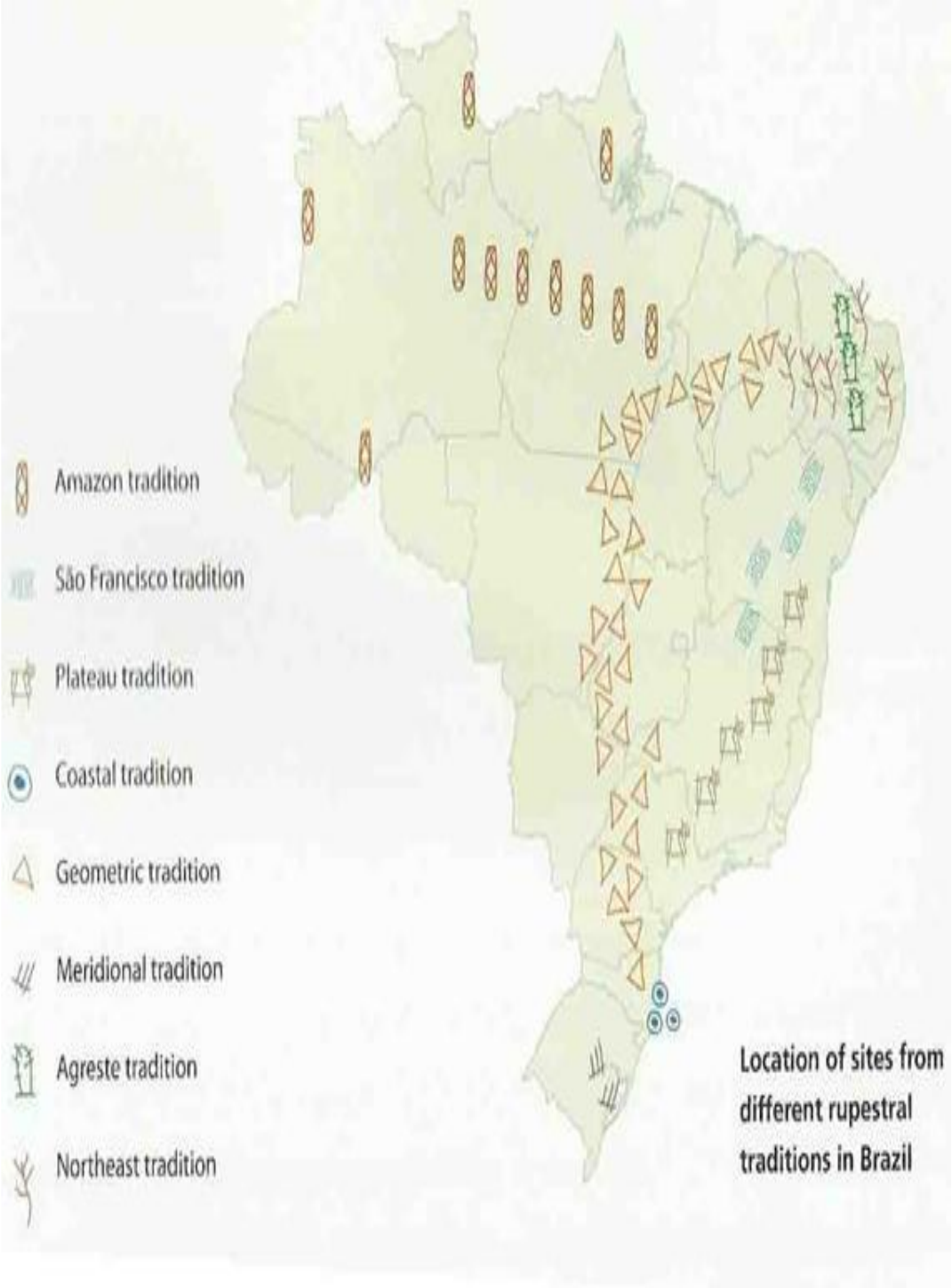
De acordo com as pesquisas que foram elaboradas no século XX, os grafismos rupestres no Brasil foram segmentados em Tradições, que indicam permanência de traços distintivos temáticos, espalhados nas regiões geográficas do Brasil, o que pode demonstrar uma abrangência cultural dos povos que habitaram o país antes da chegada dos europeus (Justamand; *et al*, 2017, p. 155; Prous, 1992, p. 511). Além disso, foram identificados métodos de produção de grafismo rupestre em técnica de Gravado, quando os autores se valem de "[...] técnicas diversas de remoção ou abertura de superfície rochosa [...]" como a picotagem e abrasão; e a Pintura, que utiliza o uso de técnica que adiciona pigmentos de cores distintas, de forma seca ou pastosa, feitas através de pincéis, dedos, sopro ou carimbos" (Viana; *et al*, 2016, p. 01)

---

[18] *Cf*. Niéde Guidon: 50 anos na defesa da Serra da Capivara, maior tesouro rupestre das Américas. Disponível em: https://brasil.mongabay.com/2023/07/niede-guidon-50-anos-na-defesa-da-serra-da-capivara-maior-tesouro-rupestre-das-americas/. Acesso em: 20 set. 2024. *Cf*. Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara - Sudeste do Piauí. Disponível em: https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq10.shtml. Acesso em: 20 set. 2024.

A Figura 1 – apresenta a distribuição das principais tradições rupestres no Brasil conforme foram estipuladas pelos pesquisadores da missão Franco-brasileira.

Figura 1 – Distribuição das principais tradições rupestres no Brasil.



Fonte: Justamand; *et al*, 2017, p. 162

A Tabela 1 – demonstra as tradições rupestres identificadas no Brasil discriminando a Tradição por Localização em Regiões/Estados e a Técnica aplicada na confecção dos grafismos.

Tabela 1 – Síntese das tradições rupestres identificadas no Brasil

Tradição	Localização: Regiões/Estados	Técnica aplicada
Meridional	Região Sul: RS; Centro-Oeste: GO	Gravura
Litorânea	Ilhas do litoral catarinenses	Gravura
Geométrica	Sul: SC; PR; Sudeste: SP; Centro Oeste: GO; MT; Nordeste: Piauí.	Gravura e Pintura
Planalto	Nordeste: BA; Sudeste: SP; Centro-Oeste: TO; GO; Sudeste: MG; Sul: PR.	Pintura
Nordeste	Região Nordeste PI; PE; RN; BA; CE; SE; Sudeste: MG	Pintura
Agreste	Nordeste: CE; RN; PB; PE; PI	Pintura
São Francisco	Região Nordeste: BA; SE; PI Região Sudeste: MG Região Centro-Oeste: GO; TO; MT	Pintura
Amazônica	Região Norte: AM; AP; AC; PA; RR;	Gravura e pintura
Astronômica (cosmológica)	Região nordeste: BA	Pintura
Itacoatiara de Oeste	Região Nordeste: PI	Gravura
Itacoatiara de Leste	Região Nordeste: PB	Gravura
Geóglifos[19]	Região Norte: AC	Gravura
Complexo Peruaçu	Região Sudeste: MG	Pintura
Complexo Montlavânia	Região Sudeste: MG	Gravura e Pintura

Fonte: Gaspar, 2006, p. 46-53; Justamand; et al, 2017, p. 155-161; Prous 2007 *EPUB*.

Com o decorrer dos anos até o atual século XXI as pesquisas sobre grafismo rupestre no Brasil renderam muitos frutos, que foram divulgados através das diversas pesquisas e produções bibliográficas que surgiram ao longo dos anos, seja em artigos científicos em periódicos especializados ou em Teses e Dissertações defendidas e aprovadas nos centros acadêmicos, que abrangem os estudos em todas as regiões do Brasil, seja no campo arqueológico ou no campo antropológico[20]. Isto é notório no exercício de pesquisa bibliográfica onde encontramos diversas publicações de pesquisas com base em novas descobertas, novos paradigmas teóricos-metodológicos, revisões de pesquisas anteriores, tendências de pesquisa em novas abordagens diversificadas e divulgação de estudos em novos sítios que vão surgindo.

Exerce exímia importância a atuação do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) através do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) que funciona como banco de dados de diversos sítios arqueológicos que foram encontrados, estudados e

[19] "Um grande motivo (geralmente> 4 m) ou desenho produzido no solo, seja pela disposição de clastos (geóglifo positivo, arranjo/alinhamento de pedras, petroforma, monte de terra) ou pela remoção de clastos patinados para expor o solo não pintado (geóglifo negativo)" *In* Bednarik, 2003, p. 9, *apud* Justamand; *et al*, 2017, p. 160 (Tradução nossa).

[20] Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 13 set. 2024.

catalogados, servindo, assim, como fonte de consulta e principalmente de preservação e proteção das fontes da nossa pré-história brasileira[21].

Com a criação da Sociedade de Arqueologia Brasileira durante o Seminário Goiano de Arqueologia, em 1980, com sua primeira reunião científica em 1981 que reuniu 64 trabalhos e contava a época com 48 associados, no Rio de Janeiro na Universidade Estácio de Sá, onde funcionava a única Faculdade de Arqueologia do país, a pesquisa da arte rupestre no Brasil pode encontrar um meio de apoio e divulgação das pesquisas. Como exemplo podemos citar IV Encontro da Associação Brasileira de Arte Rupestre em 2012[22].

O desenvolvimento da pesquisa sobre grafismos rupestres no Brasil caminhou na esteira do desenvolvimento da arqueologia, sendo, portanto, uma parte desse processo que teve início com os primeiros olhares desde o período colonial até sua sistematização no século XX, com o advento da arqueologia acadêmica, que permitiu toda a construção da estrutura que chegou aos dias de hoje.

[21] "O Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA / SGPA apresenta os sítios arqueológicos brasileiros cadastrados no IPHAN, com todo o detalhamento técnico e filiação cultural dos Sítios Arqueológicos". Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA/SGPA. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa. Acesso em: 13 set. 2024.

[22] IV Encontro da Associação Brasileira de Arte Rupestre. Disponível em: https://www.sabnet.org/informativo/view?TIPO=1&ID_INFORMATIVO=32. Acesso em: 13 set. 2024. Sociedade de Arqueologia Brasileira. Disponível em: https://www.sabnet.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=604 Acesso em: 13 set. 2024.

2. Povoamento da América do Sul e Brasil e o contexto arqueológico de Mato Grosso do Sul

2.1 Apontamentos sobre o povoamento da América do Sul e Brasil

Atualmente existe o consenso entre os estudiosos que o continente americano foi o último[23] a ser ocupado pelo *Homo Sapiens*, no entanto, os debates a respeito da antiguidade dessa ocupação continuam intensos e longe de terminar (Brambilla, 2023, p. 62; Allan; Andrade; Rangel Jr, 2022, p. 266).

O atual *status quaestionis* para a ocupação do continente americano apresenta discussões para datações Pleistocênicas afirmadas pelos pesquisadores. O antigo paradigma Clovis, cuja cultura lítica associada a ossos de bisões e mamutes, usada como uma forma de afirmar a mais antiga ocupação humana no continente americano especificamente na América do Norte por volta de 13.000 AP é pouco considerada (Suarez, 2019; Dias, 2019, p. 460) [24].

O arqueólogo Eric Böeda, com base em recentes pesquisas, sustenta que o debate acadêmico sobre o povoamento da América não considera mais o paradigma Clovis ou pré Clovis, mas coloca-se sob novo paradigma pré ou pós Ultimo Máximo Glacial (UMG-26.500 a 19.000 AP). Como exemplo, cita a existência de um sitio pré UMG no México na caverna de Chiquihuite, com datação entre 33.000 a 31.000 AP (Böeda, 2022, p. 376).

A arqueóloga Adriana Schmidt Dias, afirma que o tema sobre o povoamento inicial da América no início do século XXI, passava por controvérsias, que iam "[..] além da diversidade de interpretações sobre os contextos arqueológicos com datações pleistocênicas [...]" e que as "[...] divergências sobre a origem dos povos ameríndios recebem influências das diferentes

[23] Esta afirmação considera a ocupação e povoamento por caçadores coletores, assim sendo, considera-se a Antártida como último continente a ter ocupação humana no século XIX. Para mais detalhes *Cf.* Antártida. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%A1rtida#:~:text=A%20primeira%20pessoa%20que%20avistou,das%20Ilhas%20Sandwich%20do%20Sul. Acesso em: 27 nov. 2024.

[24] Segundo arqueóloga Adriana Schmidt Dias, atualmente "os principais competidores a sítios mais antigos da América do Norte hoje são: **1)** Meadowcroft (abrigo sob rocha, Pennsylvania), cuja cronologia radiocarbônica entre 12.000 e 20.000 anos AP é defendida com unhas e dentes há 40 anos por James Adovasio; **2)** Cactus Hill (paleoduna, na Virgínia), escavado nos anos 1990 por McAvoy e Johnson e com datações em OSL (Optically Stimulated Luminescence) de 17.000 anos AP; **3)** Sítios Debra L. Friedkin e Gault (planície aluvial de Buttermilk Creek, Texas), escavados por Michael Waters, e que apresentam, abaixo dos componentes Clovis da estratigrafia, datas por OSL entre 16.170 e 14.350 anos AP (Waters; Stafford Jr., 2013); **4)** Complexo Chesrow (Lago Michigan, Wisconsin), compreendendo 35 sítios identificados na década de 2000, com restos de megafauna e datações entre 12.600 e 13.400 (15.000-16.000 cal) anos AP, destacando-se os sítios Schaefer e Hebior; **5)** Paisley Caves (Lago Summer, Oregon), escavado por Jerkins entre 2002 e 2012 e com datações de 12.400 (14.865 cal) anos AP para cinco coprólitos humanos (Jenkins *et al*., 2013). Paisley Cave leva vantagem nesta disputa. Em uma inusitada pesquisa de opinião realizada em 2012 entre os membros da SAA, ele é o sítio pré-Clovis da América do Norte com maior aprovação, com 43% dos votos a favor dos seus coprólitos (Wheat, 2012)" (Dias, 2019, p. 470).

lógicas que afetam a prática da arqueologia nas Américas, reforçadas pelos eventos científicos e por revistas acadêmicas" (Dias, 2019, p. 459) [25].

O arqueólogo Rafael Suarez, argumenta que o paradigma que estabelecia o povoamento da América do Sul a menos de 13.000 anos atrás, devido as migrações de grupos humanos vindos da América do Norte detentores da cultura Clovis, atualmente não se sustenta. Dois sítios arqueológicos que apresentaram datações confiáveis, a saber Monte Verde no Chile e Arroyo Seco na Argentina, sustentam a afirmação de que o cone sul apresentava povoamento humano desde 14.600 AP (Suarez, 2019).

Conforme as recentes pesquisas empreendidas no norte do Uruguai pela equipe de Rafael Suarez, no Departamento de Artigas, nos sítios *Pay Paso* e *Tigre (K87)*, ficou demonstrado a cronologia das ocupações humanas recorrentes durante o Pleistoceno tardio (13.260 AP), a transição Pleistoceno-Holoceno (12.920–11.750 AP), o Holoceno inicial (11.300 – 9.300 AP) e o Holoceno tardio (1.180 AP). Rafael Suarez argumentou a importância estratégica destes sítios durante a pré-história da região, através de achados de tecnologias líticas diferentes, o que deixou claro que América do Sul nesta região já era povoada. As pesquisas atestaram que houve diferentes tecnologias de indústria lítica, expressas em pontas de lanças nesses sítios entre 14.000 a 13.000 AP quando grupos caçadores coletores exploraram o território. As industrias líticas são: final do Pleistoceno *Pontas Pré Cola de Pescado* (14.000 – 13.200 cal AP) e *Pontas Cola de Pescado* (12.800 – 12.200 cal AP); na transição Pleistoceno-Holoceno *Pontas Tigre* (12.000 – 11.300 cal AP); e nos inícios do Holoceno *Pontas Pay Paso* (11.080 – 10.200 cal AP) (Suárez, 2019; Suárez; Piñero; Barceló, 2018, p. 242-260; Suárez, 2015 p. 67-84).

Em geral a América do sul, apresenta evidências arqueológicas da ocupação humana por volta de 12.000 a 22.000 anos atrás. No entanto, em relação a chegada do homem na América do Sul não se sabe ao certo quando ocorreu pela primeira vez. O arqueólogo e antropólogo norte americano Tom Dillehay[26] demonstrou que a ocupação humana na América

[25] Para mais detalhes consultar: DIAS, Adriana Schmidt. Um réquiem para Clovis. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**: Belém, v. 14, n. 2, mai – ago 2019. p. 459 – 476.

[26] "Dillehay começou a escavar o sítio de Monte Verde em 1978 e recuperou evidências de sua extrema antiguidade, bem como seu alto grau de preservação orgânica. Os primeiros relatos de ocupação pré-Clovis (ou seja, antes de cerca de 13.500 anos atrás) em Monte Verde provocaram ceticismo generalizado entre a comunidade arqueológica, que em grande parte se apegou ao modelo da Cultura Clovis na América do Norte como a primeira manifestação da humanidade no Hemisfério Ocidental. Quase vinte anos após o início das escavações em Monte Verde, em 1997, um painel de arqueólogos de alto nível inspecionou o local e concluiu que as análises e interpretações de Dillehay estavam corretas, aceitando uma idade de 14.800 anos para o local. Essa revisão levou a uma mudança de paradigma distinta na comunidade profissional, que agora favorece o modelo de migração costeira inicial (15.000 anos atrás ou antes) da Ásia como o meio pelo qual os primeiros humanos ocuparam a

do Sul, através das evidências arqueológicas, estava atestada em 18.500 AP no sítio de Monte Verde II no Chile. Neste sítio também foram encontradas evidências de ocupação humana com datas muito antigas, chegando a 33.000 AP, o que demonstra a presença humana desde o final do Pleistoceno e início do Holoceno (Brambilla, 2023, p. 62; Dillehay, 2015, p. 02-04) contudo, há outros sítios que corroboram para datações antigas, demonstrando a ocupação humana desde o Pleistoceno final na América do Sul. Dentre estes sitios temos:

> […] los yacimientos continentales asociados a los principales sistemas fluviales del oeste, como la cuenca del Río de la Plata yacimiento de Santa Elina, en Mato Grosso, fechado en 27.000 B.P. […], la cuenca de São Francisco con yacimientos como los de la Serra da Capivara, con fechas de más de 20.000 B.P, […], Peruaçu 12.000 B.P. […], la cuenca del Amazonas Cueva da Pedra Pintada, 11.200 B.P. […] y Taima-Taima en Venezuela con fechas de hasta 22.000 B.P. […]. Independientemente de las discusiones tafonómicas que implican las fechas entre 27.000 y 11.000 años B.P., Dias (2015) propone que estas son discretas, lo que indica una fase pionera de exploración del territorio, caracterizada por una baja densidad demográfica (Brambilla, 2023, p. 62-63).

As pesquisas arqueológicas demonstram que a América do Sul não foi ocupada num processo homogêneo. Tal processo ocupacional ocorreu em várias regiões distintas nos anos finais do Pleistoceno e inícios do Holoceno, quando neste último ocorre uma expansão e diversificação dos biomas tropicais possibilitando assentamentos em territórios e fronteiras culturais claramente definidas. Isto demonstra um aumento demográfico que reflete o crescimento de sítios arqueológicos datados entre 11.500 a 8.000 AP (Brambilla, 2023, p. 64).

Brambilla detalha que nesta expansão demográfica da ocupação humana na América do Sul estão:

> […] incluidas las cuencas hidrográficas del Río São Francisco (que conecta las rutas pioneras de ocupación de la costa del Atlántico norte con el centro de Brasil), desde el Amazonas (que conecta las rutas pioneras para la ocupación de las mesetas de las Guayanas, Venezuela y Colombia con el centro de Brasil) y el Río La Plata (que conecta los Andes orientales con la cuesta Atlántica y la cuenca del Amazonas) […] (Brambilla, 2023, p. 64).

Quanto a ocupação do território brasileiro, as regiões brasileiras apresentam datas que confirmam a colonização por povos não ceramistas até 3.000 ou 2.000 anos atrás, conforme as pesquisas recentes apontam. Dessa forma, teríamos os seguintes dados: **Região Sul**, entre 12.000 e 2.000 AP foi dominada por população de tradições Umbu e Humaitá e no litoral por grupos sambaquieiros entre 8.000 e 2.000 AP; na **Região Sudeste**, a densidade populacional foi

América do Norte e do Sul". Disponível em: https://www.archaeologychannel.org/tac-events/international-film-festival/157-archived-festival-pages/keynote-speakers/665-about-tom-dillehay. Acesso em: 10 out. 2024.

das mesmas populações da Região Sul, no entanto com ocupação mais antiga datadas em 14.200 AP em São Paulo (sítio Alice Böer, na região de Rio Claro) e médias de 12.000 AP em Minas Gerais; na **Região Centro-Oeste** a ocupação humana possui datações recuadas que chegam a mais de 22.000 AP. Levando em conta o sítio de Santa Elina, as datações chegam a 27.000 AP (Vilhena-Vialou; Vialou, D., 2019, p. 344; Bueno; Dias, 2015, p. 129)[27]; na **Região Nordeste** a ocupação humana é atestada em datações entre 11.000 e 8.000 AP, "além de numerosas entre 35 e 14 mil AP"; na **Região Amazônica**, a ocupação humana é atestada em sítios com datações até 12.000 AP. Estes dados estarão sempre sujeitos a modificações podendo alcançar datações mais recuadas, conforme o avanço das pesquisas (Funari; Noelli, 2023, p. 71-77).

No contexto arqueológico do Brasil, Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noelli apontam três etapas de ocupação do território brasileiro. A **primeira etapa** seria de populações paleoíndias até 12.000 AP; a **segunda etapa** ocorreria com a colonização mongoloide no nordeste da América do Sul representadas por população sambaquieiras a partir de 10.000 a 9.000 AP; a **terceira etapa** ocorreu com populações mongoloides se fixando na Amazônia criando a agricultura, a cerâmica e novos padrões demográficos e culturais a partir de 10.000 a 9.000 AP. Nesta etapa ocorre a produção de cultura material distinta em razão do crescimento demográfico, modificação das formas das aldeias, acréscimo da cerâmica a partir de 7.000 AP, novos equipamentos líticos, como o ralador, o pilão e o machado polido, entre outros (Funari; Noelli, 2023, p. 78)[28].

A indústria lítica, por parte dos grupos caçadores coletores, foi atestada em diferentes partes do Brasil em datações que remontam de 12.000 a 10.000 AP, sendo tecnologias líticas associadas:

> […] la tradición Umbu en el sur, con su industria bifacial, raspadores bien retocados y puntas bifaciales; la tradición Itaparica en el medio oeste/noroeste, totalmente unificada, cuyos únicos artefactos formales son las láminas; y la industria 'Lagoa Santa', ausente de artefactos formales, que facilitan la clasificación cultural, compuesta principalmente por pequeñas escamas de cuarzo. Debido a esta diversidad material, es comprobado que diferentes pueblos estuvieron en Brasil […], desde hace alrededor de 12 mil años y que

[27] O sítio de Santa Elina em Mato Grosso, apresenta grande importância nas discussões acerca das rotas de entrada, dispersão e povoamento de grupos humanos no Brasil Central, por ser um sítio localizado mais a oeste nesse momento. *Cf*. BUENO, Lucas Bueno; DIAS, Adriana. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos Avançados**: São Paulo, v. 29, n. 83, p. 129, 2015.

[28] O arqueólogo Eduardo Góes Neves apresenta dados da ocupação humana na Amazônia que datam do Pleistoceno terminal, com base no exame de indústria lítica unifaciais e bifaciais. O autor apresenta dados que tal ocupação ocorreu em datações diferentes, a partir de 12.700 a aproximadamente 6.800 AEC e demonstra que há uma tradição cultural diversificada em regiões diferentes da Amazônia que é atestada pela ausência de padronização formal no que diz respeito a produção de artefatos. Para mais detalhes *Cf*. NEVES, Eduardo Góes. O rio Amazonas: fonte de diversidade. **Revista del Museo de La Plata**, La Plata, v. 4, n. 2, p. 385-400, 2019.

> ni todos pertenecían de la misma cultura. Pero no se puede ignorar, hay evidencias de hasta 24.000 mil años, ya se han comprobado en el Piauí, pero son escasas. Aquí se presenta evidencia de fechas (14C) más antiguas en territorio brasileño en la transición del Pleistoceno – Holoceno (Brambilla, 2023, p. 65).

O caminho percorrido pelos grupos humanos em sua dispersão na América do Sul e Brasil, foi proposto em Rotas de interiorização como hipóteses formuladas a fim de "[...] entender melhor o processo de povoamento das terras baixas do leste da América do Sul (Bueno; Dias, 2015, p. 136). Estas rotas podem lançar luz sobre a dinâmica de exploração dos novos territórios por grupos caçadores coletores que promoveu rápido deslocamento a grandes distâncias em combinação com uma rede de movimentos axiais com vias simultâneas de expansão radial (Brambilla, 2023, p. 69; Bueno; Dias, 2015, p. 136).

Fundamentada em evidencias arqueológicas, foram propostas três rotas principais para explicar o povoamento pelos grupos humanos nas savanas tropicais na transição Pleistoceno-Holoceno.

A primeira rota denominada como Rota do São Francisco é tida como pioneira por sua associação a áreas do Caribe a nordeste da América do Sul, fazendo a possível conexão entre norte e nordeste, por meio de um corredor florestado no entorno de pequenos rios que cruzam a região. Esta rota é a mais antiga nas datações da transição Pleistoceno-Holoceno, na qual localizam-se dois importantes sítios arqueológicos: Lapa do Boquete-MG com datações em torno de 12.000 AP e sítio Peruaçu-MG com datações em torno de 9.000 a 8.000 AP (Brambilla, 2023, p. 71; Bueno; Dias, 2015, p. 128; Ribeiro, 2006, p. 101;), sendo que neste último existe grafismos rupestres com datações entre 9.000 a 7.000 AP (Isnardis, 2019, p. 407; Prous, 2007, *EPUB*; Ribeiro, 2006, p. 104, 116). "Nessa rota, a bacia do rio São Francisco ofereceria o principal eixo de ligação entre a costa Atlântica, o nordeste e o sudeste do Brasil e sua ocupação estaria associada a Tradição Itaparica entre o período de 12.440 anos e nove mil anos" (AP) (Bueno; Dias, 2015, p. 128).

A Rota da Bacia Amazônica é considerada a segunda onda de colonização que pode ter conectado o norte do platô das Guianas, Venezuela e Colômbia, entrando pelo Brasil, através dos rios da Região Norte do Brasil. Esta rota, que pode ser postulada como contemporânea a rota do São Francisco, partiria do Noroeste "[...] seguindo o extenso sistema fluvial amazônico em direção às savanas do Planalto Central brasileiro e estaria representada por sítios como Santa Elina" (Brambilla, 2023, p. 71-72; Bueno; Dias, 2015, p. 128).

A Rota da bacia do rio da Prata propõe a dispersão e povoamento da região sul representada pela Tradição Umbu. Esta rota esteve associada ao sistema fluvial dos rios

Paraguai, Paraná e Uruguai. A bacia do rio da Prata poderia ter representado um primeiro caminho de conexão entre os Andes e a Costa Atlântica, ou ainda com a bacia amazônica para o norte (Brambilla, 2023, p. 73-74; Bueno; Dias, 2015, p. 135).

A Figura 2 – apresenta as hipóteses das principais rotas de interiorização e assentamentos mais antigos da América do Sul entre o final do Pleistoceno e Holoceno Inicial.

Figura 2 – Mapa com indicação das principais rotas de interiorização e assentamentos mais antigos da América do Sul entre o final do Pleistoceno e Holoceno Inicial.

Fonte: Brambilla, 2023, p. 63.

A Mobilidade dos grupos humanos caçadores-coletores, como sugere Marcos Beber, pode ter proporcionado trocas de tradições, devido as grandes bacias fluviais.

> [...] mobilidade proporcionada pela ampla rede de drenagem, vinculada às grandes bacias hidrográficas do país como a do rio Paraguai, do rio Paraná, entre outros, facilitando os contatos a ponto de termos na Tradição Tupiguarani um expoente amazônico que se estendeu por Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais por exemplo (Beber, 1994, p. 11).

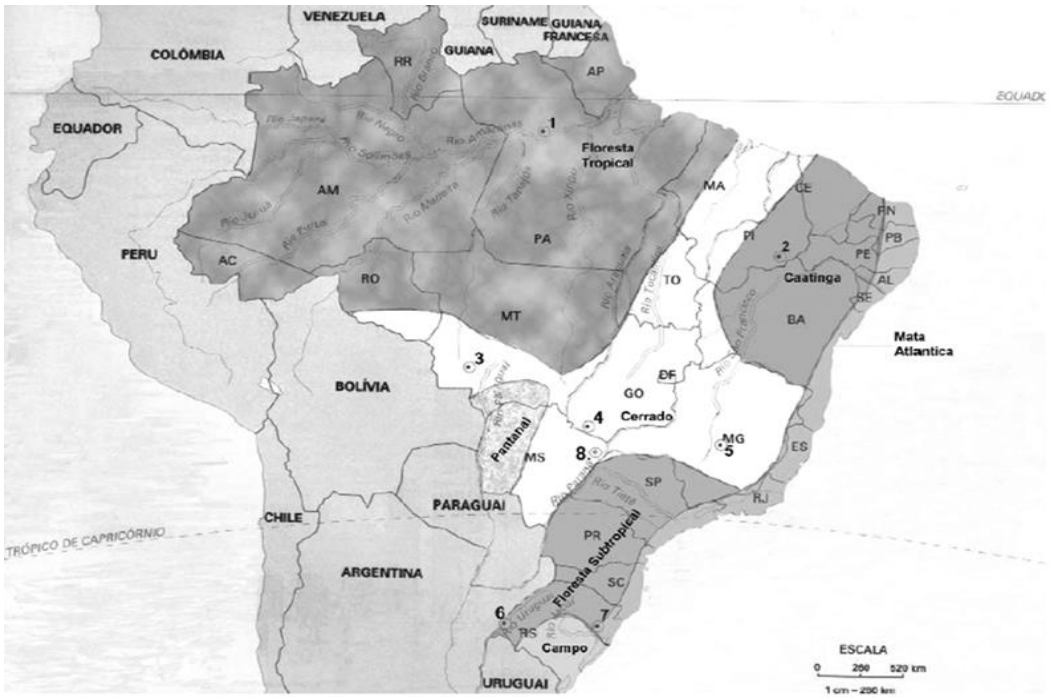
As recentes pesquisas arqueológicas têm demonstrado que a ocupação humana em Mato Grosso do Sul remonta, na escala de Tempo Geológico, ao "Período Quaternário" entre o Pleistoceno final e inícios do Holoceno. A Época do Pleistoceno, conforme a Escala de Tempo Geológico, tem início em 2.58 (Ma) indo até 11.700 anos, dividido em "Estágios/Eras". Para o

Pleistoceno temos as seguintes divisões de "Estágios/Era": Pleistoceno Inicial ou inferior (2.58Ma-1.8Ma *Gelasiano – Calabriano* 1.8Ma-774k); Pleistoceno Médio (*Chibaniano* 774k-129K); e Pleistoceno Superior/Tardio/Final que abarca o tempo de 129.000 a 11.700 anos, dando início a Época do Holoceno Inicial 11.700 a 8.200 anos (*Groenlandês*); seguido do Holoceno Médio 8.200 a 4.200 anos (*Northgrippiano*); até o Holoceno Tardio 4.200 anos até o presente (*Megalaiano*)[29].

A ocupação no Pleistoceno final ficou atestada nos sítios: Alto Sucuriú (AS12) 12.660 A.P e Chapadão do Sul (savana) 12.436 A.P. As datações para o início do Holoceno encontram-se: no sítio Alto Sucuriú 04 (AS4) Chapadão do Sul (savana) com 9.446 A.P.; no sitio Templo dos Pilares Alcinópolis com 10.200 A.P.; no sitio MS-CP-22 Corumbá/Ladário (Pantanal) com 8.230 A.P. Esta amostra de dados corrobora para atestar que a presença humana é muito antiga no Mato Grosso do Sul (Brambilla, 2023, p. 68-69; Kashimoto; Martins, 2019, p. 21-23).

A Figura 3 – apresenta as zonas ecológicas e sítios arqueológicos da transição Pleistoceno – Holoceno no Brasil, indicando por número os sítios e os locais onde se encontram.

Figura 3 – Sítios arqueológicos da transição Pleistoceno – Holoceno no Brasil. 1. Toca da Pedra Pintada (Pará); 2. Boqueirão da Pedra Furada (São Raimundo Nonato); 3. Santa Elina (Mato Grosso); 4. Sítio GO-JA-01 (Serranópolis); 5. Lapa Vermelha IV (Lagoa Santa).



Fonte: Brambilla, 2023, p. 66.

[29] *Cf.* International Chronostratigraphic Chart I v 2023/09 www.stratigraphy.org. Disponível em: https://stratigraphy.org/ Acesso em 10 out 2024. Pleistoceno. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pleistoceno Acesso em: 10 out. 2024.

A Tabela 2 – apresenta dados sobre alguns sítios arqueológicos no Brasil, separados por região geográfica, localização, identificação do sítio e datações, que foram identificados em datações na transição Pleistoceno – Holoceno.

Tabela 2 – Alguns sítios arqueológicos no Brasil de transição Pleistoceno-Holoceno discriminados por região geográfica, localização, sítios e datações.

REGIÃO GEOGRÁFICA	LOCALIZAÇÃO	SITIO	DATAÇÕES
Região Amazônica	Pará	Gruta da Pedra Pintada	11.145±135 (cal AP. 12.720 to cal AP. 13.076) – GX-17413
Região Nordeste	Piauí	Boqueirão da Pedra Furada-São Raimundo Nonato	24.500 ± 2800 (cal AP. 21.200 a 22.500) – GIF?
Região Centro-Oeste	Mato Grosso	Santa Elina	10.120±60 (cal AP. 11.331 to cal AP. 11.841) – GIF-8954
	Goiás	GO-JA-01 Serranópolis	10.580±115 (cal AP. 12.225 to cal AP. 12.696) – SI-3699
	Mato Grosso do Sul	AS12- Alto Sucuriú	10.450±60 (cal AP 12.190 to cal AP. 12.436) BETA 304050
		AS4- Alto Sucuriú 04	8.320±60 (cal AP 9.086 to cal AP. 9.446) BETA 284370
Região Sudeste	Minas Gerais	Lapa Vermelha IV-Lagoa Santa	11.680±500 (cal. AP. 12.674 to cal AP. 15.146) – GIF-3726
Região Sul	Rio Grande do Sul	RS-S-327 Sangão RS-TQ-58: Garivaldino	8.800±40 (cal AP. 9.557 to cal AP. 9.913) – BETA 160845 9.430±360 (cal AP. 9.662 to cal AP 11.763) – BETA-4739

Fonte: Brambilla, 2023, p. 66.

2.2 As pesquisas arqueológicas em Mato Grosso do Sul

A Região Centro-Oeste do Brasil que abrange a área correspondente de 1.602.133 Km^2, abriga o jovem Estado do Mato Grosso do Sul que nasceu em 1977[30], cujo território de

[30] Mato Grosso do Sul História. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/historico. Acesso em: 15 out. 2024. Para mais detalhes sobre a divisão de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul, consultar: BITTAR, Marisa. Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso. **Multitemas** – Periódico das comunidades departamentais da UCDB, Campo Grande, n. 15, p. 93-124, out. 1999. QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). **Revista Diálogos**, Maringá: UEM, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006. ARAÚJO, Vinícius de Carvalho. Divisão de opiniões: a saga do divisionismo sulista em Mato Grosso. *In*: RODRIGUES, Cândido; JOANONI NETO, Vitale (org). **Nova história do Mato Grosso contemporâneo**. Cuiabá: EdUFMT, 2018. p. 169-196.

357.145,531 Km^2 além da divisa com outros Estados da Federação como Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, possui fronteira a oeste com a Bolívia e Paraguai.

O Centro-Oeste em sua situação ambiental no período de transição Pleistoceno-Holoceno, apresentava situação ambiental muito diferente com o que temos atualmente e sugere-se que tenha sido uma zona de confluência para "[...] onde várias sociedades indígenas, sobretudo as agricultoras e ceramistas, se deslocaram por motivos variados." (Oliveira; Viana, 2000, p. 01).

Brambilla asevera que:

> Santa Elina, debido a su ubicación, la proximidad con Mato Grosso do Sul, 238 Km, cronología y composición de artefactos, puede representar una posible conexión entre las tierras altas del oeste y las tierras bajas del este de América del Sur, lo que sugiere más una ruta para entrada de los pueblos cazadores-recolectores en la región donde hoy se ubica Mato Grosso do Sul (Brambilla, 2023, p. 68).

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Centro-Oeste foram sistemáticas e contínuas, iniciando-se em Goiás com projetos de pesquisas que envolveram a Universidade Católica de Goiás (UCG) e Universidade Federal de Goiás (UFG), respectivamente em 1971 e 1974. As pesquisas arqueológicas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tiveram início na década de 1980, empreendida por arqueólogos brasileiros vinculados a instituições de ensino superior (Oliveira; Viana, 2000, p. 01-02; Oliveira; Viana, 2000a, p. 143)

> A maioria desses projetos estava distribuída em grandes áreas geográficas de aproximadamente 20.000 km2, as quais não chegaram a ser extensiva e exaustivamente prospectadas. Este é o caso do e do Projeto Paranaíba, Projeto Alto Araguaia, respectivamente em Serranópolis e Caiapônia (Goiás), bem como do Sucuriú, no nordeste de Projeto Alto Mato Grosso do Sul. [...] é inegável a contribuição desses projetos para o conhecimento da pré-história do Centro-Oeste, uma vez que, mesmo com as ressalvas apontadas, as pesquisas conseguiram produzir dados gerais sobre a ocupação pré-colonial da região, até então praticamente desconhecida em termos arqueológicos (Oliveira; Viana, 2000, p. 02-03).

2.2.1 Programa Arqueológico do Mato Grosso do Sul (PAMS)

Em Mato Grosso do Sul, antes da execução das pesquisas arqueológicas, foi feito um levantamento para localização e avaliação de sítios arqueológicos com a finalidade de elaborar o Programa propriamente dito que abarcaria o convênio das instituições que participariam do projeto. Foi um levantamento preliminar coordenado pelo arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz na região nordeste do Mato Grosso do Sul, desenvolvido em julho de 1985, de cunho geológico e ecológico que percorreu determinada área e foram tiradas amostras e elaborada documentação preliminar de grafismos rupestres, localizada em uma fazenda no alto curso do rio Sucuriú.

Uma equipe formada por pesquisadores do então Centro Universitário de Três Lagoas, e o Instituto Anchietano de Pesquisas, participou desta etapa que "[...] foi financiada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e desenvolvida em três fazendas nos municípios de Três Lagoas, Parnaíba e Costa Rica" (Girelli, 1994, p. 26-27). Além disso, foram avaliadas as potencialidades arqueológicas com cortes estratigráficos, através de levantamentos parciais de dados feitas em expedições em cinco sítios (Brambilla, 2023, p. 102-103).

No ano seguinte, em 1986, foi elaborado o Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul (PAMS), que contou com o convênio entre o Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo-RS. Este projeto tinha previsão de duração de 10 anos, podendo ser prorrogado, e tinha como objetivo a cooperação técnica e científica entre as entidades conveniadas, com vistas ao treinamento, intercâmbio de informações, resultados de pesquisas e levantamento bibliográfico referentes a área que se propunha pesquisar. O financiamento ficou por conta da UFMS, UNISINOS, IAP, CNPq e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) (Girelli, 1994, p. 26).

Foram escolhidas quatro áreas do Mato Grosso do Sul para o desenvolvimento das pesquisas, divididas em quatro projetos: **Projeto A**: Alto Sucuriú, em Três Lagoas, no Nordeste do Estado; **Projeto B**: Campo Grande-Dourados, região central do Estado; **Projeto C**: Bela Vista, ao longo do rio Apa, no Sudoeste do Estado; **Projeto D**: Corumbá, vale do rio Paraguai, extremo oeste do Estado (Girelli, 1994, p. 27)[31].

Os objetivos iniciais do Programa foram:

> [...] localizar, identificar cultural e cronologicamente e avaliar os sítios arqueológicos das áreas escolhidas para a amostragem; selecionar sítios para uma etapa de pesquisa mais intensa e profunda, tendente à solução de problemas científicos; fazer um primeiro estudo das culturas representadas em cada uma das áreas, do ponto de vista de padrão de assentamento e arte rupestre; sugerir medidas de preservação e, sempre que possível, executá-las, principalmente através da conscientização dos proprietários das terras nas quais os sítios estão localizados" (Girelli, 1994, p. 28 *apud* Schmitz, 1985, p. 5).

Dentro do PAMS o projeto Alto Sucuriú foi o primeiro a ser executado durante os anos 1986 a 1989, com elaboração de registro e documentação de grafismos rupestre em 1987 e em 1989 a conferencia de pinturas e gravuras, além de levantamento geológico e confecção de mapa geográfico da área trabalhada nas pesquisas de campo. O projeto revelou a existência de

[31] Os Projetos "B" e "C", respectivamente, Campo Grande-Dourados, região central do Estado e Bela Vista, ao longo do rio Apa, no Sudoeste do Estado, não foram concluídos até o momento.

sítios arqueológicos pré-cerâmicos com material lítico e grafismos rupestres com datação de 8.400 a.C. A indústria lítica encontrada, juntamente com a implantação dos sítios, os grafismos rupestres com pinturas na Tradição São Francisco ou Geométrica, petróglifos de Tradição Meridional, também denominada de Pisadas e as datações atribuídas, são parecidas com o resto do Planalto brasileiro, em especial com Serranópolis, Goiás (Girelli, 1994, p. 29).

O Projeto Corumbá foi o segundo a ser executado dentro do PAMS, possuindo os mesmos objetivos gerais e métodos do programa. Este projeto previu trabalhos de pesquisas nos anos 1992 a 1995, sendo feito o reconhecimento de sítios com grafismos rupestres em 1990; em 1991 reconhecimento, descrição e coleta de material em fazendas; em 1992 e 1993 empreendidas escavações em vários sítios com coleta, reconhecimento e documentação de petróglifos (Girelli, 1994, p. 30-31).

Atualmente no Estado de Mato Grosso do Sul foram constatados, através de recente inventário, a existência de mais de oitenta sítios com grafismos rupestre em que apresentam grande variedade de grafismos, que foram executados ao longo dos 12 mil anos de história. Dos 79 municípios do estado, os grafismos rupestres estão presentes em: Alcinópolis, Antônio João, Aquidauana, Corguinho, Corumbá, Coxim, Costa Rica, Chapadão do Sul, Jaraguari, Jardim, Ladário, Maracaju, Pedro Gomes, Paranaíba, Rio Negro e Rio Verde (Aguiar, 2016, p. 22).

Os grafismos rupestres como vestígios de populações pretéritas, expressas em abrigos, grutas, paredões, blocos e lajes de pedra, através de pinturas monocrômicas ou policrômicas (feitas com misturas de minerais como o óxido de ferro) usando pincel feito de galho de árvores, com o dedo ou pigmento em pó soprado e as gravuras “[...] obtidas pela percussão ou fricção de um instrumento de pedra contra a rocha, resultando disso figuras em baixo relevo”, com temáticas variadas de representações, podem expressar [...] “vivência social, seja materializando conteúdos cosmológicos ou representando seres do ecossistema” (Aguiar, 2016, p. 22; Gaspar, 2006, p. 15).

2.2.2 Grafismos rupestres no Programa Institucional de Extensão Trilha Rupestre

O Programa Institucional Trilha Rupestre surge como uma iniciativa inovadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) que valoriza o potencial arqueológico de Mato Grosso do Sul e sua riqueza cultural, visando fortalecer o turismo arqueológico e impulsionar a bioeconomia em diversos municípios do estado. Este programa busca implementar práticas de bioeconomia, economia criativa e práticas educativas, através de iniciativas que envolvam a população local e turistas a se conectarem com “os modos de vida

dos povos originários por meio de pinturas rupestres artefatos e vestígios encontrados em sítios arqueológicos" (Nepomuceno, 2023, p. 27).

Atualmente a equipe coordenadora é liderada pela arqueóloga Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques, Coordenadora Científica, e Ivo Leite Filho, Coordenador Administrativo[32].

Segundo a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte (PROECE – UFMS) informa "O programa teve início em agosto de 2021 e está previsto para durar 5 anos[33]". Tem como característica fundamental envolver as comunidades locais para promover a ligação entre o passado e o presente, afim de que se tornem ativamente conscientes e defensoras da preservação, para evitar degradação dos sítios arqueológicos garantindo sua integridade para as gerações futuras. Este projeto também intenciona promover impactos econômicos positivos nas regiões envolvidas, com incentivo à produção de produtos e serviços relacionados ao turismo arqueológico, fomentando a produção de artesanatos inspirados em grafismos rupestres, cursos de Educação Patrimonial e roteiros turísticos contextualizados. "O Programa Trilha Rupestre possui o respaldo da cátedra da UNESCO Fronteiras e Migrações" (Nepomuceno, 2023, p. 27).

> Seu objetivo é promover ações voltadas para a inovação social e o desenvolvimento sustentável da bioeconomia local. O programa tem como meta inicial despertar o interesse e o aprendizado nos cidadãos sul-mato-grossenses e turistas acerca do processo cultural e da circulação econômica por meio dos vestígios arqueológicos e geopaleontológicos da região (Nepomuceno, 2023, p. 28).

Como objetivos específicos o programa propõe:

> Criar uma rota rupestre educacional e turística; desenvolver pesquisas arqueológicas sustentáveis; dinamizar a economia local com produtos gerados através de estudos acadêmicos; estruturar seis eixos de implementação do programa dentro da Bioeconomia[34].

Os Municípios abrangidos pelo Programa Trilha Rupestre são os seguintes: Alcinópolis, Chapadão do Sul, Corguinho, Costa Rica, Coxim, Figueirão, Jaraguari, Paraíso das Águas, Pedro Gomes, Rio Negro, Rio Verde, Rochedo, São Gabriel do Oeste e Sonora. Essas quatorze localidades foram escolhidas devido à sua alta concentração de sítios arqueológicos com potencial para atividades econômicas sustentáveis (Nepomuceno, 2023, p. 07).

Na Figura 4 – apresenta-se o mapa do Brasil, destacando Mato Grosso do Sul com os municípios identificados com grafismos rupestres discriminados por cores.

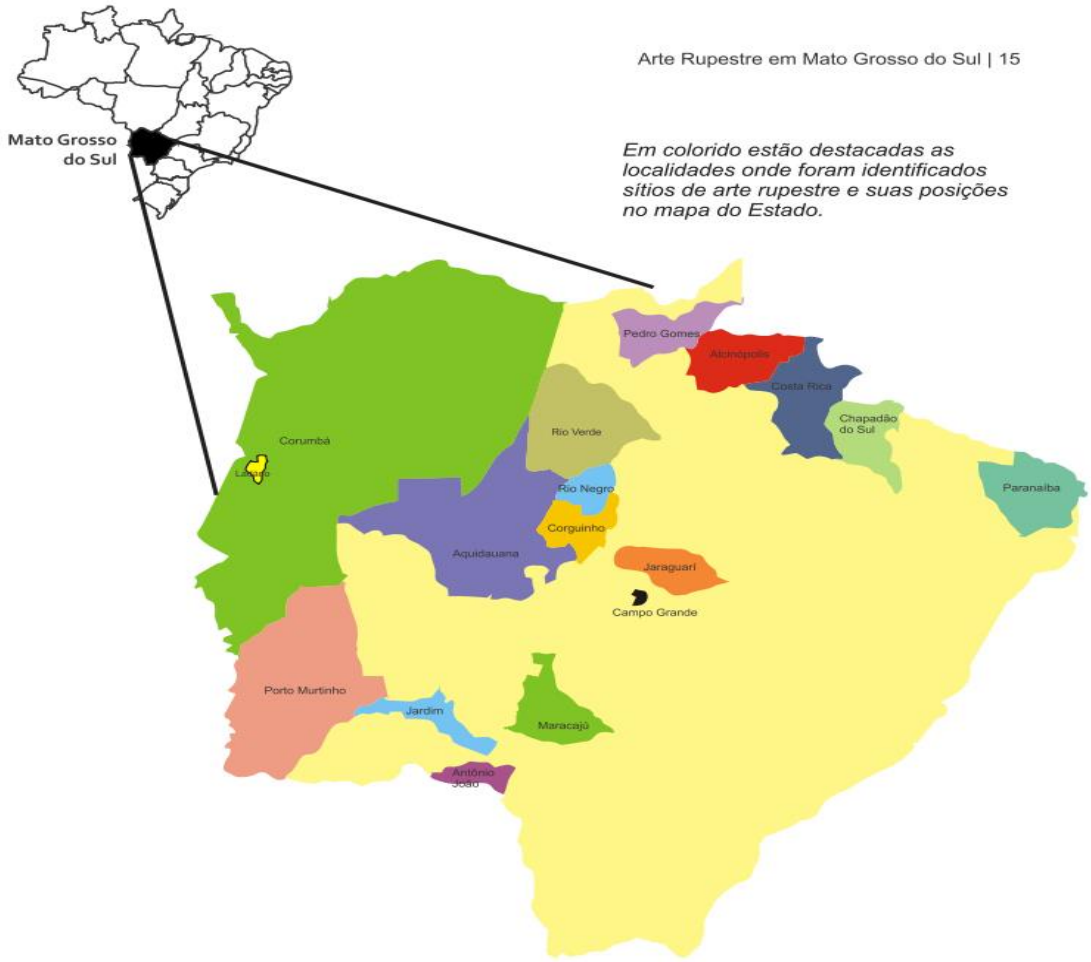
---

[32] Programa Trilha Rupestre da UFMS impulsiona Arqueoturismo e Bioeconomia em Mato Grosso do Sul. Disponível em: https://trilharupestre.ufms.br/ola-mundo/#:~:text=Trilha%20Rupestre%20%C3%A9%20um%20projeto,gerando%20renda%20atrav%C3%A9s%20da%20Bioeconomia. Acesso em: 16 out. 2024.

[33] *Ibid*. Acesso em: 16 out. 2024.

[34] Consultar referência nota 32.

Figura 4 – Mapa do Brasil com destaque para Mato Grosso do Sul discriminando municípios com grafismos rupestres.



Fonte: Aguiar, 2014, p. 15

2.2.2.1 Grafismos rupestres em Alcinópolis

Dentre os municípios contemplados pelo Programa Trilha Rupestre, destacamos Alcinópolis que está localizado ao norte do Estado de Mato Grosso do Sul, com distância da capital Campo Grande em torno de 315 km. Neste município, até o momento, encontra-se a maior quantidade de sítios arqueológicos com grafismos rupestres, somando cerca de um terço de todo estado (Nepomuceno, 2023, p. 29; Kashimoto; Martins, 2019, p. 23; Aguiar; Souza, 2017, p. 119).

O município de Alcinópolis faz parte da microrregião do Alto Taquari, sendo uma localidade predominantemente rural e conhecida por sua atividade agropecuária, fazendo divisa com os municípios de Figueirão, Costa Rica, Coxim e Pedro Gomes. Foi fundada em meados de 1975, objetivando facilitar as condições de vida das pessoas que moravam nas fazendas. No

entanto, sua emancipação em relação ao município de Coxim ocorre em 22 de abril 1992 (Nepomuceno, 2023, p. 07-08)[35].

Alcinópolis destaca-se como importante município para a arqueologia do Mato Grosso do Sul, devido a concentração de sítios com grafismos rupestres, sendo a "[...] cidade detentora da maior concentração de sítios arqueológicos num total de 24, sejam eles com pinturas, gravuras ou pinturas e gravuras" (Marques, 2016, p. 28).

Na Tabela 3 – apresentamos a relação de sítios arqueológicos em Alcinópolis até 2016.

Tabela 3 – Sítios Arqueológicos em Alcinópolis-MS até 2016.

01 - Templo dos Pilares	13 - Pitoco III;
02 - Pata da Onça	14 - Casa da Pedra;
03 - Arco da Pedra	15 - Limeira;
04 - Barro Branco I	16 - Arco do Limeira;
05 - Barro Branco II	17 - Painel do Sucupira;
06 - Barro Branco III	18 - Painel do Antropomorfo;
07 - Barro Branco IV	19 - Tampa
08 - Barro Branco V	20 - Duas Torres
09 - Barro Branco VI	21 - Caverna do Urutau
10 - Barro Branco VII	22 - Fazenda Fidalgo I
11 - Gruta do Pitoco I	23 - Fazenda Fidalgo II
12 - Gruta do Pitoco II	24 - Fazenda Fidalgo III

Fonte: Marques, 2016, p. 28-29.

Segundo as informações do material bibliográfico consultado para esta pesquisa, a relação de sítios em Alcinópolis, acima elencada, comtempla até o ano de 2016. Os sítios para esta pesquisa são Templo dos Pilares e Gruta da Mesa, dos quais abordaremos com detalhes no próximo capítulo, procedendo com informações sobre localização, descrição e análise, buscando apoio em fontes como relatórios, datação, imagens, com a finalidade de proceder as possíveis correlações com os sítios de Amambay-PY, que também serão descritos e analisados.

A Figura 5 – apresenta o território brasileiro e o estado de Mato Grosso do Sul, destacando ao norte o município de Alcinópolis, detentor de sítios arqueológicos com grafismos rupestres, dentre estes estão os sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa.

[35] Para mais detalhes sobre o município de Alcinópolis-MS, consultar: NEPOMUCENO, Clara Alice. Arqueologia pré-histórica de Alcinópolis - Mato Grosso do Sul: Educação Patrimonial e o Programa de Extensão Trilha Rupestre – UFMS. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. p. 07-08.

Figura 5 – Localização do Município de Alcinópolis no contexto do mapa do Brasil.

Fonte: (Souza; Aguiar, 2017, p. 120)

3. Sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa e as correlações com sítios em Amambay-Paraguai

3.1 Sítio Templo dos Pilares e seus grafismos rupestres

Templo dos Pilares é um sítio arqueológico situado no município de Alcinópolis, registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) sob a sigla MS-AL-01. Recebe esse nome popular de "templo" por ser um abrigo de grande dimensão, abrangendo uma área de 240m^2, estando a 620m acima do nível do mar e próximo a bacia do Rio Taquari. Apresenta o teto sustentado por enormes colunas naturais e em suas paredes encontram-se a maior concentração de pinturas e gravuras rupestres em relação aos demais sítios da região. De forma sumária, em seu registro no IPHAN, o sítio Templo dos Pilares é descrito como "O maior de todos os sítios de arte rupestre do MS, estimando-se cerca de três mil grafismos com pinturas rupestres em várias fases e estilos, com sobreposições. As pinturas ocorrem em painéis em uma longa sequência que se estende por todo o abrigo[36]" (Aguiar; Souza, 2017, p. 119-120).

As pesquisas arqueológicas em Alcinópolis tiveram início em 2011, por meio do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Em março de 2016 as campanhas de escavação no sítio Templo dos Pilares tiveram início, trazendo importantes informações sobre os autores dos grafismos rupestres. Uma equipe de nove pessoas, entre professores e alunos, participou da etapa de campo, recebendo apoio da Prefeitura de Alcinópolis. A escavação seguiu a metodologia de níveis artificiais progredindo em camadas de dez centímetros (Aguiar, 2016, p. 03, 26; Aguiar; Souza, 2017, p. 124).

As escavações[37] foram divididas em três áreas de prospecção sendo que no primeiro local de escavação, "Área Prospectada 1" não houve encontro de material arqueológico. Na "Área Prospectada 2" "[...] feita ao pé de um paredão de arte rupestre, localizado num abrigo de menores proporções antes da entrada do templo [...]", onde encontra-se grafismos num "[..] conjunto de pinturas geométricas e naturalistas sobrepostas por gravuras estilisticamente similares àquelas classificadas como 'Tradição Geométrica Meridional' [...], os pesquisadores notaram alterações entre as ocupações, devido a três datações: 7.425 AP (cal.); 7.420 AP (cal); e 4.825 AP (cal.) (Aguiar; Souza, 2017, p. 126-127). Segundo os pesquisadores nesta área "As

[36] Templo dos Pilares. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_detalhes.php?24435. Acesso em: 08 nov. 2024.

[37] Para comparações com e dados a seguir e detalhes das áreas de prospecção *Cf*. AGUIAR, R. L. S. **Templo dos Pilares** – Alcinópolis. Dourados: Ed. UFGD, 2016. p. 26-33

camadas de ocupação revelaram um material lítico lascado com produção de raspadores e lâminas, mas sem a presença dos típicos plano-convexos (Aguiar; Souza, 2017, p. 127).”

A última área de escavação ‘Área Prospectada 3’, que apresentou resultados mais significativos, ocorreu “[...] dentro do grande abrigo que concede o nome ao sítio”. De forma igual a área anterior, os pesquisadores notaram que o período mais antigo “[...] corresponde a uma indústria de lascas objetivando a produção de lâminas e raspadores” (Aguiar; Souza, 2017, p. 127). No nível estratigráfico 19 a datação obtida foi de 10.735 AP (cal) que, segundo Aguiar e Souza (2017, p. 128) “[...] corresponde potencialmente ao início da ocupação no Templo dos Pilares”, que se estendeu até o nível estratigráfico 16 datado em 9.130 AP (cal). Segundo os pesquisadores, o nível estratigráfico 14 diz respeito a nova ocupação com datações a partir de 3.175 AP (cal), que persiste até as camadas estratigráficas mais recentes como: o nível 12 com 3.345 AP (cal); nível 10 com 3.340 AP (cal), nível 8 com 3.210 AP (cal) e nível 3 com 2.480 AP (cal) (Aguiar; Souza, 2017, p. 128).

Os pesquisadores salientam que

> Todos estes níveis são compostos por uma terra de cor castanho-clara, com abundante ocorrência de carvão e cinzas. Excluindo o nível superficial, que apresenta maior perturbação em razão de sua terra ser muito solta, se tem praticamente 1,30 metros de espessura que corresponde a um único e massivo período de ocupação, ocorrido ao redor de três mil anos atrás (Aguiar; Souza, 2017, p. 129).

O resultado obtido nas escavações revelou cronologias de ocupação humana em momentos diferentes, conforme os níveis estratigráficos demonstraram. “Com as datações radiocarbônicas foi possível estabelecer a primeira proposta cronológica para as pinturas e gravuras rupestres do município de Alcinópolis” (Aguiar, 2016, p. 32).

Em relação à ocupação, partindo da mais antiga para a mais recente, a pesquisa empreendida no Templo dos Pilares, revelou que nos níveis estratigráficos mais profundos 16 e o 19, a ocupação mais antiga que foi detentora de uma tecnologia de artefatos líticos em lascas e produção de raspadores. “Estes seriam os autores das pinturas rupestres”. Após milênios surgiria outra intensa ocupação que produziu instrumentos lascados e raramente polidos, sendo estes os responsáveis “[...] pela grande queima de matéria orgânica notada em mancha de cinzas e ossos”. Os parcos fragmentos de cerâmica, indicariam que os grupos humanos conheciam a tecnologia ceramista, porém, fizeram pouco uso desta. Esta ocupação estaria entre os níveis 3 e 14, possuindo datação de 3 mil anos e está relacionada com as gravuras rupestres. Segundo Aguiar e Souza é “[...] possível perceber dois momentos distintos de ocupação, possibilitando estabelecer relações entre estas fases de ocupação e a arte rupestre.” As datações foram

processadas pelo Laboratório Beta Analytic, em Miami – USA (Aguiar; Souza, 2017, p. 120; Aguiar, 2016, p. 32).

Na leitura de outro artigo que faz referência a escavação no sítio arqueológico Templo dos Pilares (Aguiar, 2016, p. 26-33), notou-se discrepâncias em relação as datações que diferem das datações, apresentados por Aguiar e Souza (2017, p. 126-130).

A tabela 4 – apresenta os dados de datações no sítio Templo dos Pilares, acima expostos e as diferenças das datações apresentadas nos artigos que demonstram diferenças nos níveis 3, 8, 10, 12, 14 e 19. O nível 14 é o que chama mais atenção por apresentar datações mais recentes que o nível 8, 10 e 12, em ambas publicações acima elencadas.

Tabela 4 – Datações mais recentes e mais antigas propostas, por nível estratigráfico, sobre a ocupação humana no sítio Templo dos Pilares. Destaque em negrito: datações divulgadas por Aguiar (2016, p. 26-33). Destaque em vermelho: datações divulgadas por Aguiar e Souza (2017, p. 126-130). Técnica de grafismos e localização no tempo geológico.

Datações sítio Templo dos Pilares			**Grafismos**	**Tempo Geológico**
Datações recentes	Nível 3	**2.720 AP (2.840 AP)**	Gravuras rupestres	Holoceno Tardio
	Nível 8	**3.020 AP (3.210 AP)**		
	Nível 10	**3.100 AP (3.340 AP)**		
	Nível 12	**3.090 AP (3.345 AP)**		
	Nível 14	**3.010 AP (3.175 AP)**		
Datações antigas	Nível 16	**8.140 AP (9.130 AP)**	Pinturas rupestres	Holoceno Médio
	Nível 18	8.430 AP		Holoceno Inicial
	Nível 19	**9.520 AP (10.735 AP)**		

Fonte: Adaptado de: Aguiar, 2016, p. 30-31; Aguiar e Souza, 2017, p. 126-130. Para o tempo geológico *Cf.* International Chronostratigraphic Chart I v 2023/09 www.stratigraphy.org. Disponível em: https://stratigraphy.org/

> Em Mato Grosso do Sul, tanto os grupos de caçadores e coletores, quanto os primeiros ceramistas, vão privilegiar a ocupação das escarpas rochosas que separam as terras altas do Cerrado da planície pantaneira, talvez pela possibilidade de otimizar as ações de forrageio pela exploração de dois ecossistemas distintos. Nos abrigos rochosos situados nesta linha de transição há um grande número de gravuras e pinturas rupestres, registro perene da passagem destes povos pelos campos estépicos do Brasil Central em tempos pré-históricos (Aguiar; Souza, 2017, p. 120).

O sítio Templo dos Pilares, conforme as pesquisas demonstraram, apresentou ocupação de grupos caçadores coletores pré-ceramistas há mais de 10.000 AP no holoceno inicial, conforme datação mais antiga do nível 19 em 10.735 AP cal., correspondendo potencialmente ao início de sua ocupação e que conviveram com os últimos remanescente de mega fauna pleistocênica. Neste período, conforme os pesquisadores afirmam, os grupos humanos tiveram por preferência os abrigos que se transformaram em espaços humanos demonstrados pelas pinturas e gravuras rupestres. As pinturas rupestres estariam relacionadas com a ocupação mais

antiga e as gravuras a ocupação mais recente, sendo os grupos ceramistas os autores das gravuras que apresentam estilo similar a **Tradição Geométrica Meridional**, sobre a qual discorreremos mais à frente. Estes primeiros ceramistas, segundo os pesquisadores, chegam ao Templo dos Pilares entre 4.000 e 3.000 AP de forma intensa, fazendo uso de indústria lítica na produção de lascas para uso como raspadores, lâminas e artefatos polidos, entre estes, encontrou-se parte do gume de um machado e pontas de projéteis (Aguiar; Souza, 2017, p. 128, 129, 134-135; Aguiar, 2016, p. 33, 35).

Imagem 5 – Sítio arqueológico Templo dos Pilares

Fonte: Aguiar; Landa; Goettert, 2016, p. 70

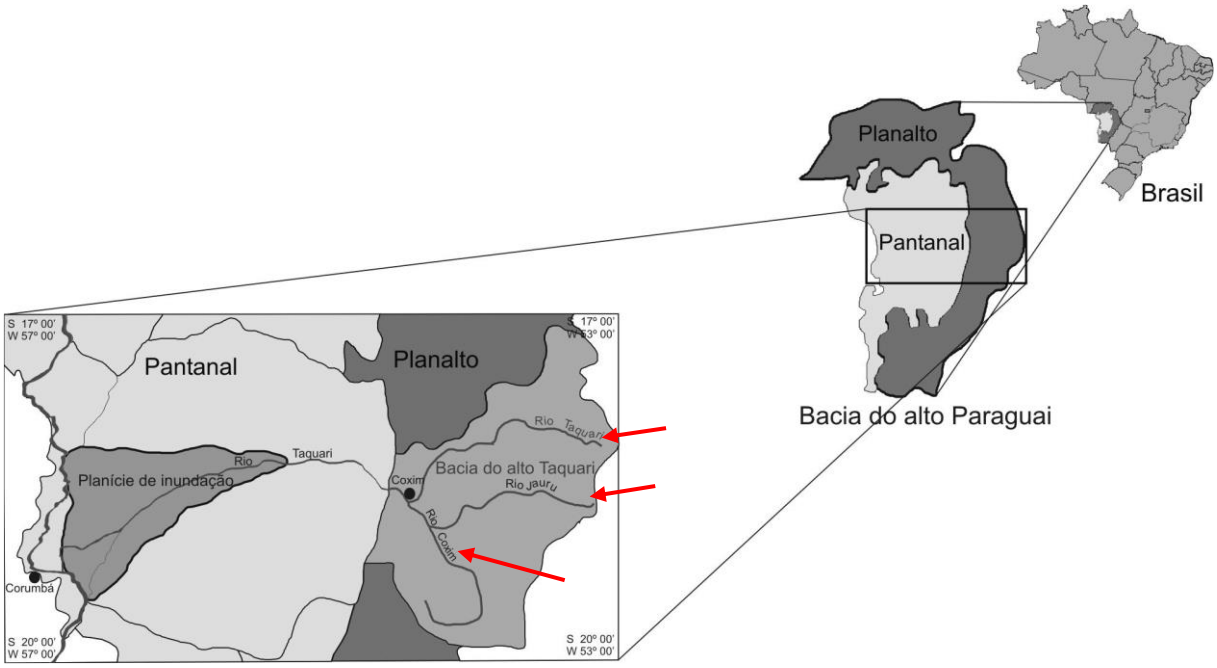
3.2 Sitio Gruta da Mesa e seus grafismos rupestres

O sítio arqueológico Gruta da Mesa apresenta pesquisas recentes, tendo iniciada a primeira etapa de escavação de 25 de setembro a 07 de outubro de 2023. O seu registro no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e no Centro Nacional de Arqueologia (CNA) sob a sigla AL-ME1 foi em 20/05/2023 e está em andamento. Este sítio está localizado no Parque Municipal Templo dos Pilares distante a 4.200m a leste do sítio Templo dos Pilares, na serra do Bom Jardim, município de Alcinópolis, Mato Grosso do Sul nas coordenadas geográficas S 18°07’16.0" W. 53°39’30.1. O parque onde está localizado é uma área de conservação ambiental com pouco mais de 40.000 hectares, onde a vegetação predominante é o cerrado, com influência do clima subtropical úmido. O Rio Jauru, afluente do Rio Coxim, e o rio Taquari, que possuem diversos pequenos córregos como afluentes, são os principais rios da região. Para os pesquisadores este sítio possui localização estratégica por estar

distante cerca de uns 45 km da atual rodovia MS-217 e da BR-359 e foi estratégica para os povos pretéritos, devido aos cursos fluviais como Rio Taquari, Rio Taquarizinho, Córrego Samambaia, Córrego da Água enterrada (Projeto, 2023, p. 3-4; Relatório preliminar, 2023, p. 1).

Destacamos nos mapas 1 e 2 a Bacia do Alto Taquari[38] onde encontram-se os principais rios que banham a região dos sítios arqueológicos em Alcinópolis, dentre eles os sítios Gruta da Mesa.

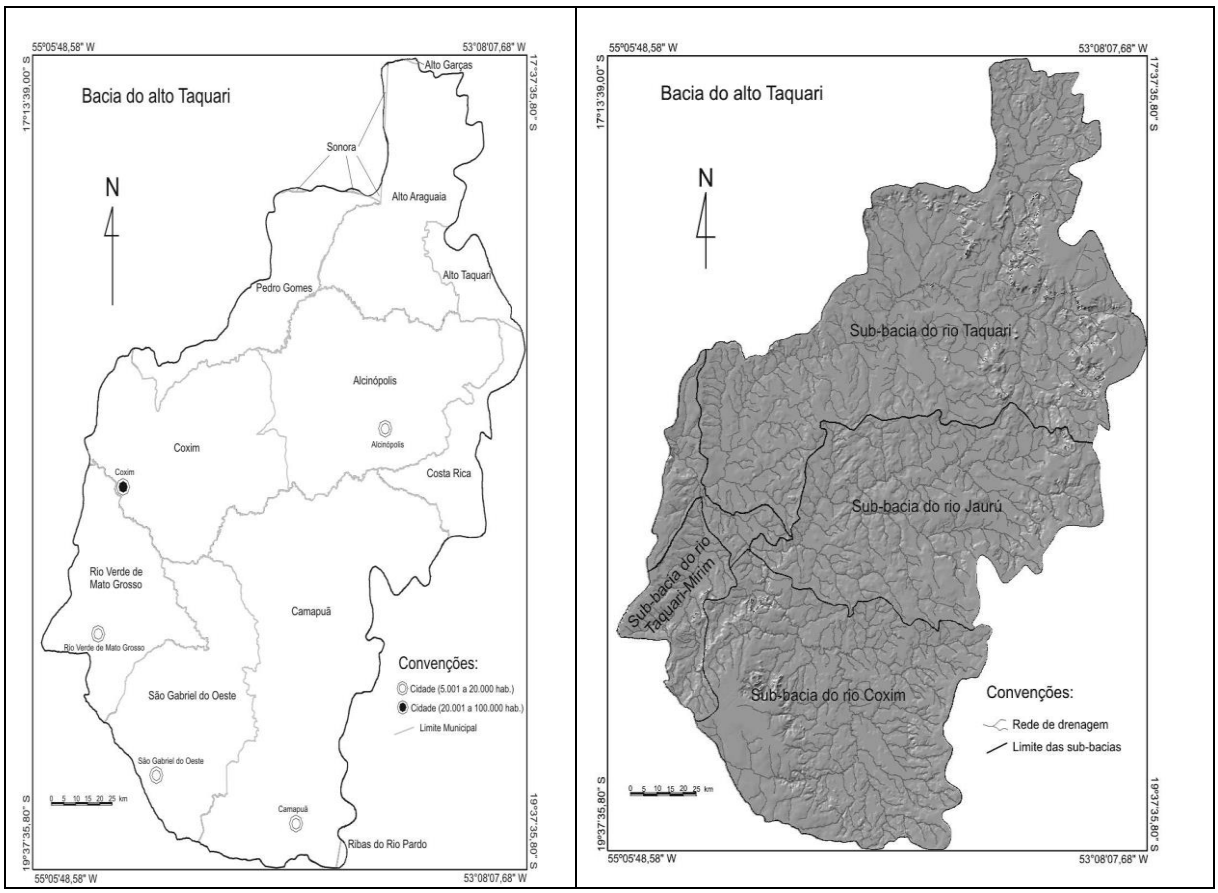
Mapa 1 – Bacia do Alto Taquari. Setas em vermelho indicam os principais rios da região onde está localizado o sítio arqueológico Gruta da Mesa.



Fonte: GALDINO; *et al*, 2004, p. 126.

[38] "A bacia do alto Taquari (BAT) compreende a área do planalto drenada pelo rio Taquari e seus afluentes, até a planície pantaneira, próximo à cidade de Coxim-MS. A superfície da BAT é de 28.450,6 km2, sendo que a maioria dessa área está localizada no Estado de Mato Grosso do Sul (86,52%) e o restante em Mato Grosso (13,48%). Os municípios que integram a BAT são: Alcinópolis, Camapuã, Costa Rica, Coxim, Pedro Gomes, Ribas do Rio Pardo, Rio Verde, São Gabriel d'Oeste e Sonora, localizados no Estado de Mato Grosso do Sul, e Alto Garças, Alto Araguaia e Alto Taquari, no Estado de Mato Grosso. A BAT pode ser dividida em quatro sub-bacias. A sub-bacia do rio Taquari (12.055,2 km2) compreende a área de drenagem do rio Taquari a montante da confluência com o seu principal afluente, o rio Coxim. A sub-bacia do rio Coxim (7.442,3 km2), com seção de controle a montante do seu mais importante tributário, o rio Jaurú. Outras sub-bacias são as do rio Jaurú (6.393,9 km2) e do Taquari-Mirim (1.475,9 km2)". GALDINO, Sérgio; VIEIRA, Luiz Marques; PADOVANI, Carlos Roberto; SORIANO, Balbina Maria Araujo. **RBRH – Revista Brasileira de Recursos Hídricos**, Porto Alegre, v. 9, n.2, Abr/Jun 2004, 125-133.

Mapa 2 – Bacia do Alto Taquari com indicação dos Municípios abrangidos e indicação das quatro sub-bacias: sub-bacia do rio Taquari; sub-bacia do rio Coxim; sub-bacias são as do rio Jaurú; e sub-bacia Taquari-Mirim.



Fonte: GALDINO; *et al*, 2004, p. 126-127.

A equipe de pesquisa teve caráter multidisciplinar contando com quinze pessoas dentre especialistas nas áreas de Arqueologia, Antropologia, História, Química, Geografia, Geologia, Antropologia Forense, acadêmicos e colaboradores, sob coordenação da arqueóloga Drª Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques e do arqueólogo Dr. André Luís Ramos Soares (Projeto, 2023, p. 24-25).

Para as primeiras escavações foi estipulada a área de 6m^2 dentro da gruta em local próximo ao painel de pinturas rupestres. Dentro da gruta, os pesquisadores identificaram um grande bloco de pedra contendo gravuras em sulcos nas laterais, que está numa superfície plana do piso apresentando característica de uma mesa, o que dá nome ao sítio. As dimensões interiores são grandes o que sugere que teria sido habitado (Projeto, 2023, p. 3).

A Imagem 6 – apresenta a localização do sítio arqueológico Gruta da Mesa na região Templo dos Pilares, demonstrando os demais sítios da região: Gruta Clarabóia, Gruta Bonita, Gruta da Tapera, Gruta do Amblipígio, Templo dos Pilares, Pata da Onça, Gruta do Urutau I, Gruta Urutau II e Morro das Torres.

Imagem 6 – "Localização Gruta da Mesa 1 em relação a outros sítios arqueológicos da região de Alcinópolis."

Fonte: Projeto Alcinópolis, 2023, p. 5

Quanto a ocupação humana do sítio Gruta da Mesa, os pesquisadores trabalham com três hipóteses que partem da observação do solo do abrigo que apresenta declividade e do colapso que houve no fundo do abrigo, sendo este de vital importância para as hipóteses de ocupação. As primeiras hipóteses que foram formuladas e ainda estão sendo investigadas são as seguintes: 1) ocupações que ocorreram antes do colapso no fundo da caverna; 2) ocupações que ocorreram antes e depois do colapso do fundo da caverna; e, 3) ocupações que ocorreram depois do colapso do fundo da caverna (Relatório preliminar, 2023, p. 3)

> As hipóteses são necessárias para estabelecer os procedimentos de escavação, antes de qualquer outra tomada de decisão que implique a intervenção no subsolo. Isso porque a presença de arte rupestre, em gravuras e pinturas, é encontrada em quase toda a extensão do abrigo (Relatório preliminar, 2023, p. 3).

Em relação aos grafismos rupestres no sítio Gruta da Mesa, os pesquisadores afirmam que a ocupação pretérita na região de Alcinópolis ocorreu em diversos momentos, de forma concomitante ou não, assíncrona ou não, com diversas etnias ou não. Devido a isto, especulam que

> [...] a Gruta da Mesa é que se trata de um enorme palimpsesto, onde estes grupos deixaram suas marcas, algumas vezes respeitando os escritos anteriores, e em outras, apagando o que havia ou mesmo preenchendo, complementando, ou ainda 'escrevendo por cima'. Esta formulação é

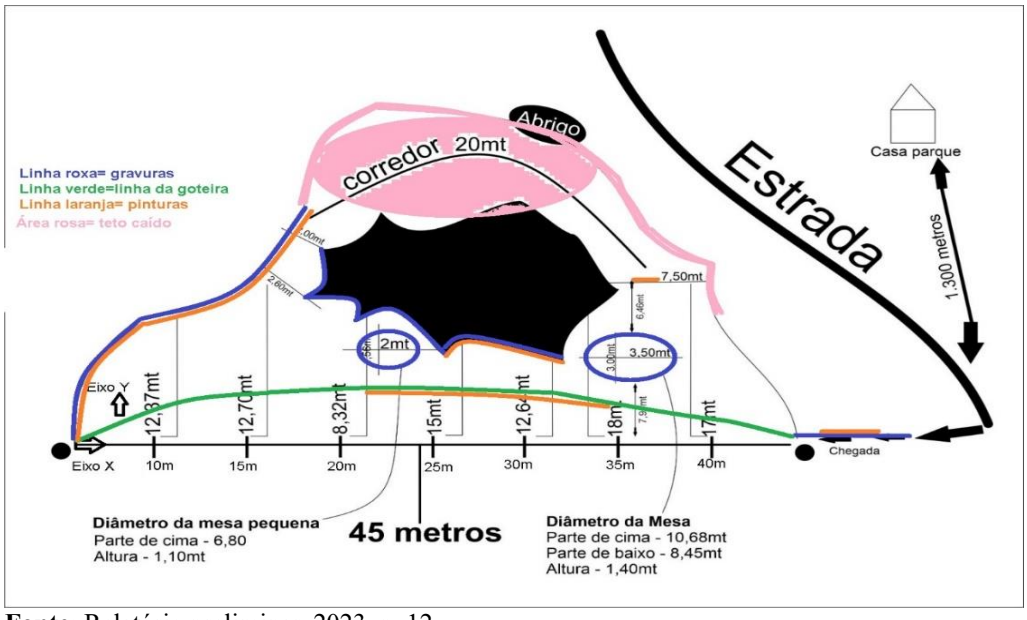
> necessária para buscar compreender as similaridades, as constâncias, ‘padrões’, ou ausência deles. Ainda, perceber os palimpsestos que estão presentes na arte rupestre (Relatório preliminar, 2023, p. 11).

Segundo os pesquisadores o sítio apresenta grafismos rupestres em técnica de pintura e gravura. As gravuras foram consideradas geométricas e encontram-se nas paredes e nas rochas caídas do teto, não tendo associação imediata com zoomorfos ou antropomorfos. As pinturas encontram-se nas paredes e nunca nas rochas que estão no solo, são divididas em geométricas, antropomórficas e zoomórficas. “Tanto a ‘mesa’ que batiza a gruta como outras rochas de maior volume apresentam grafismos, mesmo as que foram localizadas através da escavação” (Relatório preliminar, 2023, p. 11)

As gravuras encontram-se no lado leste da gruta em altura de 1,80m do piso atual e mais abundantes abaixo de 1,70m. Os grafismos aparecem na lateral das mesas menores na superfície lateral e superior, comprovando que a queda destas ocorreu antes de alguma das ocupações, pois existem os mesmos motivos nas laterais e parte superior das mesas. O bloco maior da “mesa”, é permeado por grafismos em sua parte lateral, mas não sobre ela. Os pesquisadores postulam a possibilidade de a queda deste bloco tenha ocorrido em momento posterior a última ocupação das sociedades pretéritas que produziam estes grafismos, porque na parte superior não há vestígios de nenhum tipo de grafismo.

A Figura 6 – apresenta descrições de medidas e localização dos grafismos rupestres, onde a linha roxa apresenta o local das gravuras rupestres.

Figura 6 – Descrição de medidas e localização de grafismos rupestres no sítio Gruta da Mesa.



Fonte: Relatório preliminar, 2023, p. 12

Os pesquisadores observam que outros blocos estão junto a “mesa” e pelo entalhe é possível deduzir que pertenciam a este bloco anteriormente, como o bloco 1. Sugerem pelos encaixes visíveis e a posição em que se encontram, que caíram antes da queda do bloco maior. O que evidencia esta sugestão é a “presença de grafismos nas partes laterais e na parte onde o bloco 1 encaixava na ‘mesa’”. Observou-se que no bloco 1 há linhas paralelas que acompanham a ‘mesa’, permitindo deduzir que “parte dos grafismos foram realizados quando o bloco 1 ainda pertencia a mesa, e estava suspenso”. Segundo os pesquisadores, os grafismos continuaram a ser confeccionados após a queda do bloco 1 do teto, mas, em outro sentido, “e inclusive sobre ele, na área que desprendeu da ‘mesa’ quando esta estava suspensa. Não foi observado, nesse primeiro momento, grafismos nos blocos mais a oeste da mesa” (Relatório preliminar, 2023, p. 12).

Imagem 7 – “vista da mesa em primeiro plano e o fundo da gruta sem o teto"

Fonte: Relatório preliminar, 2023, p. 11

De acordo com as pesquisas preliminares, são poucas as áreas da gruta que não apresentam grafismo. Há grafismos em pequena quantidade no lado de fora, no trecho que dá acesso a estrada e “na área do fundo da gruta, onde hoje encontra-se o teto desabado, não se encontra gravuras ou pinturas” (Relatório preliminar, 2023, p. 13).

Nos resultados obtidos na primeira escavação no sitio Gruta da Mesa, os pesquisadores encontraram artefato de indústria lítica como um raspador plano convexo, porém postulam que devido aos deslocamentos de outros matérias encontrados, este raspador poderia não estar em sua posição original. Dentre outros achados estão seis amostras de carvão, encontrados em nível estratigráfico de 45cm e enviadas para o *Accelerator Mass Spectrometry Laboratory* na Lituânia. A datação mais antiga das seis amostras chegou a 1.489±28 AP., o que indica, até o momento, ocupação no Holoceno Tardio (Relatório preliminar, 2023, p. 08, 14).

A Tabela 5 – apresenta as datações obtidas com amostra de carvão

Tabela 5 – Datação de amostras de carvão encontradas no sítio Gruta da Mesa

2. Material of sample: Charcoal
3. Date of sample receiving: 2023-12-22
4. Analysis date: 2024-01-25
5. Equipment used for analysis: Single stage accelerator mass spectrometer (SSAMS, NEC, USA), Automated Graphitization Equipment AGE-3 (Ionplus AG, Zürich).
6. Method of analysis: Samples were pretreated with a standard acid-base-acid protocol. IAEA C3, IAEA C9, and NIST-OXII were used as reference materials.
7. Results of analysis:

Sample designation	Lab. code	Radiocarbon age, BP	pMC
GMA-SACO95-QD2	FTMC-ZR49-1	1306±28	84.99±0.30
GMA-SACO66	FTMC-ZR49-2	156±27	98.07±0.33
GMA-SACO77	FTMC-ZR49-3	921±27	89.17±0.30
GMA-SACO127	FTMC-ZR49-4	1489±28	83.08±0.29
GMA-SACO67	FTMC-ZR49-5	438±27	94.70±0.32
GMA-SACO132	FTMC-ZR49-6	1292±28	85.15±0.29

The results are given in years before 1950 (radiocarbon age BP). The uncertainty in the age determination is given +/- one standard deviation. All radiocarbon ages are corrected for isotopic fractionation using the measured 13/12C-ratio. The radiocarbon ages must be translated to calibrated radiocarbon years.

Fonte: Relatório preliminar, 2023, p. 15.

3.3 Grafismos rupestres no Paraguai e os sítios arqueológicos em Amambay-PY

3.3.1 Panorama da pesquisa sobre grafismos rupestres no Paraguai

De acordo com Ríoz, Benítez e Afonso (2023, p. 36), o Paraguai, diferente do Brasil e seus vizinhos, não possui uma tradição de pesquisas de estudos arqueológicos, o que resulta na escassez de publicações científicas em nível nacional voltadas para o estudo dos grafismos rupestres dificultando, assim, a documentação de sítios. Portanto, os pesquisadores mencionados salientam que:

> Cabe mencionar que algunos pueblos indígenas y probablemente distintas comunidades rurales del Paraguay conocen ya desde hace tiempo sitios con grabados rupestres; el pueblo Paĩ Tavyterã del norte de la Región Oriental del Paraguay considera a los sitios ubicados en su territorio como lugares sagrados legados por sus antepasados. A pesar de esta limitación, la región ha sido testigo de la presencia de sitios con arte rupestre, que encierran un legado cultural significativo y que requieren una atención especial para su documentación, estudio y conservación (Ríoz, Benítez, Afonso, 2023, p. 36).

A menção de grafismo rupestre no Paraguai se deu em 1943 por Carlos Teichmann, que documentou os primeiros achados em *Barrero Gua'a* nas proximidades de *Arroyo Tagatiyá*, no Departamento[39] de *Concepción*. Tal descoberta foi divulgada, através de carta enviada para

[39] "O Paraguai, de acordo a sua estrutura política e administrativa, está divido em 17 departamentos, além do Distrito Capital de Assunção. Os departamentos são: Alto Paraguay, Alto Paraná, Amambay, Boquerón, Caaguazú, Caazapá, Canindeyú, Central, Concepción, Guairá, Itapúa, Cordillera, Misiones, Ñeembucú, Paraguarí, Presidente Hayes e San Pedro." Organização territorial. Disponível em: https://embaixadadoparaguai.pt/pt-pt/organizacao-territorial/ Acesso em: 12 set. 2024.

Viriato Díaz-Perez diretor do então Museo Nacional del Paraguay (atual Archivo Nacional y Museo Nacional de Bellas Artes). No entanto, estes sítios, por ocasião de sua descoberta, não desfrutaram da devida atenção dos estudiosos (Ríoz, Benítez, Afonso, 2023, p. 36).

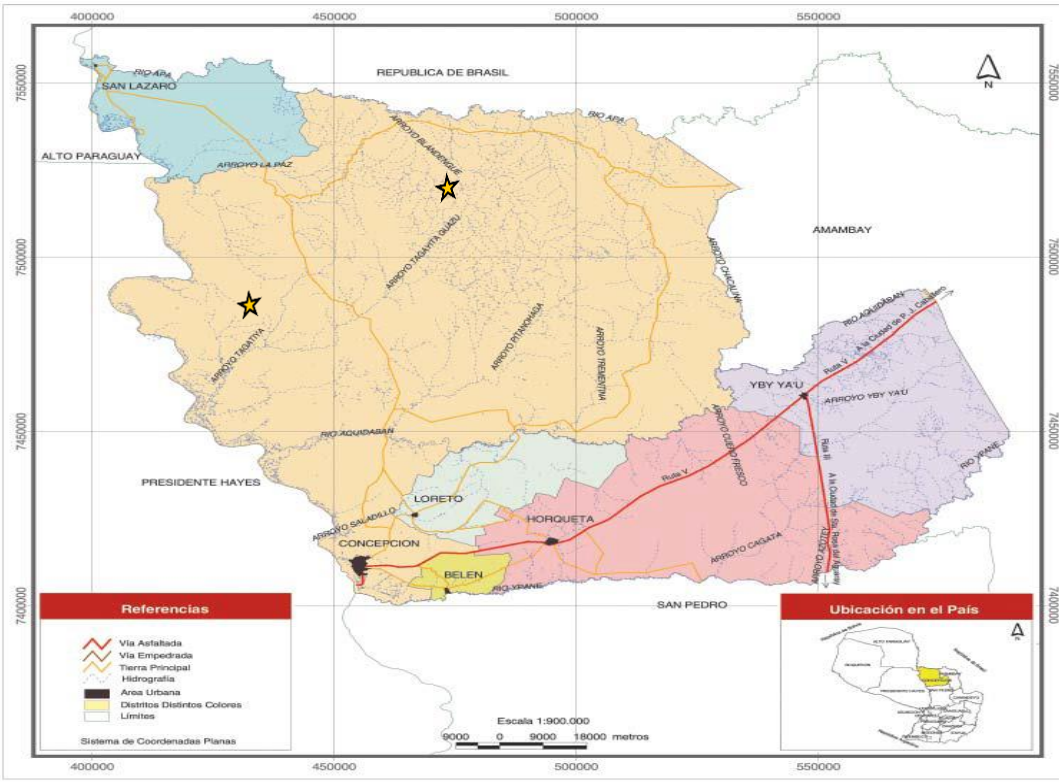
Carlos Teichmann se pronunciou da seguinte forma sobre a nova descoberta a Viriato Díaz-Pérez, diretor del Museo Nacional del Paraguay em 02 de abril de 1943:

> Señor Profesor Doctor Don Viriato Díaz-Pérez, Director del Museo Nacional. Mi muy estimado doctor: Tengo, por cierto, el gran placer de dirigirme a usted, llevado por el deseo de someter a su estudio y criterio, valiosos e interesantes a la vez, un hallazgo de grabados rupestres en tierra paraguaya. Durante un reciente viaje de estudio por la zona norteña oriental del país, encontré en un lugar bastante desierto, denominado Barrero Guaá, a una legua y media de Gamarra-cué, paraje en las cabeceras del arroyo Tagatiyá, una roca solitaria, de apariencia arenisca, que ofrecía, a simple vista, varios grabados rupestres, aparentemente ejecutados con hacha de piedra y ya casi invisibles, algunos de ellos a consecuencia de la acción del tiempo. He fotografiado una parte de dicho peñasco sin efectuar retoques ni en el objeto ni en el negativo de la fotografía, de la que, con la presente, me complazco en remitirle a usted una copia[40].

No Mapa 3 – apresenta-se o atual Departamento de Concepción-Py assinalando com estrela a localização del Arroyo Tagatiyá onde Carlos Teichmann relata o encontro de gravuras rupestre.

[40] Carta dirigida por el doctor Carlos Teichmann al doctor Viriato Díaz-Pérez, director del Museo Nacional del Paraguay. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/estudios-y-resenas--0/html/ffaebeb4-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_10_. Acesso em: 12 set. 2024.

Mapa 3 – Adaptação do mapa do atual Departamento de Concepción-PY destacando a localização del Arroyo Tagatiyá (assinalado com estrela), onde Carlos Teichmann relatou encontrar gravuras rupestres na década de 1940. Nota-se que este Departamento faz fronteira ao norte com o Brasil e a Leste com o Departamento de Amambay, onde também foram encontrados grafismos rupestres.

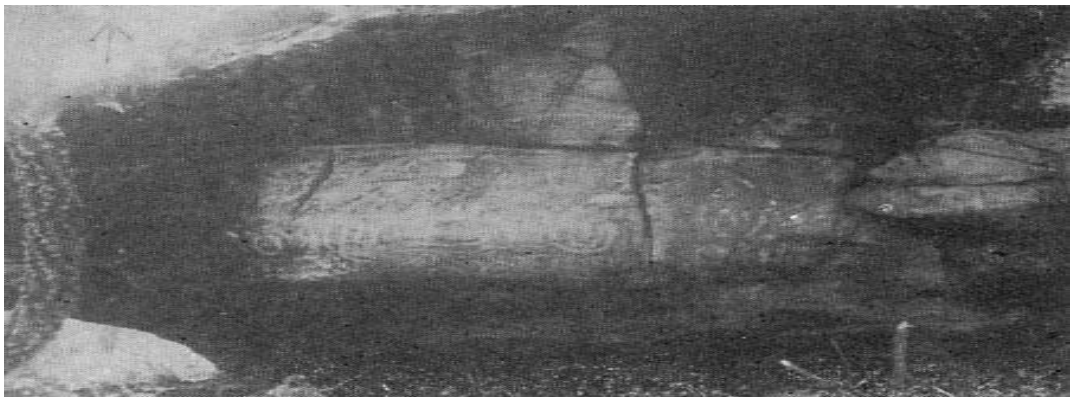


Fonte: MORA, Fernando de la. Atlas Censal del Paraguay, p. 27[41].

Na Imagem 8 – apresenta-se uma fotografia do local com gravuras rupestres na década de 1940, encontrada por Carlos Teichmann no Departamento de Concepción, Paraguai.

[41] Disponível em: https://www.ine.gov.py/publication-single.php?codec=35. Acesso em 20 nov 2024.

Imagem 8 - "GRABADOS RUPESTRES hallados y fotografiados por el doctor Carlos Teichmann en un lugar denominado Barrero Guaá, cerca de Gamarra-cué, paraje situado en las cabeceras del arroyo Tagatiyá. Departamento de Concepción, Paraguay. Estos grabados se hallan em un área solitaria y apartada".



Fonte: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/estudios-y-resenas--0/html/ffaebeb4-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_10_

Na década de 1950, Michael Moosraimer localizou em Ita Letra, na cordilheira de *Yvytyruzú* no Departamento de Guairá, outro sitio com grafismo rupestre em painéis de grande superfície com gravuras em estilo de picoteamento. Após tal descoberta, outros sítios com grafismos rupestres foram encontrados no Departamento de Amambay (Ríoz; Benítez; Afonso, 2023, p. 37; Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 98).

Cabe notar, que como aconteceu no Brasil em relação a desmistificação da autoria de grafismos rupestres associados a outra civilização, autores como Jacques de Mahieu, Vicente Pistilli e Jim Woodman, se empenharam a partir da década de 1970 até inícios da década de 2010, para apresentar um quadro de tom mais acadêmico para a autoria dos grafismos rupestres, levando em consideração que a autoria dada aos vikings e celtas possui um caráter racista. No entanto, tal "teoria viking e celta", devido aos meios de comunicação e difusão turística, permanece enraizada de forma coletiva no imaginário popular paraguaio, até os dias atuais (Ríoz; Benítez; Afonso, 2023, p. 37). Sobre esta realidade, segundo Ríos, Benítez e Afonso, atualmente a ausência de

> […] de una tradición arqueológica consolidada, se produjo un hecho con consecuencias vigentes hasta la actualidad: teorías pseudocientíficas y sin el menor rigor atribuyeron los grabados de estos sitios a supuestas 'runas' de origen vikingo o celta y pretendieron encontrar rasgos 'europeos' en ciertas etnias autóctonas de las cercanías de los sitios arqueológicos.

Os grafismos rupestres no Paraguai tornaram-se conhecidos através de uma expedição do Ministério de Obras chefiada pelo geólogo Pedro González em 1973, que ocorreu no Departamento de Amambay cujo objetivo era exploração do local. Nesta expedição foram

encontradas diversas cavernas, bem como abrigos com grafismo rupestre pré-histórico e indústria lítica (Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 98).

Após publicação na imprensa paraguaia, foi publicado um livro que trouxe fotografias de arte rupestre de *Cerro Guasú* (Departamento de Amambay) e de *Ita Letra* (Departamento de Guairá) que classificou de escritura "rúnica" atribuída aos vikings. Tais publicações tiveram grande impacto e, por conseguinte, bastante aceitação como resultado de investigação científica. O arqueólogo Juan Schobinger desprezou tal interpretação através de duas obras *Mediterraneos, semitas, celtas y vikongos em América* (1977-1978) e *Vikongos em Sudamérica? Uma enojosa polémica* (1981-1982) (Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 93).

Nos anos finais da década de 1980 e ao longo dos anos 1990 surge o primeiro registro científico de grafismo rupestre através do antropólogo José Antonio Gómez Perasso e Luciana Pallestrini, no sítio de *Ita Letra* (Departamento de Guairá). A arqueóloga Juana Barbaro de Díaz Roig, que participou do projeto Pronatura, elaborou em 1990 um breve relato sobre vários sítios arqueológicos com gravuras rupestres no Departamento de Amambay. Outros pesquisadores de arte rupestre argentinos e brasileiros como como Carlos Gradin (1979) e Pedro Mentz Ribeiro (1978), fizeram, no âmbito da investigação de sítios arqueológicos em seus países de origem, alusão a alguns dos sítios com grafismo rupestre no Paraguai, onde puderam identificar os mesmos tipos de grafismo. Nos inícios dos anos 2000 o arqueólogo Mario Consens (2002), foi convidado pela Fundação Ecocultura a visitar alguns sítios em Amambay o que possibilitou tornar público o caráter não científico da tese de autoria Viking para os grafismos rupestres (Monforte, 2023, p. 208).

Embora tal contribuição de Consens tenha sido muito relevante, devido a morte prematura do antropólogo Antonio Gómez Perasso em 1994, os trabalhos de investigação ficaram parados e em 2006 a antropóloga italiana Gabriella Erica Pia publicou um estudo de interpretações de sítios de grafismos rupestres localizados no Parque Nacional Cerro Corá, fazendo a comparação com os achados em Chiquitania na Bolivia (Ríoz, Benítez, Afonso, 2023, p. 37; Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 93).

Entre os anos 2008 a 2012, foi posto em execução um projeto elaborado pela Secretaría Nacional de Cultura do Paraguai, sendo capitaneado por Fernando Allen da empresa Fotosíntesis S.A e José Antonio Lasheras do Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira (España) com a coordenação da arqueóloga Pilar Fatás Monforte. O projeto foi dividido em duas partes, sendo a primeira denominado *Patrimonio cultural del pueblo Paî Tavyterâ en Jasuka Venda* que foi promovido pela ONG Servicio de Apoyo Indígena (SAI), e a Asociación de Comunidades Indígenas *Paî Tavyterâ*, *Paî Retâ Joaju* (PRJ) nos anos 2008 e

2009. Os resultados foram apresentados publicamente a Secretaria de Cultura de Paraguai, que demonstrou interesse em dar continuidade ao projeto promovendo o *Plan de registro y realización del Inventario Nacional del Patrimonio Arqueológico pre cerámico y del Arte Rupestre*, na região oriental do Paraguai nos anos 2011 e 2012 que contou com o apoio da Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID) e da então Secretaría del Ambiente de Paraguay. Este projeto realizou trabalho de campo através de peritos com fins de criar um inventario nacional de sítios com grafismo rupestre (Ríoz; Benítez; Afonso, 2023, p. 37; Monforte, 2023, p. 206; Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 93).

Como resultado final foram documentados treze sítios arqueológicos pré cerâmicos com grafismo rupestre sendo onze em abrigos e dois ao ar livre. No Departamento de Amambay foram inventariados doze sítios e um sítio no Departamento de Guairá (serra de Yvytyruzú). Além desses sítios, foram catalogados outros dois sítios ao redor dos abrigos com grafismos que apresentaram artefato lítico em superfície. Estes foram identificados como locais de aprovisionamento de matéria prima para indústria lítica, dos quais era possível obter e processar bordas de arenito silicificado ou quartzito. Um destes locais fica nas imediações de um sítio em *Ita Letra*, na serra de *Yvytyruzú*, Departamento de Guairá, onde os pesquisadores localizaram afloramento de seixos de arenito ou quartzito que indica que foram aproveitados como matéria prima devido ao achado de numerosas lascas de decorticado que são os beirais de onde se havia extraído lascas e várias ferramentas. O outro local foi localizado próximo ao rio *Ypané* a poucos quilômetros de *Cerro Kysé* no Departamento de Amambay, em um suave declive no qual escorre a água da chuva, igual ao caso anterior, faz aflorar os beirais de arenito ou quartzito junto aos restos de uma mesma indústria sobre lascas (Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 95; Monforte, 2023, p. 208).

Com as pesquisas de campo foi possível estabelecer datação absoluta através de termoluminescência em torno de 5.212 ± 323 AP, por meio da inserção dos sítios no contexto arqueológico da região onde estão. Além dos dados arqueológicos levantados, foi possível redigir uma série de recomendações para conservação e ações para valorizar os sítios com grafismo rupestre, além de literatura para divulgação (Ríoz, Benítez, Afonso, 2023, p. 37; Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 98).

As referências sobre grafismo rupestre no Paraguai são breves e dispersas e foram consideradas como informações prévias pelos atuais pesquisadores, que praticamente começaram do zero, para que fossem desenvolvidas a pesquisa relativa à documentação arqueológica de natureza científica, hoje disponível (Monforte, 2023, p. 208).

Pode-se notar que a história da pesquisa sobre os grafismos rupestres no Paraguai é tardia, quando comparada ao Brasil. No entanto, isto não quer dizer que seja menos importante, mas, demonstra que há no momento pouca documentação histórica. Contudo, isto pode ser mudado com o decorrer dos anos através de novas descobertas, seja de novos sítios ou documentação que façam menção a grafismo rupestre e associação de estudos com os países vizinhos.

O que fica demonstrado tanto para o Brasil quanto para o Paraguai, em relação a arqueologia e em especial aos grafismos rupestres, é que ambos apresentam grafismos com datação anterior a ocupação europeia, aparentemente com alguns símbolos bastante similares, atestando a sua pré-história através dos grafismos que estão presentes em ambos os países.

3.3.2 Características dos grafismos rupestres em Amambay-PY: técnicas, temas e interpretações

De acordo com as recentes pesquisas arqueológicas no Paraguai, doze sítios com grafismos rupestres foram encontrados no departamento de Amambay. Conforme as pesquisas demonstraram, os grafismos rupestres identificados apresentam homogeneidade em relação a temas e técnicas. Quanto a temática, os grafismos foram divididos em duas categorias: temas de pisadas e temas abstratos geométricos.

> La denominación estilo de pisadas se la debemos al arqueólogo austríaco Osvaldo Menghin, cuando en 1957 sistematiza el arte rupestre de la Patagonia argentina en siete estilos. Caracteriza el estilo por su técnica, el grabado, y por el repertorio de motivos dominado por los rastros y huellas de animales acompañados de signos geométricos. Situó el inicio de esta técnica en Patagonia con este estilo; antes, ya había identificado huellas de animales pintadas en un artículo sobre el arte en Patagonia (Corruchaga; Monforte, 2013, p. 2132).

A técnica utilizada na confecção dos grafismos foi a de gravura, que se caracteriza por marcar a rocha através de um processo de abrasão com um gravador pontiagudo ou buril. As gravuras foram encontradas nas paredes dos abrigos ou nos beirais de arenito, possuindo maior ou menor profundidade em rochas extensas que estão localizadas nos mesmos abrigos e somente dois casos sobre extratos horizontais ao ar livre. Em relação aos temas, estes apresentam-se classificados em grandes grupos de pegadas de diferentes animais, pegada humana e nos motivos abstratos geométricos (Coimbra, s.d, p. 10; Monforte, 2023, p.209).

A interpretação atribuída a temática dos grafismos como pegadas de animais leva em consideração as representações assimiláveis, demonstradas nas gravuras, remetendo a um referente natural, como a pata de um felino, os tridígitos ou pegadas de ave e os traços pareados

que estão isolados ou em serie interpretados como pegadas de artiodáctios, ou seja, cervídeos (Monforte, 2023, p.209).

Quanto a interpretação, a arqueóloga Pilar Fatás Monforte, que chefiou as recentes pesquisas em Amambay, esclarece que

> Es necesario matizar que nuestra denominación e identificación de los motivos como huellas de animales, pisadas humanas o vulvas no implica que las interpretemos como tal, aunque su morfología sea clara. De hecho, no entramos en interpretación alguna de los motivos, puesto que no hay datos que permitan, si quiera, intuir sus motivaciones, a pesar de que las comunidades indígenas sí les atribuyen un significado basado en la literalidad, ejemplo de clara reapropiación cultural de este tipo de manifestación cultural realizada por grupos culturales diferentes y alejados en el tiempo. En nuestro caso, como en cualquier otra manifestación de arte rupestre, la entendemos como expresión simbólica de los grupos que lo realizaron y de su forma de vida, en este caso, la de cazadores–recolectores (Monforte, 2023, p.210).

A Segunda categoria de grafismos está em motivo geométrico, que são um motivo de grafismo rupestre, de forma ou tipo geométrico simples, tal como círculo, linha, covinha, motivo de linhas convergentes, barras paralelas, que nos sítios de Amambay se apresentam muito variados podendo aparecer isolados ou combinados formando signos compostos. Estão diferenciados em pontos de perfurações de 1 a 2cm de profundidade e covas com maior diâmetro e maior profundidade, tendo alguns com concavidade polida pela abrasão da ferramenta com a qual foram feitas. É importante pontuar que nos motivos geométricos são abundantes "[...]os traços ou linhas, isolados, paralelos ou cruzados, retos ou curvos, em ângulo, em estrela, pente, bem como outras formas geométricas, como quadrados, círculos, trapézios, etc". Os motivos geométricos também foram classificados em representações de "vulvas" devido a sua morfologia (Coimbra, s.d, p. 14; Monforte, 2023, p.210).

A Técnica de gravura, ou seja, o método de execução aplicado na confecção dos grafismos são: incisão como uma forma de desenhar cortando uma superfície com um utensílio aguçado, nesse caso utilizando ferramenta lítica; o raspado ou abrasão da superfície rochosa e, em menor ocorrência, o picoteamento golpeando levemente uma superfície rochosa, mas de modo suficiente a obter decomposição ou desintegração da superfície da rocha. A técnica mais usada é a gravura por incisão, realizada raiando com a borda ou vértice natural de uma lasca de forma reiterada na mesma direção em ambos os sentidos. Como resultado são traços em seção curva (em "u" ou "v") e de largura e profundidade variável, desde os mais finos e superficiais até aos mais grossos e profundos. No caso da realização dos pontos, aqueles menores de dois centímetros, os pesquisadores propõem que se realizaram girando o vértice de uma lasca de forma reiterada. A técnica de gravura por picoteamento, feita através de percussão na rocha

gerando linhas de impactos repetidos criando depressões sucessivas encontradas em alguns motivos geométricos é a menos utilizada. Pilar Fatás Monforte afirma que esta forma de técnica de gravura, encontrada em motivos abstratos, era usada como técnica inicial para posterior definição e redução das superfícies, como forma de regularizar para raspagem ou abrasão (Monforte, 2023, p.210-211).

As rochas onde estão os grafismos, são de arenito e as ferramentas líticas recuperadas, são em grande maioria de arenito silicificada, o que confirma que a ação de fazer incisões na rocha seria relativamente fácil com qualquer uma das técnicas mencionadas (Monforte, 2023, p.211).

Na Imagem 9 – apresenta-se uma amostra dos grafismos rupestres em técnica de gravura em Amambay Py. Pode-se perceber os motivos gravados feitos por incisão na rocha.

Imagem 9 – Amostra de grafismos rupestres em técnica de gravura no Paraguay. Da esquerda para direita temos: pegadas de jaguar; tridígitos (pegadas de ave); traços pareados; pegadas humanas e vulva.

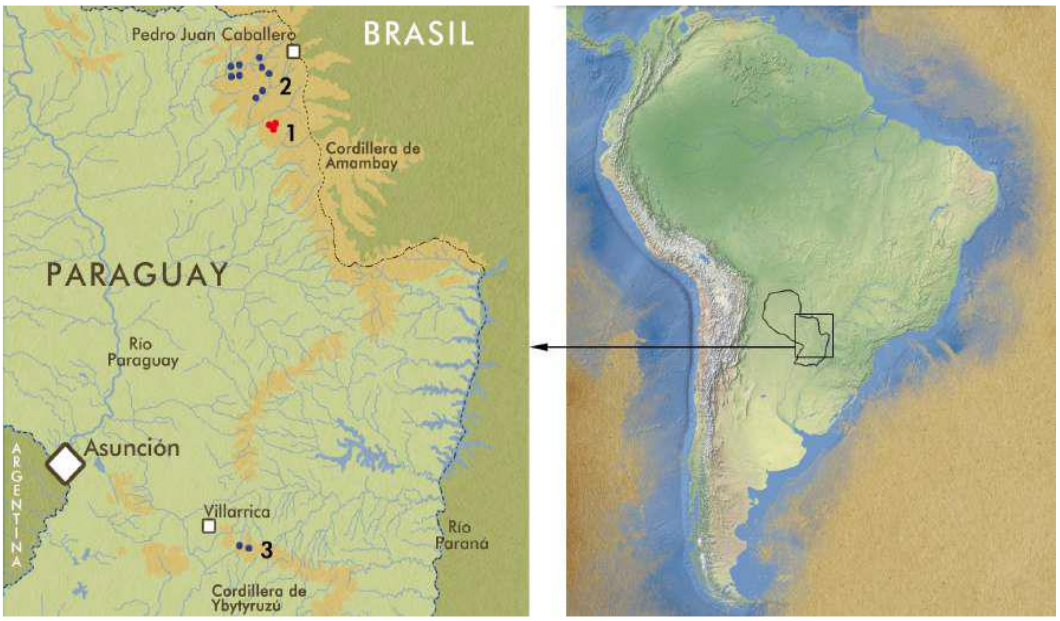
Fonte: Monforte, 2023, p. 211.

3.3.3 Localização e descrição dos Sítios arqueológicos de Amambay-PY

O Departamento de Amambay, cuja capital está em Pedro Juan Caballero, está situado na parte oriental do Paraguai fazendo fronteira, ao Norte e ao Leste, com o Estado Mato Grosso do Sul. Recebe este nome devido a serra Amambay, sendo um dos contrafortes da serra *Caagazú*, com importante massa florestal, possuindo paisagem majoritariamente plana com vários montes ao horizonte, o que levou os pesquisadores a sugerir que serviram para organizar a paisagem dos grupos de caçadores coletores que habitaram esses locais e que mais tarde serviram como lugares importantes para populações guaranis. Neste Departamento, existem doze sítios com grafismo rupestre que foram estudados e catalogados pela Diretora do Museu Nacional e Centro de Investigação de Altamira a arqueóloga Pilar Fatás Monforte e sua equipe. Destes, dez estão localizados em abrigos rochosos e dois em abrigos ao ar livre. Os sítios estudados foram: *Itaguy Guasu, Itaguy Mirî, Itaguy'i, Akuá 1, Akuá 2, Cerro Ambá 1, Cerro Kisé, Cerro Lorito, Cerro Tujao 1, Cerro Tujao 2, Cerro Ysaú 1 y Cerro Ysaú 2* (Monforte, 2023, p. 211-212).

Apresentamos na Figura 7 – a localização dos sítios arqueológicos no Paraguai que apresentam grafismos rupestres, de acordo com as últimas pesquisas. Estes estão localizados no Departamentos de Amambay e Guairá.

Figura 7 – Mapa discriminando os locais com sítios que apresentam grafismos rupestres nos Departamentos de Amambay (1 e 2) e Guairá (3). Em Amambay são 12 sítios e em Guairá 2 sítios.



Fonte: Monforte, 2023, p. 212.

3.3.3.1 Sítios em *Cerro Guasú*

Cerró Guasú é um grande morro que se estende a oeste até o rio Paraguai seguindo em direção a serra Amambay a leste e faz ligação com o Planalto Central brasileiro e a bacia do Paraná, tendo 11km de diâmetro e está a 710 metros acima do nível do mar. É considerado sagrado para a comunidade *Paî Tavyterâ* que o chama de *Jasuka Venda*, por acreditarem que nele está presente o princípio criador *Jasuka*, do qual teriam surgido os deuses, a humanidade e tudo o que habita a terra (Monforte, 2023, p. 212-213). Nesta localização foram encontrados e inventariados os sítios arqueológicos de *Itaguy Guasu, Itaguy Mirî, Itaguy'i*.

3.3.3.1.1 Sítio Itaguy Guasu

Itaguy Guasu, recebeu esse nome da comunidade *Paî Tavyterâ* e significa caverna ou grande abrigo. É um grande abrigo e está localizado na base de *Cerro Guassú* estando a 465m acima do nível do mar. Possui 50m de frente, com no máximo 9m de fundo e centro, com paredão de 12m de altura e superfície de 265 m^2 estando orientado a noroeste. Em seu paredão de 12 m de altura forma-se o afloramento de duas séries sedimentarias, sendo uma superior com estratos de conglomerados magmáticos de cristas de arenito silicificados e a inferior, que dá

forma ao abrigo, formada por uma sucessão de estratos horizontais de arenito vermelho, apresentando sucessivas laminações no formato de massa folhada que mergulha no sentido oeste-leste. O solo do abrigo contem areia proveniente da desintegração superficial da parede associada a processos erosivos e que apresenta mistura com restos de cinzas e contribuições biológicas (Monforte, 2023, p. 213).

A equipe que pesquisou este abrigo conseguiu identificar, inventariar e catalogar 1.385 motivos ou unidades gráficas, que foram entendidas como conjuntos de traços que se consideram associados. Os pesquisadores inventariaram motivos de grafismos identificados com estilo de pisadas de animais e humanas, sendo esta em maior número. Além destes, foram inventariados motivos abstratos, como pontos e cúpulas, signos em espigada e ramificados, motivos abstratos como linhas paralelas, linhas isoladas em curva, série de linhas cruzadas raiadas ou em estrela e grafismos compostos. De acordo com os pesquisadores, foram encontrados motivos gráficos que foram interpretados como "vulvas" em número de 27 e "[...] único en este sitio y escaso en el Inventario, que podría identificarse como una figura humana o antropomorfo [...]" (Monforte, 2023, p. 213-214).

Quanto a questão cronológica os pesquisadores afirmam que:

> El análisis realizado sobre la distribución de los tipos de motivos y las superposiciones localizadas no permite llegar a ninguna conclusión respecto a su cronología relativa: los temas más frecuentes –las pisadas- están en todas partes y, en el mismo sentido, en los paneles más densos –los centrales- están presentes todos los signos. Por el contrario, sí puede ser significativa la distribución de la técnica de piqueteado, con la que se realizaron muy pocos signos, pues están ubicados en situación periférica o marginal, lo que nos lleva a pensar que se realizarían posteriormente (Monforte, 2023, p. 213).

3.3.3.1.2 Sítio Itaguy Mirî

Segundo sítio a ser inventariado em Cerro Guasú. Trata-se de um abrigo e é tão grande quanto o anterior, embora seu nome na língua guarani signifique pequeno abrigo. Está localizado no extremo noroeste do morro em 458m acima do nível do mar e distante cerca de 1km de *Itaguy Guasu* e a 500 m do terceiro abrigo inventariado, *Itaguy'i* (Monforte, 2023, p. 215).

Como o sítio anterior, as paredes deste abrigo estão cobertas de gravuras que ocupam dimensões de 2m de altura, a partir do solo, nos locais centrais e até 1,5m nos extremos. Em relação ao sítio *Itaguy Guasu*, os grafismos coincidem com os descritos, diferenciando-se em quantidades. "De las 1.674 unidades gráficas inventariadas, el grupo de pisadas de animales y humanas es minoritario frente al de abstractos, un 36% frente a un 62,5 %. Entre estos últimos los motivos más numerosos son los puntos y cazoletas" (Monforte, 2023, p. 215).

Este sítio apresentou em seu inventário motivos gráficos que foram interpretados pelos pesquisadores como “vulvas” em número de 16. Além disso, apresenta 6 antropomorfos ou figuras humanas masculinas e/ou femininas que são quase idênticas as produzidas com a mesma técnica de gravura profunda e estilo do resto da gravura, diferenciando-se da mencionada em *Itaguy Guasu*.

> En este caso se componen de un trazo vertical sugiriendo el tronco que termina en un círculo que esboza la cabeza, en algún caso incluso marcados dos puntos a modo de ojos, y un triángulo en el otro extremo que sugiere una falda o faldellín; los brazos se representan con un trazo transversal que termina en sendos tridígitos orientados verticalmente a modo de manos (Monforte, 2023, p. 215).

3.3.3.1.3 Sitio Itaguy’î

Este é o terceiro abrigo em *Cerro Guasú* e é bem menor que os outros dois acima mencionados. Está situado a 500m a noroeste de *Itaguy Guasu*, estando a 457m acima do nível do mar. Possui uma espécie de pala ou marquise que se destaca a 2m de fundo. Do centro a frente abre uma pequena cavidade de perfil triangular com 6m de frente por 4,8m de profundidade e se estreita até o interior. Neste sítio, encontram-se gravuras na parede mais ao exterior bem como na parede mais ao interior da cavidade (Monforte, 2023, p. 216).

As gravuras mais ao interior do abrigo apresentam-se mais conservadas devido a estarem mais protegidas, algo que não acontece com os grafismos no exterior do abrigo. Neste abrigo foram documentados um total de cento e noventa e sete unidades gráficas ou motivos, com as temáticas já mencionadas nos outros sítios de *Cerro Guasú*, conforme demonstrado na tabela 6, elaborada pelos pesquisadores que compara e descreve os grafismos em nos três sítios já descritos. O grupo mais numeroso de grafismos são as pegadas de animais e humanas (60% do total). Entre os grafismos abstratos, destacam-se os pontos e tigelas (Monforte, 2023, p. 216-217).

> En cuanto a la técnica, en este caso mayoritariamente están realizados por incisión; y por abrasión las cazoletas o motivos de mayor superficie como las plantas de pies humanos. Al igual que en los casos anteriores aparecen pocos motivos piquetados y todos ellos en áreas periféricas de los paneles, por lo que sería lógico considerarlos de cronología posterior a los realizados por incisión y abrasión las cazoletas o motivos de mayor superficie como las plantas de pies humanos (Monforte, 2023, p. 218).

Na Tabela 6 – apresenta-se o resultado do levantamento feito pelos pesquisadores nos sítios de Amambay-PY em *Cerro Guasú*, demonstrando a quantidade e percentual das unidades gráficas (motivos) nos abrigos de *Itaguy Guasu, Itaguy Mirî, Itaguy’i*

Tabela 6 – "Tabela comparativa cuantitativa y porcentual entre las unidades gráficas de los tres abrigos de Cerro Guasú".

	Itaguy guasu	Itaguy guasu	Itaguy'i	Itaguy'i	Itaguy mirî	Itaguy mirî
Pisada humana	116	8,38%	27	13,71%	45	2,69%
Pisada de jaguar	151	10,90%	55	27,92%	54	3,23%
Pisada de ñandú (tridígito)	328	23,68%	29	14,72%	385	23,00%
Pisada de ciervo (trazos pareados)	160	11,55%	8	4,06%	121	7,23%
Vulvas	27	1,95%	15	7,61%	16	0,96%
Figura humana	1	0,07%	0	0,00%	6	0,36%
Puntos y cazoletas	178	12,85%	43	21,83%	445	26,58%
Signos en espiga y ramificados	18	1,30%	0	0,00%	17	1,02%
Series de líneas paralelas	132	9,53%	2	1,02%	157	9,38%
Líneas aisladas, en ángulo o curvas	211	15,24%	3	1,52%	270	16,13%
Series de líneas cruzadas, radiados, estrella	39	2,53%	6	3,05%	124	7,41%
Compuestos	24	1,73%	9	4,57%	34	2,03%
TOTAL	**1385**	**100,00%**	**197**	**100,00%**	**1674**	**100,00%**

Fonte: Monforte, 2023, p. 218

Na tabela 7– apresenta-se o levantamento das unidades gráficas (motivos) elaborado pelos pesquisadores demonstrando os tipos, quantidades e porcentagem em relação ao total de grafismos inventariado nos sítios de Itaguy Guasu.

Tabela 7 – "Unidades gráficas registradas en Itaguy Guasu: tipos, cantidad y porcentaje sobre el total."

Denominación	Ejemplos	Cantidad	Porcentaje
Pisada humana		116	8,38 %
Pisada de jaguar		151	10,90 %
Pisada de ñandú (tridígito)		328	23,68 %
Pisada de ciervo (trazos pareados)		160	11,55 %
Vulva		27	1,95 %
Figura humana		1	0,07 %
Puntos y cúpulas		178	12,85 %
Signos en espiga y ramificados		18	1,30 %
Series de líneas paralelas		132	9,53 %
Líneas aisladas, en ángulo o curvas		211	15,24 %
Series de líneas cruzadas; radiadas o en estrella		39	3,82 %
Compuestos y otros		24	1,73 %

Fonte: Monforte, 2023, 214

3.3.3.1.4 Akuá 1

É um abrigo que está localizado no Parque Nacional Cerro Corá numa baixa colina acima da planície. O abrigo fica localizado num pacote de extrato de arenito marrom-vermelho que mergulha em direção ao interior da colina. Com frente medindo 36m e com 6m de profundidade, estando orientado a noroeste. Na parede do abrigo foram encontradas uma colônia de fungos de coloração esbranquiçada cobrindo parcialmente parte de alguns grafismos o que afeta de maneira significativa sua conservação. Apresenta grafismo de pisadas e motivos geométricos em grandes diversidades de morfologias: pontos, tigelas, circunferências, círculos, retículas, quadrículas, linhas retas e curvas, motivos em ramos, em estrela em abanico, em

peine, No entanto, os mais característicos são as “vulvas” de distintas formas e tamanhos alinhados ou agrupadas em painéis nos estratos horizontais (Monforte, 2023, p. 218-219).

3.3.3.1.5 Akuá 2

É um abrigo que está localizado a 800m de distância de Akuá 1 e desemboca em uma junção no morro. Sua frente tem 9,5m de largura e altura máxima no centro de 1,72 m. Os grafismos encontram-se tanto em paredes como e vários blocos encontrados no solo, que apresentam diferenças entre os painéis e blocos de parede. As gravuras na parede usam técnica de incisão finas e rasas e as gravuras nos blocos no solo feitas em picoteamento resultando em sulcos largos, profundos e irregulares. Os pesquisadores consideram que as diferenças de técnicas apresentadas nas gravuras feitas nos blocos que estão no solo são posteriores. Os motivos representados, correspondem a pegadas de animais e motivos geométricos, embora com menor variabilidade morfológica (Monforte, 2023, p. 221).

3.3.3.1.6 Cerro Ambá

As gravuras localizadas na colina Ambá ou Colina Alambique encontram-se em leve saliência da parede, em plano inclinado e não erodido, localizado na parte superior do cone de detritos, na base do núcleo vertical de arenito que forma a parte superior do morro (Monforte, 2023, p. 221). Apresenta poucas unidades gráficas com motivos de pegadas de animais. Os pesquisadores identificaram cinco tridígitos e os demais grafismos são motivos geométricos, onde destaca-se uma série de linhas em forma de V formando uma ponta, com linhas relativamente largas, mas pouco profundo. Este sítio oferece pouco abrigo da chuva e por este motivo fica sujeito a erosão e apresenta uma colonização de cogumelos esbranquiçados (Monforte, 2023, p. 221-222).

3.3.3.1.7 Cerro Kisé

Este sítio está localizado numa uma pequena elevação isolada na planície, muito íngreme. Os grafismos encontram-se em camadas horizontais que compõem o piso numa superfície que varia de 1,70 m de largura a 40 cm. Segundo os pesquisadores a escolha de um local tão íngreme pra fazer gravuras é incomum. Há poucos motivos registrados, aparecendo tridígitos e os motivos abstratos são mais abundantes especialmente xícaras, linhas retas ou formando motivos radiados, em estrela ou em pente. As “vulvas” são esquemáticas sendo gravadas em por duas longas linhas, profundo, paralelo, embora ligeiramente convergindo para a sua extremidade inferior, e um sulco bastante largo e profundo, mais curto, entre ambos e em

sua seção médio-inferior. Neste sítio os pesquisadores encontraram gravuras como cavalo, nomes modernos e estrela, que hipoteticamente poderiam estar associadas a soldados que estiveram nesse local em séculos passados (Guerra do Paraguai?) (Monforte, 2023, p. 222).

3.3.3.1.8 Cerro Lorito

Este sítio é um abrigo que está localizado a leste de um pequeno vale onde se forma o riacho *Aceite-i*. Apresenta escassos motivos nas paredes, que se encontram agrupados em blocos espalhados pelo abrigo. Os motivos de pegadas de animais são mais numerosos bem os motivos abstratos, destacando os motivos de estrelas. As gravuras foram feitas por incisão, sendo especialmente finos os sulcos. Há poucos motivos na parede que são antropomorfos que foram identificados, pelos pesquisadores como figuras masculinas, em atitude muito dinâmica, com os braços levantados e correndo e alguns animais gravados. com a técnica de picoteamento. Os pesquisadores consideram que estes grafismos poderiam ser posteriores às gravuras dos blocos (Monforte, 2023, p. 223-224).

3.3.3.1.9 Cerro Tujao 1

Este sítio é um abrigo localizado no extremo sul do Cerro Tujao, dentro do Parque Nacional Cerro Corá. Em suas medidas apresenta frente de 24 m e 4 m de profundidade. Os grafismos rupestres, segundo os pesquisadores, encontram-se em superfície altamente desgastada e na superfície onde foram feitas as gravuras apresentava-se destacada em algumas áreas. As gravuras foram confeccionadas por incisão finas e rasas e algumas por picoteamento com sulcos mais largos e profundos. Os motivos de pegadas de animais e abstratos, que predominam as linhas longas de pontos, estão presentes, sendo estes os mais característicos deste local (Monforte, 2023, p. 225).

3.3.3.1.10 Cerro Tujao 2

Este sítio apresenta grafismo rupestre ao ar livre onde os motivos encontram-se no topo do *Cerro Tujao*, num afloramento horizontal de rocha arenítica avermelhada, a 320m de altitude, com estado de conservação muito ruim devido a erosão provocada por sua localização ao ar livre, e ao grande número de raízes que crescem entre as fissuras da rocha e que deram origem a importantes deslocamentos. Dois conjuntos de motivos, confeccionados por incisão, foram identificados com sulcos bastante largos e originalmente bastante profundos. O primeiro são linhas retas que forma, por vezes, ângulos e motivos romboidais. O segundo conjunto apresenta duas linhas cruzadas, uma figura geométrica composta por linhas paralelas cuja

imagem final parece ser um Y, e um motivo em forma de cruz, onde as extremidades se bifurcam na forma de tridígitos (Monforte, 2023, p. 226-227).

Imagem 10 – "Motivo geométrico en el suelo en Cerro Tujao 2. […] trazos cruzados, una figura geométrica compuesta por trazos paralelos cuya imagen final aparenta una Y, y un motivo en forma de cruz, cuyos extremos se bifurcan en forma de tridígitos."

Fonte: Monforte, 2023, p. 227

3.3.3.1.11 Cerro Ysaú 1 y Cerro Ysaú 2

Estes sítios estão localizados em *Cerro Ysaú* também conhecido como *Cerro Gasórios*. São dois afloramentos rochosos de arenito muito avermelhado e altamente estratificado. As gravuras em *Ysaú 1* apresentam-se em séries de linhas retas**,** com alguns motivos em forma de pente e tridígito, presentes no teto quanto em alguma laje de pedra no chão do pequeno abrigo. Em *Ysaú 2* os grafismos aparecem nas encostas do afloramento rochoso, predominando pinceladas largas e profundas, com motivo irradiado e um em forma de tridente (Monforte, 2023, p. 227-228).

3.4 Correlações Sítio Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e Sítios de Amambay-PY

Ao tratar das correlações[42], entendemos que se faz necessário explicar o sentido em que estamos usando esse termo. Aplicamos o entendimento do significado da palavra no sentido de correspondência, relação e similitude entre duas coisas, que nesta pesquisa diz respeito aos grafismos rupestres presentes nos sítios Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e os sítios de Amambay-PY.

[42] Correlação. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=correla%C3%A7%C3%A3o Acesso em: 12 nov. 2024. Correlação disponível em: https://www.sinonimos.com.br/correlacao/. Acesso em: 12 nov. 2024.

Assim sendo, apresentamos uma tentativa de tratar das correlações entre os sítios mencionados, conforme os dados da bibliografia pesquisada, em relação a datação, material lítico e grafismos rupestres, procurando entender sua tipologia "[...] na base de atributos escolhidos subjetivamente tal como morfologia percebida" (Coimbra, s.d, p. 21). No entanto, é preciso esclarecer que não temos pretensão de expor uma análise exaustiva, devido a limitação que temos nessa área de pesquisa.

3.4.1 Correlações em datação

Quanto as datações, os sítios no Mato Grosso do Sul e Amambay-PY, em se tratando dos grafismos em técnica de gravura conforme as pesquisas até o momento revelam, apresentam correlações em datações holocênicas, identificadas no Holoceno médio e tardio conforme apresentamos abaixo na Tabela 8.

Tabela 8 – Correlações de datação entre os sítios em Mato Grosso do Sul e Amambay-PY

SÍTIOS	DATAÇÕES	TEMPO GEOLÓGICO	Técnica de Grafismo
Templo dos Pilares-MS	3.010 – 2.720 AP (3.175 AP) – (2.840 AP)	Holoceno tardio	Gravura
Gruta da Mesa-MS	1.489±28 AP	Holoceno tardio	Gravura
Sítio *Itaguy Guasu* Amambay-PY	5.212 ± 323 AP	Holoceno médio	Gravura

Fonte: Adaptado de: Ríoz, Benítez, Afonso, 2023, p. 37; Aguiar e Souza, 2017, p. 126-130; Aguiar, 2016, p. 30-31; Corruchaga; Monforte, 2013, p. 77; Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 98; Para o tempo geológico *Cf.* International Chronostratigraphic Chart I v 2023/09 www.stratigraphy.org. Disponível em: https://stratigraphy.org/

A datação de 5.212 ± 323 AP em *Itaguy Guasu*, até o momento, e de acordo com a arqueóloga Pilar Fatás Monforte, é a mais antiga e a única datação absoluta confiável obtida por termoluminescência no *Laboratorio de Datación y Radioquímica de la Universidad Autónoma de Madrid*, com um arenito rudificado encontrado nas investigações em solo aberto em Amambay-PY, no nível estratigráfico 2 (Monforte, 2023, p. 230).

3.4.2 Correlações em material lítico

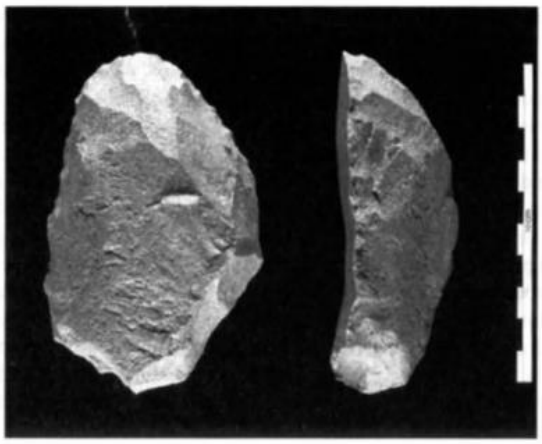
Quanto ao material lítico os sítios de Amambay-PY e Templo dos Pilares apresentam correlações em material e indústria lítica. No Templo dos Pilares, "o arenito foi a matéria prima dominante". Segundo o arqueólogo Rodrigo Luiz Simas de Aguiar, "[...] Lascamentos grosseiros em núcleos eram feitos a fim de remover a camada menos densa para chegar aos veios silicificados, mais apropriados para a produção de utensílios." Conforme este pesquisador, na área prospectada 3 foram encontrados lascas, raspadores e lâmina em abundante quantidade e estilhas em farta quantidade medindo dois milímetros o que indica micro lascamento (Aguiar, 2016, p. 29-30, 35). Em relação aos sítios em Amambay-PY os

pesquisadores afirmam que indústria lítica é proveniente de matéria prima de beirais de arenito ou quartzito, dos quais foram extraídas lascas e fabricados ferramentas líticas de lascas espessas plano convexas, das quais foi possível criar raspadores chamados de lesmas na terminologia arqueológica (Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 95).

A Imagem 11 – apresenta material lítico do sítio Templo dos Pilares em Alcinópolis-MS e material lítico do sítio *Akuá* 2, em Amambay-PY

Imagem 11 – Templo dos Pilares (imagem à esquerda): "Material lítico procedente da 'Área Prospectada 3' nível 5. " Sítio *Akuá* 2 (imagem a direta): "Raspador/raedera sobre lasca planoconvexa (limaz, limace o lesma) de Akua 2."

Fonte: Aguiar, 2016, p. 30.



Fonte: Lascheras; Fatás; Allen, 2011, p. 96

3.4.3 Correlações em grafismos rupestres

Conforme já identificamos, os sítios arqueológicos Templo dos Pilares e Gruta da Mesa apresentam grafismos em pintura e gravura. Os sítios arqueológicos de Amambay-PY apresentam somente grafismos em técnica de gravura. Para fins de estipular correlações, será considerada apenas as gravuras que estão presentes nos sítios que elencamos, haja vista a ausência de pinturas nos sítios paraguaios para fins de comparação.

O estudo sistematizado dos grafismos rupestres no Brasil permitiu identificar similaridades e diferenças observáveis nas técnicas e temáticas, conduzindo os estudiosos a segregar conjuntos de imagens semelhantes que apresentavam grande dispersão territorial, criando a denominação "Tradição", que é definida, segundo o arqueólogo Fernando Augusto Rodrigues Coimbra[43], como "os elementos de uma cultura passados de geração em geração; em arte rupestre, as formas de expressão olhadas coletivamente como pertencendo a uma entidade

[43] Curriculum Vitae. Disponível em: https://uc-pt.academia.edu/FernandoCoimbra/CurriculumVitae. Acesso em: 15 nov. 2024.

étnica específica" (Coimbra, s.d, p. 20; Viana; *et al*, 2016, p. 4). A denominação "Tradição", aplicada nos estudos de grafismos rupestres no Brasil, implica "[...] certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos" (Prous, 1991, p. 511). Ou seja, "Tradição" na "arte rupestre" brasileira é definida como

> […] el conjunto de arte rupestre con una temática o elementos técnicos idénticos que presenta una gran difusión territorial. Conjunto de elementos gráficos que permiten atribuir varios paneles o sitios arqueológicos a autores de una misma filiación cultural (Corruchaga; Monforte, 2015, p. 2133).

Os grafismos em técnica de gravuras no Brasil são classificados, a partir de critérios técnicos, em Tradição Meridional, Litorânea Catarinense e Geométrica. A **Tradição meridional**, de acordo com os pesquisadores, foi atribuída para as gravuras feitas no arenito por incisão ou polimento, presentes ao longo da escarpa do planalto meridional que domina o Rio Jacuí no Rio Grande do Sul, em matacões isoladas ou paredes de pequenos abrigos e grutas, nas quais as gravuras apresentam traços de grades, traços retos paralelos ou cruzados, traços de pisadas de aves ("tridáctilos"), traços de felinos e "vulvas". Esta Tradição marca presença no sul da Argentina, ao longo dos rios Paraná e Paraguai, estendendo-se às terras baixas da Bolívia Meridional a oeste, em Serranópolis em Goiás e ao longo do rio Araguaia ao norte (Prous, 2007a, p. 24; Prous, 2007b, *EPUB*; Gaspar, 2006, p. 46-47).

A **Tradição Litorânea Catarinense** está situada em sítios arqueológicos no litoral de Santa Catarina em ilhas distantes da costa em cerca de 15 quilômetros, orientadas para o alto-mar. Esta tradição é caracterizada por gravuras geométricas isoladas, "em paredões rochosos, costões íngremes e diaclasados" (Cezaro; *et. al*, 2011, p. 144). As gravuras em Santa Catarina foram feitas no granito através de técnica de polimento e apresentam sulcos de até 4 cm de largura (Prous, 2007a, p. 24; Prous, 2007b, *EPUB*; Gaspar, 2006, p. 46-47).

A Tradição Geométrica caracterizada por gravuras de figuras geométricas, atravessa o planalto de Sul a Nordeste, passando pelos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Esta tradição foi subdividida em **meridional**, com gravuras por vezes retocados com pigmentos em sítios não banhados por enchentes e localizados distantes de fluxos de água. Nesta tradição são comuns tridáctilos, triângulos, incisão e "vulvas". E **setentrional**, com gravuras em sítios nas proximidades dos rios, em particular as cachoeiras, onde muitos blocos de rocha são cobertos pela água durante as enchentes, levando a supor que estes locais foram escolhidos pelos autores do grafismo (Gaspar, 2006, p. 47-48).

Nos sítios em Amambay-PY, os pesquisadores notaram técnicas de gravação que foram por incisão raiando a superfície rochosa com a ponta de um instrumento lítico, com fins de obter

profundidade e larguras variáveis conforme a repetição do movimento e dureza da rocha para formar linhas em “U” ou “V”; por picoteamento onde a superfície da rocha foi percutida ou picada, com instrumento pontiagudo, que por meio de impactos criou depressões, em traços contínuos alinhados ou separados, que poderiam ser unificados por raspagem, para resultar em linhas largas e profundas, o que apaga o picoteamento anterior; e por abrasão através de fricção e raspagem usando uma lâmina larga de forma transversal possibilitando abaixar a superfície rochosa para fazer um motivo, como pegadas humanas (Corruchaga; Monforte, 2015, p. 2135).

Abaixo apresentamos algumas imagens dos sítios Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e alguns sítios de Amambay-PY, com a finalidade de buscar possíveis correlações nos grafismos, que podem ser perceptíveis, na análise visual, com aporte metodológico dos dados apresentados sobre os grafismos em técnica de gravura.

Na Imagem 12 – a esquerda, apresenta-se gravuras geométricas feitas por incisão que apresenta, ao que parece, grafismos geométricos abstratos. Na Imagem a direita, gravuras geométricas num “conjunto de representações de vulvas no sítio *Akuá*1”, conforme interpretações dos pesquisadores (Monforte, 2023, p. 220). Nota-se que a técnica de confecção dos grafismos é a mesma para ambos os sítios que demonstram as formas geométricas nos sulcos que aparentam tipo de gravura por incisão.

Imagem 12 – Grafismos abstratos Templo dos Pilares (esquerda); Gravura em representações de “vulvas” sítio *Akuá* 1 (direita).

Fonte: Arquivo fotográfico Trilha Rupestre-UFMS

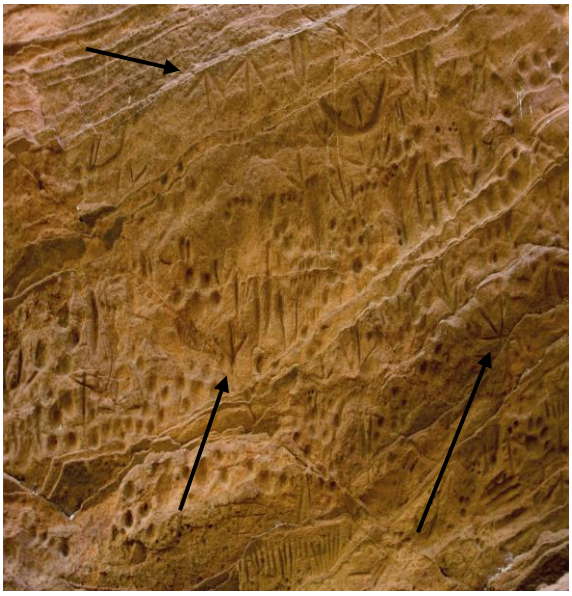
Fonte: Monforte, 2023, p. 220

Na imagem 13 – a esquerda e abaixo, apresenta-se respectivamente gravura de tridígitos no sítio Gruta da Mesa (esquerda) e Templo dos Pilares (abaixo). São muito semelhantes na forma geométrica e de incisão. A imagem à direita do sítio *Itaguy Guasu*, apresenta diversos

grafismos num único painel, no entanto, percebe-se, na parte superior, ao meio e inferior do painel rochoso, gravuras de tridígitos (indicados por setas). Os demais motivos apresentam-se como pegadas de jaguar e humanas, linhas retas verticais paralelas ao centro e na parte inferior, traços pareados, pontos dispersos e agrupados. Nesta última imagem, destacamos as gravuras de tridígitos, presentes nas gravuras dos sítios brasileiros que elencamos.

Imagem 13 – Comparação de grafismos rupestres presentes nos sítios Gruta da Mesa, Templo dos Pilares e Itaguy Guasu-Amambay-PY. Grafismos em técnica de gravura, que apresentam correlações nos tridígitos.

Fonte: Arquivo fotográfico Trilha Rupestre-UFMS



Fonte: Monforte, 2023, p. 220

Fonte: Arquivo fotográfico Trilha Rupestre-UFMS

Na imagem 14 – apresenta-se a esquerda gravuras por incisão em rocha no sítio Gruta da Mesa, onde percebe-se a maior incidência de linhas retas e paralelas verticais. No sítio *Akuá* 1, a direita, apresenta-se gravuras em incisão, onde há incidência de linhas retas e paralelas verticais, de forma semelhante ao sítio Gruta da Mesa.

Imagem 14 – Comparação de Gravuras em incisão sítio Gruta da Mesa e sítio *Akuá* 1. Grafismos geométricos confeccionados por incisão

Fonte: Arquivo fotográfico Trilha Rupestre-UFMS

Fonte: Monforte, 2023, p. 220

Na Tabela 9 – apresentamos de forma sintética os dados das correlações entres os sítios Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e Sítios em Amambay-PY, que apreciamos nesta pesquisa.

Tabela 9 – Síntese das correlações dos Sítios arqueológicos Templo dos Pilares; Gruta da Mesa; Sítios em Amambay-PY.

CORRELAÇÕES	TEMPLO DOS PILARES	GRUTA DA MESA	SÍTIOS AMAMBAY-PY
Datações	**Tempo Geológico**	**Tempo Geológico**	**Tempo Geológico**
	Holoceno Tardio 3.010 – 2.720 AP (3.175 AP) – (2.840 AP)	Holoceno Tardio 1.489±28 AP	Holoceno Médio 5.212 ± 323 AP (Sítio *Itaguy Guasu*)
Material Lítico	Arenito (matéria prima); lascas, raspadores, lâminas	Raspador plano convexo	Arenito (matéria prima); Quartzito, lascas, Raspadores
Grafismos	**Técnica de grafismo GRAVURA**	**Técnica de grafismo GRAVURA**	**Técnica de grafismo GRAVURA**
	Gravuras geométricas abstratas	Gravura geométrica Tridígitos	Gravura geométrica Tidígitos (Sítio *Itaguy Guasu*) Gravuras geométricas "Conjunto de representações de vulvas" (sítio *Akuá*1)
		Gravura geométrica Linhas verticais retas e paralelas	Gravura geométrica Linhas verticais retas e paralelas (Sítio *Akuá* 1)

Fonte: Adaptado de: Monforte, 2023, p. 220; Ríoz, Benítez, Afonso, 2023, p. 37; Aguiar e Souza, 2017, p. 126-130; Aguiar, 2016, p. 30-31; Relatório preliminar, 2023, p. 08, 14. Para o tempo geológico *Cf*. International Chronostratigraphic Chart I v 2023/09 www.stratigraphy.org. Disponível em: https://stratigraphy.org/.

Conclusão

Os grafismos rupestres no Brasil atraíram olhares desde os inícios do período colonial, por meio dos registros escritos dos primeiros viajantes, exploradores, religiosos, aventureiros, naturalistas e militares, durante o século XVI – XVII que estiveram a serviço das nações europeias.

Neste período, os primeiros registros dos grafismos rupestres na região nordeste e sudeste (Capitania de São Vicente), foram carregados de interpretações mítico religiosas, através dos padres jesuítas, que usaram essas primeiras interpretações num bojo religioso, como forma de validar a catequização dos povos originários, agindo, assim, dentro das concepções e perspectivas culturais colonizadoras da época.

Já no século XVIII o olhar sobre os grafismos rupestres começa a mudar, através do Padre Francisco Teles de Meneses, quando surge o primeiro o registro de 274 sítios arqueológicos na região nordeste, que vieram a possibilitar as primeiras interpretações atribuídas aos grafismos como uma forma de linguagem e como forma de referência astronômica.

Contudo é somente no século XIX no período do Brasil Império que devido a inclinação de Dom Pedro I e Dom Pedro II pelo antiquarismo e a criação do Museu Nacional no Rio de Janeiro e a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que o olhar para os grafismos rupestres vai caminhar na esteira das primeiras pesquisas arqueológicas empreendidas no Brasil, através de Peter Wilhem Lund, que em Lagoa Santa, na então província de Minas Gerais, depara-se com pinturas rupestres. Com essa notícia acontece um maior interesse de diversos viajantes naturalistas, artistas e pesquisadores que viajam pelo território brasileiro fazendo suas pesquisas e registrando os grafismos rupestres que encontram. Dentre eles estão o antropólogo Karl Friedrich Philipp von Martius, o botânico Auguste de Saint Hilaire, o geólogo Charles Friedrich Hartt e o pesquisador brasileiro Tristão de Alencar Araripe que elabora o primeiro trabalho mais extenso sobre “arte rupestre” que rompe com a interpretação mítica dada a autoria dos grafismos. É no século XIX que a preocupação pela busca da autoria dos grafismos rupestres ganha maior interesse e nesse ponto, surgem os primeiros entendimentos que tais grafismos são atribuídos a época muito antiga, porém, em perspectiva de pesquisas arqueológicas feitas no velho mundo, a chamada “arqueologia mitológica”, conforme a arqueóloga Gabriela Martin (2005, p. 26) denomina.

Em fins do século XIX e inícios do século XX, e adentrando pelo mesmo, a arqueologia já fomentada no Brasil, reforçada pela existência dos museus e criação de universidade, e já

institucionalizada, permite que o olhar dos pesquisadores se volte para as motivações dos autores dos grafismos rupestres que foram interpretados como, por exemplo, fruto do ócio e como inscrições lapidares mortuária. Ou seja, os pesquisadores no século XX começam a ter o interesse de interpretar o significado das pinturas e gravuras rupestres. Foi um século profícuo para a arqueologia e os estudos voltados para o campo de grafismo rupestre. O importante papel exercido por Paulo Duarte de promover no Congresso Nacional a aprovação da Lei Federal 3.924 de 1961, que aborda sobre a proteção do patrimônio arqueológico, que permitiu a formação acadêmica de arqueólogos brasileiros, possibilitou o empreendimento de uma missão franco-brasileira com a participação do geógrafo Joseph Emperaire e a arqueóloga Annette Laming-Emperarire que se dedicaram as pesquisas voltadas para arte rupestre, permitindo criar a metodologia de documentação e análise, obtenção das primeiras datações e a inserção no contexto cultural pré-histórico brasileiro.

Com uma arqueologia mais acadêmica e profissional no século XX, surge o PRONAPA capitaneado pelo casal norte americano Betty Meggers e Clifford Evans, que durante o período de 1965-1970 efetuou levantamentos arqueológicos em nível nacional, o que permitiu mapear sítios arqueológicos, datação de material arqueológico e aplicação de metodologias de seriação. Foi nesse período que se destacam Niéde Guidon e André Prous no campo de pesquisa dos grafismos rupestres espalhados nas regiões geográficas do Brasil, segmentando-os em Tradições, para indicar as permanências de traços distintivos temáticos.

Desde o século XX já se tem consolidado o entendimento que os sítios arqueológicos, com pesquisas de datações que apresentaram grafismos rupestres, são pré-históricos. São, portanto, pinturas e gravuras rupestres atualmente atribuídas a grupos humanos de caçadores coletores, que povoaram a América do Sul desde o Pleistoceno final/tardio. Isto faz parte do atual *status quaestionis* em relação a ocupação do continente americano, no qual o antigo paradigma Clovis, cuja cultura lítica associada a ossos de bisões e mamutes já se encontra ultrapassada, devido a um novo paradigma que considera o Ultimo Máximo Glacial (UMG-26.500 a 19.000 AP) para ocupação humana na América do Sul. Encontra-se dentro desta situação de ocupações muito antigas, por exemplo, os achados arqueológicos do sítio de Monte Verde no Chile e Santa Elina em Mato Grosso, com datações Pleistocênicas, sendo que neste último há grafismos rupestres.

Este ponto foi importante a se considerar nesta pesquisa, pois era preciso enfatizar que há sítios arqueológicos no Brasil que apresentam, conforme as pesquisas demonstram, datações antigas, além de pontuar a não homogeneidade da ocupação do território brasileiro por estes

grupos humanos e dentre estes locais está a região Centro-Oeste e o Mato Grosso do Sul, onde existem sítios arqueológicos que estão na transição Pleistoceno – Holoceno.

Graças aos programas de pesquisa arqueológica empreendidas no Centro-Oeste e no Mato Grosso do Sul, como o Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul (PAMS), que foi possível catalogar e registar a existência de 90 sítios com grafismos rupestres que apresentam técnica de pintura e gravura que foram executados ao longo de 12 mil anos de história, presentes em municípios de Aquidauana, Corumbá, Ladário, Coxim, Alcinópolis, Costa Rica, Chapadão do Sul, Pedro Gomes, Paranaíba, Rio Negro, Rio Verde, Corguinho, Jaraguari, Maracaju, Antônio João e Jardim.

Atualmente temos o recente Programa Institucional de Extensão Trilha Rupestre que exerce papel fundamental como iniciativa inovadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) para valorizar o potencial arqueológico de Mato Grosso do Sul, através de pesquisas arqueológicas e fomento de práticas de bioeconomia, economia criativa e práticas educativas, que visam iniciativas que envolvam a população local e o turismo. Dentre os municípios contemplados pelo programa, destaca-se o Município de Alcinópolis devido à grande concentração de sítios arqueológicos num total de 24, conhecidos até 2016, e atualmente 41 sítio cadastrados no IPHAN – MS, que apresentam grafismos rupestres com pinturas e gravuras. Dentre estes sítios está o Templo dos Pilares e o mais recente nas pesquisas no Mato Grosso do Sul, o Sítio Gruta da Mesa, também localizado em Alcinópolis.

São estes sítios arqueológicos que selecionamos, pois já foram escavados, para esta pesquisa, e estes sítios apresentam grafismos rupestres que propomos correlacionar com os sítios arqueológicos de Amambay-PY por apresentarem similaridades morfológicas.

O Sítio Templo dos Pilares (MS-AL-01), atualmente, é o que concentra maior acervo de grafismos rupestres dentre os sítios arqueológicos do Mato Grosso do Sul. É um sítio pesquisado desde 2016 e apresenta grafismos em técnica de pintura e gravura, sendo que há gravuras sobrepostas em algumas pinturas. As escavações feitas neste sítio permitiram identificar ocupações em momentos distintos, o que levou os pesquisadores a afirmar datações de ocupações no Holoceno Inicial, Holoceno Médio e Holoceno Tardio, atribuindo dentro destes períodos atribuição de autoria de pinturas aos grupos humanos caçadores coletores e as gravuras aos grupos humanos ceramistas, sendo que as gravuras apresentam estilo similar a Tradição Geométrica Meridional. Quanto ao material lítico encontrado neste sítio, foi possível os pesquisadores encontrarem artefatos líticos em lascas e produção de raspadores

O Sítio Gruta da Mesa, como dissemos, é o mais recente nas pesquisas arqueológicas no Mato Grosso do Sul. As pesquisas tiveram início em 2023. Este sítio da mesma forma que o

Sítio Templo dos Pilares, apresenta grafismos rupestres em técnica de pintura e gravura e quanto a questão de sua ocupação pretérita, ainda se encontra sob pesquisa postulada em hipóteses levantadas pelos pesquisadores. O que temos em resultado de pesquisas são as datações feitas em restos de carvão, cuja mais antiga foi identificada no Holoceno Tardio e em material lítico que os pesquisadores encontraram, até o momento, raspador plano convexo.

Quanto ao panorama de pesquisas arqueológicas no Paraguai, ficou claro a diferença em relação ao Brasil, pois apresentam os inícios de pesquisas muito recentes o que vem acarretar em poucas publicações científicas. Ou seja, enquanto no Brasil os grafismos rupestres já eram observados desde o século XVI, no Paraguai esta realidade só aconteceu na década de 1940. No entanto, algo idêntico aconteceu em ambos os países, que foi a atribuição da autoria dos grafismos rupestres a outra civilização que não se encontra em terras americanas, mas em civilizações antigas conhecidas na Europa. Mas, graças a pesquisadores como Jacques de Mahieu, Vicente Pistilli e Jim Woodman, um tom de entendimento mais científico para a autoria dos grafismos rupestres passou a ser levado em consideração.

As pesquisas sobre grafismos rupestres no Paraguai são recentes e tiveram início em 2008, mas já apresentaram bons resultados permitindo inventariar e catalogar 12 sítios arqueológicos no Departamento de Amambay que apresentaram homogeneidade em relação a temas e técnicas. A temática em duas categorias: temas de pisadas e temas abstratos geométricos e a técnica utilizada é a gravura. Em relação as datações o Sítio *Itaguy Guasu*, é o que apresenta a datação mais segura até o momento, situada no Holoceno Médio.

Para esta pesquisa o que nos interessou, em relação aos grafismos rupestres nos sítios localizados em Alcinópolis, são os confeccionados em técnica de gravura, para possíveis correlações com os sítios em Amambay-PY, que apresentam somente grafismos em técnica de gravura, o que permitiu postular as correlações com as gravuras presentes nos sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa.

Após apresentar a descrição dos sítios em Amambay-PY partimos para as possíveis correlações em datações, material lítico e grafismos rupestres, entre os Sítios Templo dos Pilares, Gruta da Mesa e Sítios de Amambay-PY.

Neste estudo as correlações foram efetuadas no sentido de similaridades entre os sítios arqueológicos, no entanto, não fizemos uso de muito material de imagem, mas selecionamos alguns que julgamos mais comuns entre os comparados. As correlações dos sítios arqueológicos que possuem grafismos rupestres no Brasil em Mato Grosso do Sul, sítios Templo dos Pilares e Gruta da Mesa em Alcinópolis e em Amambay – Paraguai demonstram que:

1. Os sítios correlacionados possuem datações similares no Holoceno;

2. O material lítico apresenta correlações em matéria prima e em indústria lítica;
3. Os grafismos em técnica de gravura apresentam correlações:
    a) Em técnica de confecção, pois são feitos através de incisão na rocha;
    b) Em motivos correlatos em tridígitos e em linhas verticais retas e paralelas.

Os resultados desses dados visam cooperar com a pesquisa entre Brasil e Paraguai e pode ser ampliada e aprofundada. Pela limitação que temos e para não estender mais a pesquisa, as correlações que apresentamos, em relação a parte dos grafismos pode ser mais ampla se compararmos mais material de imagem e correlacionar. Por enquanto é o que temos, e desejamos que esta monografia possa ser o passo inicial para mais aprofundamento nas correlações de sítios arqueológicos com grafismos rupestres na América do Sul e demonstrar que sempre estivemos conectados por “algum tipo de rede”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, R. L. S. **Arte rupestre em Mato Grosso do Sul**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 60 p. ISBN: 978-85-8147-091-7.

AGUIAR, R. L. S. **Templo dos Pilares – Alcinópolis.** Dourados: Ed. UFGD, 2016.

AGUIAR, R. L. S.; LANDA, B. S; GOETTERT, J. D. Reflexões sobre as relações entre a arte rupestre de Alcinópolis, o contexto regional de pinturas e gravuras e a mobilidade de povos caçadores e coletores em Mato Grosso do Sul. **Revista Ñanduty**, Dourados, v. 4, n.4, p. 64–73. p. 64-73, 2016. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/5350.

AGUIAR, R. L. S.; SOUZA, J. C. A escavação no Sítio Arqueológico Templo Dos Pilares e sua relação com a ocupação humana e a produção de Arte Rupestre. **Clio Arqueológica,** Recife, v. 32, n. 2, p.118-138, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/246408/35513.

ALLAN, A.; ANDRADE, F.; RANGEL JR, M. J. Origem e dispersão dos humanos modernos. *In*: NEVES, W. A.; RANGEL JUNIOR, M. J.; MURRIETA, R. S. S. (org.). **Assim Caminhou a Humanidade.** 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2022, p. 252-253.

ARARIPE, Tristão de Alencar (1887). Cidades petrificadas e inscrições lapidares no Brasil, **Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 1, Rio de Janeiro. Cidades Petrificadas. Disponível em: https://archive.org/details/CidadesPetrificadasEInscripcoesLapidaresNoBrazil/page/n5/mode/2up?view=theater. Acesso em: 23 ago. 2024.

ARAÚJO, Vinícius de Carvalho. Divisão de opiniões: a saga do divisionismo sulista em Mato Grosso. *In*: RODRIGUES, Cândido; JOANONI NETO, Vitale (org.). **Nova história do Mato Grosso contemporâneo**. Cuiabá: EdUFMT, 2018, p. 169-196.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**: São Paulo, n. 44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.

BEBER, Marcos Vinícius. **Arte Rupestre do Nordeste do Mato Grosso do Sul** – RS. PUC – RS. 1994. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – PPG Curso de Pós-Graduação em História Área de Concentração em Arqueologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

BITTAR, Marisa. Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso. **Multitemas** – Periódico das comunidades departamentais da UCDB, Campo Grande, n. 15, p. 93-124, out. 1999.

BÖEDA, Eric; BALAREZO, Antonio Pérez. **Poblamiento temprano de los Andes Centrales a la luz de las nuevas evidencias paleoamericanas: perspectivas desde la tecnología lítica**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361444975_Poblamiento_temprano_de_los_Andes_Centrales_a_la_luz_de_las_nuevas_evidencias_paleoamericanas_perspectivas_desde_la_tecnologia_litica . Acesso em: 22 out. 2024.

BRAMBILLA, L. R. T. **El passado arqueológico en Mato Grosso do Sul – Brasil**: un análisis a través del Museu de Arqueología da la UFMS. Campo Grande: Ed. UFMS, 2023, 250 p.

BRAMBILLA, L. R. T. **Projeto Escavação Arqueológica no Sítio Gruta da Mesa 1 em Alcinópolis/MS**, 2023 – IPHAN (não publicado).

BRANDÃO, Alfredo. **A Escrípta Prehístoríca do Brasíl** (Ensaío de Interpretação) com um appendíce sobre a Prehistoria de Alagoas. Edição Illustrada. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A. Bibliotheca de Divulgação Scientipica, v. XI, 1937.

BRANDENBURGER, Clemente. **Nova Gazeta da Terra do Brasil**. Do Instituto Histórico Brasileiro. Texto, Traducção, Glossário Commentario. Livraria Edanee, 1922.

BUENO, L. Arqueologia do povoamento inicial da América ou História Antiga da América: quão antigo pode ser um 'Novo Mundo'? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**: Belém, v. 14, n. 2, p. 477 – 496, mai – ago 2019.

BUENO, Lucas Bueno; DIAS, Adriana. Povoamento inicial da América do Sul: contribuições do contexto brasileiro. **Estudos Avançados**: São Paulo, v. 29, n. 83, p. 119-147, 2015.

CALDERONI, Valéria Aparecida M. O; MUSSI, Vanderléia P. L. **Culturas e história dos povos indígenas:** 5º Módulo. Desconstruindo preconceitos sobre os povos indígenas. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014.

CARRIS, Luciene. O engenheiro afro-baiano Theodoro Sampaio e a cultura indígena nas primeiras décadas do século XX. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 1-19, 2023. Disponível em: https://journals.openedition.org/terrabrasilis/13403. Acesso em: 04 set. 2024.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. As pegadas de São Tomé: Ressignificações de Sítios Rupestres. **Revista de Arqueologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 121-137, 2008. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/254.

CEZARO, Hérom Silva de; BRAGA, Ariana Silva; SANTOS, Marcos César Pereira; ZOCCHE, Jairo José; CAMPOS, Juliano Bitencourt. A Arte Rupestre Do Extremo Sul Catarinense: o caso do Sítio Malacara I –Santa Catarina – Brasil. **Revista Tecnologia e Ambiente**, Santa Catarina: v. 17, p. 133-149, 2011.

COIMBRA, Fernando. **Glossário de Arte Rupestre**. Disponível em: https://www.academia.edu/1369998/Gloss%C3%A1rio_de_arte_rupestre. Acesso em: 14 nov. 2024.

CORRUCHAGA, J. A. L.; MONFORTE, P. F. El "estilo de pisadas" en América del Sur. XIX International Rock Art Conference – Ifrao. Lisboa -PT: **Arkeos**, n. 37, p. 2131-2144, 2015.

CORRUCHAGA, J. A. L.; MONFORTE, P. F. Itaguy Guasu un abrigo con grabados de pisadas y abstractos en el Cerro Guasú (Amambay, Paraguay): su contexto en América del Sur. **Espacio, tiempo y forma. Serie I Prehistoria y arqueología** n. 6, 2013. p. 55–85. ISSN 1131-7698 e-ISSN 2340-1354.

COSENTINO, Francisco Carlos. Construindo o Estado do Brasil: instituições, poderes locais e poderes centrais. *In*: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). **O Brasil colonial 1443-1580**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. v. 1 p.521-527.

DIAS, Adriana Schmidt. Um réquiem para Clovis. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**: Belém, v. 14, n. 2, mai – ago 2019. p. 459 – 476.

DILLEHAY, T. D. *et al*. New Archaeological Evidence for an Early Human Presence at Monte Verde, Chile. **PLOS ONE**, San Francisco, v. 10, n. 12, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0141923. Acesso em: 23 out. 2024.

DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

ELLYS, Myriam. As bandeiras na expansão geográfica do Brasil. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. A época colonial. Tomo 1: do descobrimento à expansão territorial. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 319.

FUNARI, P. P. A. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. **Cienc. Cult.** vol.65 no.2 São Paulo Apr./June 2013. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200010. Acesso em: 29 ago. 2024.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FUNARI, P. P. A.; NOELLI, F. S. **Pré-História do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 81-110.

GALDINO, Sérgio; VIEIRA, Luiz Marques; PADOVANI, Carlos Roberto; SORIANO, Balbina Maria Araujo. **RBRH – Revista Brasileira de Recursos Hídricos**, Porto Alegre, v. 9, n.2, Abr/Jun 2004, 125-133.

GALICIA, Aline Lara; MAESTRO, Carmen Pérez (org.). **Fauna y Manifestaciones Rupestres en América Latina**. Sevilla España: Editorial: Enredars Publicaciones, 2024. 172 p. ISBN: 978-84-09-61495-0.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. A conquista da costa Leste-Oeste. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. A época colonial, v. 1: do descobrimento à expansão territorial. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.216.

HOSTNIG, Rainer; Ruesta, Pedro Vásquez. Capítulo 6 Los cérvidos en el arte rupestre andino-peruano: aspectos iconográficos y distribución geográfica. *In*: GALICIA, Aline L.; LOPES, Luis A. Martos (org.). **Territórios rupestres em la América Latina**. Sevilla España: Editorial: Enredars Publicaciones, 2024. p. 99-126.

ISNARDIS, Andrei. Semelhanças, diferenças e rede de relações na transição Pleistoceno-Holoceno e no Holoceno inicial, no Brasil Central. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**: Belém, v. 14, n. 2, mai – ago 2019. p. 399 – 427.

JUSTAMAND, Michel. As Pinturas Rupestres do Brasil: Memória e identidade ancestral. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 1, n. 2, p. 118-141, jan./abr. 2014.

JUSTAMAND, Michel; MARTINELLI, Suely Amâncio; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; SILVA, Soraia Dias de Brito e. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas. **Rev. Arqueologia Pública**: Campinas, v. 11, n. 1, p.130-172, 2017. ISSN 2237-8294.

JUSTAMAND, Michel; MARTINELLI, Suely Amâncio; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de. As principais teorias explicativas acerca da arte rupestre: o uso da magia no Parque Nacional Serra da Capivara-PI, Brasil, um estudo de caso. **Rev. Anuário de Arqueologia**: Rosario, n. 10, 2018, p. 93-110.

JUSTAMAND, Michel; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; FILHO, Antoniel dos Santos Gomes. As principais teorias explicativas acerca da arte rupestre: um estudo de caso. **Rev. Internacional Encontro das Ciências**: Rosario, v. 3, n. 1, 2020, p. 93-110.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. **Catálogo de artefatos cerâmicos arqueológicos de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2019.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Petróglifos Sul-Americanos.** Berlim: Edição Ernst Wasmuth S/A, 1907.

LASCHERAS, José A.; FATÁS, Pilar; ALLEN, Fernando. Arte rupestre em Paraguay: sítios com grabados de estilo de pisadas associados a indústria lítica sobre lasca planoconvexas .

MARQUES, Carina Domingues. A Arte Rupestre. **Monções**, Coxim, v. 3, n. 4, p. 21-36. 2016.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 4 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

MELGUEIRO, Edilson Martins. **O Nheengatu de Stradelli aos Dias Atuais**: uma contribuição aos estudos lexicais de línguas Tupí-Guaraní em perspectiva diacrônica – DF. UNB. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Depto. de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2022. p. 28.

MELLO, J.A. Gonsalves de. O domínio holandês na Bahia e no Nordeste. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. A época colonial. Tomo 1: do descobrimento à expansão territorial. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

MESGRAVIS, Laima. **História do Brasil Colônia**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MONFORTE, Pilar Fatás. Capítulo 9 Arte Rupestre de Paraguay: Grabados de pisadas y abstractos. *In*: GALICIA, Aline L.; LOPES, Luis A. Martos (org.). **Territórios rupestres em la América Latina.** Sevilla España: Editorial: Enredars Publicaciones, 2023 p. 206-233.

NEPOMUCENO, Clara Alice. **Arqueologia pré-histórica de Alcinópolis - Mato Grosso do Sul**: Educação Patrimonial e o Programa de Extensão Trilha Rupestre – UFMS. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

NEVES, Eduardo Góes. O rio Amazonas: fonte de diversidade. **Revista del Museo de La Plata**, La Plata, v. 4, n. 2, p. 385-400, 2019.

NOBREGA, Manoel. **Cartas jesuítica I.** Cartas do Brasil do Padre Manoel Nobrega 1549-1560. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, dezembro, 1886.

OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História geral da Civilização Brasileira**. O Brasil monárquico, v. 1: O processo de emancipação. Tomo II. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 141.

OLIVEIRA, Ana Lúcia do Nascimento; ANDRADE, Juliana Alves de; ARAGÃO, Luiz Adriano Lucena. O conceito de Pré-história nos livros didáticos de História no Brasil. **PerCursos**, Florianópolis, v. 21, n.47, p. 277-302, set./dez. 2020.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. O Centro-Oeste antes de Cabral. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 142-189, dezembro/fevereiro 1999-2000.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibeli Aparecida. **Pré-História da Região Centro-Oeste do Brasil**. Diponível em: https://www.equiponaya.com.ar/congreso2000/ponencias/Jorge_Eremites_de_Oliveira.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

PESSIS, Anne-Marie. Registros rupestres, perfil gráfico e social. **Clio Arqueológica,** Recife, n. 9, p. 7-14, 1993.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014, 203 p.

Projeto: Escavação Arqueológica no Sítio Gruta Da Mesa 1 em Alcinópolis/MS.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 1992.

PROUS, André. **Arte pré-histórica do Brasil**. 1 ed. Belo Horizonte: Arte, 2007. 128 p.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**: a pré-história do nosso país. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. *EPUB*.

PROUS, André. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. **Revista USP**, São Paulo, v. 34, p. 8-21, jun./ago. 1997.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). **Revista Diálogos**, Maringá: UEM, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006.

Resultados preliminares da escavação do sítio arqueológico Gruta da Mesa, município de Alcinópolis, Mato Grosso do Sul. Primeira etapa 25 de setembro a 07 de outubro de 2023.

RIBEIRO, Loredana. **Os significados da similaridade e do contraste entre estilos de arte rupestre**: um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-Médio São Francisco. 2006. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RÍOZ, Sérgio D.; BENÍTEZ, Ruth A.; AFONSO, Mirtha. Antecedentes y avances del Arte Rupestre En Paraguay. *In*: **II Congreso Internacional de Arte Rupestre**. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia. Diciembre de 2023. p. 36-38

SAMPAIO, Theodoro. TESCHAUER, Carlos. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIV e a etnografia indígena**. Salvador: Progresso. 1955.

SCHÜLLER, R. **A Nova Gazeta da Terra do Brasil**. Anais da Biblioteca Nacional, vol. XXXIII, 1915.

SIERPE Víctor; MARTIN Fabiana; PALACIOS Cristóbal; ARECHETA, Constanza; CARAVANTES, Francisca; TENEB, Ernesto. **Arqueología de Cerro Guido y Sierra Baguales, Chile**: avances en la reconstrucción de sociedades cazadoras-recolectoras de ambientes de estepa y montaña al noreste de Magallanes. Disponìvel em: https://www.researchgate.net/publication/356997672_Arqueologia_de_Cerro_Guido_y_Sierra_Baguales_Chile_avances_en_la_reconstruccion_de_sociedades_cazadoras-recolectoras_de_ambientes_de_estepa_y_montana_al_noreste_de_Magallanes?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6ImhvbWUiLCJwYWdlIjoic2VhcmNoIiwicG9zaXRpb24iOiJwYWdlSGVhZGVyIn19. Acesso em: 04 dez. 2024.

SILVA, Daniela Cisneiros. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara** – PI. UFPE. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Orlando Sampaio. O Antropólogo Herbert Baldus. **Revista de Antropologia**, São Paulo – USP, v. 43, n. 02, p. 23-79, 2000.

SUAREZ, Rafael. **Nuevas puntas para reescribir la prehistoria del Uruguay (y Sudamérica)**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333703728_Nuevas_puntas_para_reescribir_la_prehistoria_de_Uruguay_y_Sudamerica. Acesso em: 22 out. 2024.

SUAREZ, Rafael. **Nuevas puntas para reescribir la prehistoria del Uruguay (y Sudamérica)**. 2019. Disponível em: https://ladiaria.com.uy/ciencia/articulo/2019/6/nuevas-puntas-para-reescribir-la-prehistoria-del-uruguay-y-sudamerica-el-trabajo-del-arqueologo-rafael-suarez-en-los-sitios-tigre-y-pay-paso-de-artigas/. Acesso em 22 out 2024.

SUÁREZ, Rafael. Tecnología lítica e conjunto de artefactos utilizados durante el poblamiento temprano de Uruguay. **Chungara Revista de Antropología Chilena**, Santiago, v. 47, n. 1, 2015, p. 67-84.

SUAREZ, Rafael. Tecnología Lítica y conjunto de artefactos utilizados durante el poblamiento temprano de Uruguay. **Revista de Antropología Chilena, Chungara**, v. 47, n. 1, p. 67-84, 2015.

SUAREZ, Rafael; PIÑEIRO, Gustavo; BARCELÓ, Flavia. Living on the river edge: The Tigre site (K-87) new data and implications for the initial colonization of the Uruguay River basin. **Quaternary International**: v. 473, Parte B, p. 242-260, 2018. ISSN 1040-6182, https://doi.org/10.1016/j.quaint.2017.08.024. https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1040618217306663. Acesso em 22 out 2024.

TANAKA, Cintia M.; VICENTE, Renato. Os Neandertais. *In*: NEVES, W. A.; RANGEL JUNIOR, M. J.; MURRIETA, R. S. S. (org.). **Assim Caminhou a Humanidade**. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2022, p. 232.

VIANA, Verônica; BUCO, Cristiane; SANTOS, Thalison dos; SOUSA, Luci Danielli. Arte rupestre. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.).

Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

VIEIRA CAVALCANTE, Thiago Leandro. As pegadas de São Tomé: ressignificações de sítios rupestres. Sítios Rupestres. **Revista de Arqueologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 121-137, 2008. Disponível em: https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/254.

VILHENA-VIALOU, Agueda; VIALOU, Denis. Manifestações simbólicas em Santa Elina, Mato Grosso, Brasil: representações rupestres, objetos e adornos desde o Pleistoceno ao Holoceno recente. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**: Belém, v. 14, n. 2, mai – ago 2019. p. 343 – 365.

Sites consultados

Antártida. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%A1rtida#:~:text=A%20primeira%20pessoa%20que%20avistou,das%20Ilhas%20Sandwich%20do%20Sul. Acesso em: 27 nov. 2024.

Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara - Sudeste do Piauí. Disponível em: https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/arqueologia/arq10.shtml. Acesso em: 20 set. 2024.

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA/SGPA. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa. Acesso em: 13 set. 2024.

Carta dirigida por el doctor Carlos Teichmann al doctor Viriato Díaz-Pérez, director del Museo Nacional del Paraguay. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/estudios-y-resenas--0/html/ffaebeb4-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_10_. Acesso em: 12 set. 2024.

Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 13 set. 2024.

Diálogos das Grandezas do Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logos_das_Grandezas_do_Brasil. Acesso em: 22 ago. 2024.

Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/87

International Chronostratigraphic Chart I v 2023/09 www.stratigraphy.org. Disponível em: https://stratigraphy.org/ Acesso em 10 out 2024. Pleistoceno. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pleistoceno Acesso em: 10 out. 2024.

Itacoatiaras do Rio Ingá (PB). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/824. Acesso em: 26 ago. 2024.

MORA, Fernando de la. **Atlas Censal del Paraguay.** p. 27. Disponível em: https://www.ine.gov.py/publication-single.php?codec=35 Acesso em 20 nov. 2024.

IV Encontro da Associação Brasileira de Arte Rupestre. Disponível em: https://www.sabnet.org/informativo/view?TIPO=1&ID_INFORMATIVO=32. Acesso em: 13 set. 2024.

Mato Grosso do Sul História. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/historico. Acesso em: 15 out. 2024.

Niéde Guidon: 50 anos na defesa da Serra da Capivara, maior tesouro rupestre das Américas. Disponível em: https://brasil.mongabay.com/2023/07/niede-guidon-50-anos-na-defesa-da-serra-da-capivara-maior-tesouro-rupestre-das-americas/. Acesso em: 20 set. 2024.

Pleistoceno. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pleistoceno. Acesso em: 26 jul. 2024.

Rio Araçagi. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Ara%C3%A7agi#cite_note-Archeo-5. Acesso em: 22 ago. 2024.

Sociedade de Arqueologia Brasileira. Disponível em: https://www.sabnet.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=604 Acesso em: 13 set. 2024.

Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_Cristina_de_Bourbon-Duas_Sic%C3%ADlias#cite_note-31. Acesso em: 05 set. 2024.

Tom Dillehay. Disponível em: https://www.archaeologychannel.org/tac-events/international-film-festival/157-archived-festival-pages/keynote-speakers/665-about-tom-dillehay. Acesso em: 10 out. 2024.

Normas técnicas consultadas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação — Citações em documentos. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2023. ISBN 978-85-07-09733-4.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação — Trabalhos Acadêmicos — Apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. ISBN 978-85-07-09733-4. ISBN 978-85-07-02680-8.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: Informação e documentação -Artigo em publicação periódica técnica e/ou científica – Apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. ISBN 978-85-07-07520-2.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação — Referências — Elaboração. Versão corrigida 2. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. ISBN 978-85-07-07757-2.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: Informação e documentação — Numeração progressiva das seções de um documento — Apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2012. ISBN 978-85-07-03247-2.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: Informação e documentação — Sumário — Apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2012. ISBN 978-85-07- 03955-6.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: Informação e documentação — Resumo, resenha e recensão — Apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2021. ISBN 978-85-07-08477-8.

IBGE. Normas de apresentação tabulação. 3. ed. Rio de Janeiro. 1993.